

ANNA THEREZA PATRÍCIO BEUTTENMÜLLER BEZERRA

**ASPECTOS DO FENÔMENO RELIGIOSO NO CONTEXTO DA
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA NA PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. M^a Lúcia Abaurre Gnerre

JOÃO PESSOA – PB

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ASPECTOS DO FENÔMENO RELIGIOSO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA NA PARAÍBA

ANNA THEREZA PATRÍCIO BEUTTENMÜLLER BEZERRA

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes
professores:

Profª Drª Maria Lúcia Abaurre Gnerre
Orientadora – PPGCR

Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos
Membro - externo – USP

Profª Drª Eunice Simões Lins Gomes
Membro - PPGCR

AGRADECIMENTOS

À Deus, “...inteligência suprema causa primária e primeira de todas as coisas.”

Aos meus pais, Gilberto – *in memoriam* – e Penha, pelos cuidados no lar e os ensinamentos morais que me acompanham pela vida.

Aos meus irmãos Ana Cláudia - *in memóriam* -, e Gilvandro pela oportunidade do exercício da fraternidade

À Vovinha, avó materna - *in memóriam* -, pelo exemplo de coragem e alegria que sempre me fortaleceu a fé, a esperança e o amor.

Ao meu esposo Ricardo, companheiro de todas as horas, pelo apoio nas minhas conquistas pessoais e profissionais.

Aos meus filhos, Ricardo Giovanni, Déborah e Anna Luíza, por me ensinarem a ser uma pessoa melhor.

Aos meus netos, Pedro e Gabriel, dois amores, que acalmam meu passo e minha vida.

À Prof^a Dr^a Lúcia Abaurre, minha orientadora, pelo acolhimento, companheirismo, incentivo e apoio nas diferentes fases desse estudo.

Aos Prof. Dr. Fabrício Possebon e a Prof.^a Dr^a Eunice Simões, ex-coordenadores deste Curso, pela coragem, incentivo e competência na condução desse Mestrado.

À todos os professores do Mestrado em Ciências das Religiões, pela competência, disponibilidade e afeto com que conduziram suas disciplinas.

Aos autores que contribuíram na construção deste trabalho.

Aos colegas de turma, pela convivência e aprendizado.

À todos os integrantes do JOTEC, que me confiaram contar a história do Grupo, seus projetos, conquistas e por acreditaram no meu trabalho.

Aos colegas de trabalho do Instituto Federal da Paraíba, particularmente às colegas e amigas da Coordenação de Apoio ao Estudante (CAEST), pela compreensão, apoio e incentivo aos meus estudos.

Aos alunos do IFPB, pelo aprendizado que me oferecem a cada dia, em particular à M^a Laíz, pela colaboração na formatação desse estudo.

RESUMO

Este trabalho teve como principal objetivo interpretar as expressões de religiosidade dos participantes do JOTEC – Jovens Cristãos, grupo de jovens alunos do Instituto Federal da Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* João Pessoa. O referido Campus trata-se de uma instituição voltada para o ensino técnico e tecnológico, o que, a princípio, pode nos levar a pensar num corpo discente afastado da religião, indiferente às expressões de fé, do sagrado e das tradições religiosas. Nossa pesquisa, no entanto, aponta justamente a presença e a importância da religiosidade nesse contexto. Os objetivos específicos foram: 1- Especificar o contexto educacional em que estão inseridos os jovens estudantes do IFPB em termos de disciplina e exigência de estudo; 2- Caracterizar o perfil dos participantes em termos de sexo, faixa etária, escolha da área profissional e escolhas religiosas; 3- Descrever as práticas religiosas do Grupo para verificar a relação das mesmas com os depoimentos sobre as inquietações espirituais e existenciais dos participantes a partir dos materiais impressos produzidos por eles; 4- Analisar as imagens contidas nos materiais gráficos utilizados pelo Grupo para divulgação das atividades à luz da Teoria Geral do Imaginário, construída por Gilbert Durand. Para a compreensão desses objetivos, utilizamos categorias analíticas envolvendo temas, tais como ciências das religiões, educação, juventude, jovem, ambiente tecnológico e religiosidade. A metodologia utilizada foi quanti-qualitativa com observação, aplicação de questionários para construir o perfil desse Grupo e entrevistas semi-estruturadas, além da análise documental com o material impresso produzido pelo Grupo para realização dos principais eventos religiosos que organiza. A pesquisa teve como foco as lideranças do JOTEC, tendo sido coletados também dados sobre o subgrupo que tem o funcionamento no turno da tarde. Realizamos, assim, uma pesquisa descritiva que possibilitou registrar a presença da religião nesse ambiente educacional, identificar o grupo religioso existente, verificar como a religião está inserida no cotidiano escolar e identificar os eventos religiosos realizados pelo Grupo constatando o significado dessas práticas religiosas para seus integrantes. Coletamos também dados sobre as falas expressas nas orações, leituras bíblicas, músicas e nas conversas informais com os líderes e participantes. Dessa forma, pudemos atestar a presença da religiosidade no ambiente educacional tecnológico, registrar a presença de ritos, símbolos e imagens que contam a organização religiosa de um grupo de jovens cristãos, alunos do Instituto Federal de Educação Tecnológica da Paraíba – *Campus* João Pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Ciências das Religiões. Educação. Juventude. Jovem. Ambiente Tecnológico. Religiosidade.

RESUMÉ

L'objectif principal de ce travail a été celui d'interpréter les expressions de religiosité des membres du JOTEC – Groupe de jeunes étudiants chrétiens de l'IFPB (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba), *campus* João Pessoa. Ce *campus* a pour but l'enseignement technique et technologique, ce qui, *a priori*, pourrait nous faire penser à l'existence d'un écart entre les étudiants et la religion, lesquels seraient indifférents aux manifestations de la foi, du sacré et des traditions religieuses. Pourtant, notre recherche nous indique la présence et l'importance de la religiosité dans ce contexte d'enseignement technologique. Les objectifs spécifiques de la recherche ont été les suivants : 1. Définir le contexte éducationnel des jeunes étudiants de l'IFPB en ce qui concerne la discipline et le niveaux d'exigence des études ; 2. Etablir le profil des participants en termes de sexe, de tranche d'âge, de choix de la filière professionnelle et des convictions religieuses ; 3. Décrire les pratiques religieuses du groupe – JOTEC – pour vérifier leurs rapports avec les témoins des participants concernant leurs soucis spirituels et existentiels présents dans leur production écrite ; 4. analyser les images présentes dans les matériaux graphiques utilisés para le groupe pour la diffusion des activités à la lumière de la Théorie Générale de l'Imaginaire, construite par Gilbert Durand . Pour atteindre les objectifs de la recherche, nous avons utilisé des catégories analytiques portant sur les thèmes suivants: science des religions, éducation, jeunesse, jeune, environnement technologique et religiosité. La méthodologie utilisée a considéré des aspects quantitatifs et qualitatifs et s'est servie de l'observation, de l'application de questions pour construire le profil du groupe étudié et des entretiens demi-structurées. L'analyse du matériel produit par le groupe pour la réalisation des principaux événements religieux que le groupe organise n'a pas été négligée. La recherche a porté, principalement, sur les dirigeants du JOTEC, pourtant, des données sur le sous-groupe qui se réunit dans l'après-midi ont été recueillis. Nous avons réalisé, ainsi, une recherche descriptive qui a possibilité constater la présence de la religion dans cette ambiance éducationnelle, identifier le groupe religieux existant, vérifier comme la religion est insérée dans le quotidien scolaire et identifier les événements religieux réalisés pour le groupe, tout en constatant la signification de ces pratiques religieuses pour les participants. Nous avons recueillis aussi des données sur les mots exprimés dans les prières, les lectures bibliques, les musiques et dans les entretiens informelles avec les dirigeants et les participants. Ainsi, nous avons pu atester la présence de la religiosité dans l'ambiance educationnelle technologique, enregistrer la présence des rites, des symboles et des images qui forment l'organisation religieuse d'un groupe de jeunes chrétiens formé par des étudiants de l'Institut Fédéral d'Éducation, Science et Technologie de Paraíba – Campus João Pessoa.

Mots-clés: Sciences de la Religion. Jeunesse. Jeune. Éducation. Ambiance Technologique. Religiosité.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Atividade Sistemática, reunião semanal: Pátio. Arquivo: JOTEC, 2011.....	24
Foto 2 - Atividade Assistemática, piquenique: “Bica” 2011.....	34
Foto 3 - Atividade Assistemática, reunião em casa de um membro do Grupo, 2011.....	34
Foto 4 - Atividade Assistemática, “II Semana de Encontro com Deus”, 2009.....	81
Foto 5 - Atividade Assistemática, “III Semana de Encontro com Deus”, 2009.....	85
Foto 6 - Atividade Assistemática, “III Semana de Encontro com Deus”, 2010.....	88
Foto 7 - Camiseta (frente e costas), “III Semana de Encontro com Deus”, 2010.....	89

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Capa Caderno JOTEC	32
Imagem 2 - Convite 1 Atividade Sistemática JOTEC - Fonte: Arquivo JOTEC, 2009....	72
Imagem 3 - Logomarca JOTEC.....	76
Imagem 4 - Convite 2 Atividade Sistemática JOTEC. Fonte: Arquivo JOTEC, 2009.....	79
Imagem 5 - Convite 3 Atividade Assistemática JOTEC. Fonte: Arquivo JOTEC, 2009..	80
Imagem 6 - Convite 4 encaminhado aos setores do IFPB, 2010.....	86

LISTA DE CARTAZES

Cartaz 1 - Cartaz: “II Semana de Encontro com Deus”, 2009.....	83
Cartaz 2 - Cartaz: “III Semana de Encontro com Deus”, 2010.....	88
Cartaz 3 - Cartaz enigmático: A vergonha, 2010.....	92
Cartaz 4 - Cartaz enigmático: Águas, (01), 2010.....	94
Cartaz 5 - Cartaz enigmático: Águas, (02 e 03), 2010.....	95
Cartaz 6 - Cartaz enigmático: Queda, 2010.....	98
Cartaz 7 - Cartaz: Pit stop, S/D	99

LISTA DE GRÁFICOS LIDERANÇAS

Gráfico 1 – Sexo.....	104
Gráfico 2 - Faixa etária.....	105
Gráfico 3 - Área profissional.....	106
Gráfico 4 – Escolha religiosa.....	107

LISTA DE GRÁFICOS PARTICIPANTES

Gráfico 5 – Sexo.....	114
Gráfico 6 - Faixa etária.....	114
Gráfico 7 - Área profissional.....	115
Gráfico 8 - Escolha religiosa.....	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
I - CONHECENDO O JOTEC: religiosidade no contexto tecnológico.	15
1.1 O que é JOTEC.....	15
1.2 As atividades do grupo.....	21
1.3 O Caderno JOTEC.....	30
1.4 A liderança.....	37
1.5 A organização da liderança.....	39
1.6 Tempo de juventude e ritos de passagem.....	45
II - RELIGIÃO: conceitos, símbolos e cotidiano	59
2.1 Religião: conceitos e cotidiano.....	60
2.2 Contribuições da Psicologia.....	63
2.3 As imagens à luz da Teoria de Gilbert Durand.....	67
2.4 Analisando as imagens das atividades.....	71
2.5 Encontro com Deus.....	81
III - O JOTEC POR ELES MESMOS	102
CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS	127
Caderno JOTEC.....	128
Questionário de pesquisa.....	139

INTRODUÇÃO

A ideia de trabalhar com a religiosidade de jovens foi construída ao longo da minha trajetória profissional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* João Pessoa, instituição pública, onde trabalho desde 1995. A atividade profissional que desenvolvo no Instituto como psicóloga está ligada ao Serviço de Psicologia que pertence à Coordenação de Apoio ao Estudante, CAEST. Entre as atividades desenvolvidas pelo Serviço de Psicologia está o atendimento psicológico aos jovens. Nos momentos da escuta, as queixas dos alunos têm trazido à tona questões relacionadas às dificuldades comportamentais, emocionais, como também a aspectos da sua religiosidade.

Em 2009, quando me iniciei como aluna especial no Mestrado em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba, resolvi escrever sobre o Grupo “Jovens de Cristo”, o JOTEC, com o objetivo de apresentar um trabalho no I Congresso Regional de Ciências da Religião, realizado pela Universidade Federal de Sergipe, na sua capital Aracajú. Nesse momento foi possível perceber que o Grupo possuía uma sólida estrutura, despertando assim para uma realidade até então desconhecida em sua essência e complexidade. A partir desse trabalho, construí meu pré-projeto de pesquisa para concorrer a uma vaga ao mestrado em Ciências das Religiões, em 2010.

Por se tratar de uma instituição voltada para o ensino técnico e tecnológico, com um grande número de disciplinas voltadas para a formação profissional, podemos pensar, a princípio, num corpo discente afastado da religião, indiferente as expressões de fé, do sagrado e das tradições religiosas.

O currículo escolar do Ensino Técnico Integrado ao Médio, ofertado pelo IFPB, é composto de três eixos temáticos: Trabalho; Ciência e Tecnologia; e Cultura. Além disso, traça uma proposta de interdisciplinaridade em interface com os Conhecimentos Gerais, os Conhecimentos Específicos e os Temas transversais, permeados pelos três eixos anteriormente citados. Mesmo assim, o que podemos perceber é uma necessidade de vivenciar a religiosidade de forma bem particular, como também a presença de um constante diálogo entre o profano e o sagrado nas dependências da instituição.

Essa situação motivou o desenvolvimento de uma pesquisa descritiva que possibilitasse registrar a presença da religião nesse ambiente educacional, identificar o

grupo religioso existente, verificar como a religião está inserida no cotidiano escolar e identificar os eventos religiosos realizados por esse Grupo na Instituição, verificando o significado dessas práticas religiosas para seus integrantes.

A presença de um Grupo com práticas religiosas era percebida por mim e por alguns colegas de trabalho como um simples encontro de jovens, que nos intervalos das aulas reuniam-se para cantar, fazer orações, divertir-se, coisas da juventude. No entanto, à medida que investigava as atividades realizadas por eles, através das suas lideranças, ia percebendo que além de uma cuidadosa organização, há entre seus integrantes uma grande paixão pela causa cristã.

Os estudos sobre o comportamento do jovem¹ no que tange ao uso de drogas, violência e sexualidade, entre outras temáticas, possuem uma grande produção bibliográfica, mas com relação às suas manifestações religiosas estas pesquisas são raras ou pouco divulgadas. Com relação ao JOTEC, inexistiam documentos contando a história desse Grupo.

Em meio às transformações das instituições religiosas clássicas, os jovens do Instituto desafiam e (re)constroem os modos de ser jovem na atualidade, através de práticas religiosas extra-templos, sem a presença de líderes religiosos formais, fato que requer um estudo mais aprofundado à luz das Ciências das Religiões. Essas foram as razões que motivaram nosso estudo, sendo, portanto, essa a principal justificativa do mesmo.

Dessa forma, realizamos uma pesquisa descritiva a fim de conhecermos o que é o Grupo JOTEC, utilizando pesquisa de campo para levantarmos informações necessárias a esse conhecimento. Utilizamos ainda de pesquisa documental, tendo como referência para isso um Caderno escrito pelas lideranças do Grupo, bem como os materiais gráficos produzidos para divulgação dos eventos.

Esse trabalho tem como principal objetivo interpretar as expressões de religiosidade dos participantes do JOTEC, grupo de jovens alunos do Instituto Federal da Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* João Pessoa.

Os objetivos específicos desta pesquisa foram os seguintes: 1- Especificar o contexto educacional em que estão inseridos os jovens estudantes do IFPB em termos de disciplina e exigência de estudo; 2- Caracterizar o perfil dos participantes em termos de

¹ Sobre o conceito de jovem, e estudos na área, CF. RIBEIRO Cláudio R., ESTEVES, Luiz C.G., ABRAMOVAY, Miriam.

sexo, faixa etária, escolha da área profissional e escolhas religiosas; 3- Descrever as práticas religiosas do Grupo para verificar a relação das mesmas com os depoimentos sobre as inquietações espirituais e existenciais dos participantes a partir dos materiais impressos produzidos por eles; 4- Analisar as imagens contidas nos materiais gráficos utilizados pelo Grupo para divulgação das atividades à luz da Teoria Geral do Imaginário, construída por Gilbert Durand, e que nos servirá de base para analisarmos o imaginário religioso desses jovens através dos ritos e símbolos existentes nas práticas religiosas do JOTEC.

Para compreensão desses objetivos, utilizamos categorias analíticas envolvendo temas como: educação, juventude, jovem, ambiente tecnológico e religiosidade, o que exigiu amparo na literatura apropriada.

Para compreender como o fenômeno religioso se manifesta neste contexto educacional, consideramos importante iniciar este capítulo apresentando um pouco do perfil da instituição. O IFPB não tem em seu currículo qualquer disciplina voltada à religiosidade, entretanto, os alunos têm buscado entre seus pares uma convivência com o sagrado, criando formas de exteriorizar a dimensão da transcendência, principalmente os jovens que cursam o Ensino Técnico Integrado ao Médio.

Criada como Escola de Aprendizes Artífices da Paraíba, no ano de 1909, a Instituição tinha o ensino voltado para os meninos na faixa etária entre 10 e 13 anos de idade, oriundos da classe trabalhadora, que recebiam um ensino profissionalizante em Marcenaria, Alfaiataria, Sapataria e Encadernação, com o objetivo de tirá-los da rua. Mais adiante, em 1937, foi transformada em Liceu Industrial, destinado ao Ensino Profissional, formando jovens nos Cursos em nível de 2º Grau: Técnico em Construção de Máquinas e Motores e o de Tecnólogo de Pontes e Estradas. (LIMA, 1995)

Em 1941, o Liceu é transformado em Escola Industrial de João Pessoa, também conhecida como Escola Industrial Federal da Paraíba, denominação que adotou até 1959. No ano de 1967, passou a ser denominada Escola Técnica Federal da Paraíba, oferecendo Cursos na área de Mecânica, Estradas e de Eletrotécnica. Nesse período, a instituição ainda continuou responsável pela formação de mão de obra qualificada na área técnica, oferecendo ensino profissionalizante especializado. (LIMA, 1995)

A partir de 1999, tornou-se Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba, CEFET, iniciando um avanço em sua trajetória, passando a oferecer Cursos Superiores em Tecnologia. Essa denominação foi mantida até o final de 2008, quando passou a ser

reconhecida como Instituição formadora de Tecnólogos, elevada à categoria de Ensino Superior, sendo transformada pela Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008 em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. O IFPB, instituição pública federal, é oficialmente laica, completou, em 2009, 100 anos dedicados à formação técnica profissional no Estado da Paraíba.

O Instituto atualmente ministra ensino profissionalizante de nível Técnico Integrado ao Médio, Técnico Subsequente e Superior, nos seus 09 (nove) Campi: João Pessoa, Cabedelo, Cajazeiras, Campina Grande, Monteiro, Patos, Princesa Isabel, Picuí e Sousa. O Campus João Pessoa, o mais antigo e lócus desta pesquisa, possui em torno de cinco mil alunos distribuídos nos três turnos.

Ao longo da sua história, as atividades comemorativas na Instituição incluíram apenas a celebração de missas nos seus eventos. Com o passar do tempo, outras religiões foram incluídas como parte dessas festividades; em princípio a Evangélica e, mais adiante, a Doutrina Espírita. A celebração de missas era bastante comum nos momentos de dor diante da morte de alunos ou servidores, como também em Ação de Graças pelas conquistas e sucessos alcançados, como por exemplo, na conclusão de Cursos.

O ingresso na instituição para os três níveis de ensino acontece através de seleção, considerada difícil, em que há destinação de vagas para alunos tanto da rede privada, quanto da rede pública de ensino, que concorrem por sistema de cotas, além de percentual destinado aos que possuem necessidades especiais. Os Cursos em que a maioria dos participantes do Grupo estão matriculados oferecem habilitação em: Controle Ambiental, Edificações, Eletrotécnica, Eletrônica, Mecânica e Instrumento Musical.

Em nossa pesquisa, utilizaremos o conceito de juventude por considerarmos que está mais próximo da realidade desses alunos, que se submetem a uma seleção bastante concorrida na busca, em grande parte, de um maior acesso no mercado de trabalho. Com uma carga horária de estudo bastante intensa, o jovem termina por dedicar grande parte do seu dia às atividades escolares, permanecendo em horário integral na instituição. Sendo assim, ele deixa muitas vezes de vivenciar momentos próprios da juventude que possibilitariam uma passagem para a vida adulta através de um processo biopsicossocial e espiritual.

A dimensão religiosa, parte integrante do desenvolvimento do ser humano, acontece muitas vezes na vida destes jovens a despeito dos olhares dos adultos e pode ser

observada em diversas formas de expressão como o vocabulário, a música, o vestuário, além das atividades religiosas promovidas por eles.

A metodologia utilizada foi quanti-qualitativa com observação, aplicação de questionários para construir o perfil desse Grupo e entrevistas, além da análise documental com o material impresso produzido por eles para realização dos principais eventos religiosos que organizam. Por se tratar de um Grupo que possui um movimento e uma dinâmica flutuante em termos de dias, horários e número de participantes, a pesquisa teve como foco as lideranças do JOTEC, tendo sido coletados também dados sobre o sub-grupo que tem o funcionamento no turno da tarde, por ser este o turno em que desenvolvemos nossas atividades profissionais e o levantamento quantitativo foi feito com uma amostragem integral desse sub-grupo.

Para a pesquisa qualitativa foram abordadas as lideranças do JOTEC dos três turnos, entrevistadas através de um roteiro semi-estruturado. A pesquisa aconteceu no ambiente institucional, especialmente na área de convivência dos alunos. Quanto à observação, esta foi realizada no decorrer dos rituais organizados por eles. Foram coletados, ainda, dados nas falas expressas nas orações, leituras bíblicas e até nas conversas informais com os participantes. Utilizamos ainda a análise de conteúdo que auxiliou na sistematização dos dados coletados na observação, nos materiais impressos, bem como nas entrevistas.

Os suportes teóricos do texto ancoram-se em autores contemporâneos, tendo na perspectiva das Ciências das Religiões o romeno Mircea Eliade como um dos grandes inspiradores. Na antropologia, José G. C. Magnani e Roberto da Matta, foram autores importantes para compreendermos o espaço urbano na atualidade. Quanto ao que se refere ao tema da juventude, o trabalho foi estruturado com base em autores da área da psicologia, a exemplo de Victor Frankl com sua teoria da busca de sentido que o ser humano precisa encontrar para percorrer sua trajetória de vida. No que tange especificamente às Ciências das religiões, ressaltamos as contribuições de autores como Filoramo e Prandi, e Greschat.

As principais contribuições desse estudo situam-se na compreensão do fenômeno religioso no contexto tecnológico, a partir do trânsito cotidiano de práticas religiosas. Os jovens do IFPB são convidados a construir sua religiosidade em percursos caracterizados pela dimensão transcendente contidos nos ritos, símbolos, e cultos religiosos.

Ressaltamos ainda a interação entre diferentes denominações religiosas, principalmente de evangélicos e católicos, aproximadas pelo uso intensivo das leituras bíblicas que, neste caso, parece transpor diferenças denominacionais.

Assim, o resultado deste estudo foi estruturado em quatro capítulos. O capítulo introdutório destina-se à apresentação da justificativa, à contextualização do local onde foi desenvolvido o estudo; o objetivo geral e os específicos; à apresentação preliminar do que vem a ser o Grupo JOTEC; às categorias que serão analisadas; à metodologia, à estrutura e os limites do trabalho.

No segundo capítulo, apresentamos o Grupo JOTEC com seus objetivos, organização, características, funcionamento e atividades desenvolvidas, como também referências teórico-conceituais sobre juventude, que possibilitaram compreender nosso objeto de pesquisa. Já no terceiro capítulo apresentamos algumas reflexões sobre as Ciências das Religiões, enquanto categoria científica, utilizando contribuições de várias ciências, a saber: a sociologia da religião, a antropologia da religião e a psicologia da religião, utilizadas com mais expressão em nosso trabalho.

Nossa pesquisa foi embasada em algumas escolas do conhecimento científico sobre religião, refletindo sobre os múltiplos olhares das ciências da sociologia da religião, da antropologia da religião e da psicologia da religião.

No quarto e último capítulo apresentamos os resultados obtidos em nossa pesquisa de campo, que utilizou entrevistas com uma amostra das lideranças do Grupo, como também com alguns integrantes do Grupo, por conveniência.

Apresentamos outras informações sobre os participantes do sub-grupo do JOTEC que funciona no turno da tarde, turno em que desenvolvemos nossas atividades profissionais, como forma de enriquecer o trabalho.

Coletamos também dados sobre as falas expressas nas orações, leituras bíblicas, músicas e até nas conversas informais com as lideranças e com os seus participantes, informações valiosas que foram apresentadas ao longo desse trabalho.

Diante dos resultados obtidos, esperamos que o presente estudo venha contribuir para compreensão da dimensão transcendental do jovem aluno do IFPB – Campus João Pessoa, confirmando assim sua necessidade de amparo espiritual, oferecida pela religião, em particular pelo cristianismo.

I - CONHECENDO O JOTEC: religiosidade no contexto tecnológico

Neste capítulo vamos saber o que vem a ser o Grupo Jovens de Cristo, mais conhecido como JOTEC, e ainda conhecer e analisar as expressões de religiosidade apresentadas pelos alunos integrantes desse Grupo. Sendo os sujeitos da nossa pesquisa estudantes do Ensino Médio, vivenciando o período da juventude, vamos trazer algumas concepções teóricas sobre esse tema, por considerarmos importante sua compreensão para o entendimento do fator religioso. Abordaremos também nesse capítulo os conceitos, a importância e significados dos ritos de passagem, em particular o rito de passagem da puberdade.

Os jovens urbanos encontram nas cidades grandes diferentes espaços para o lazer e múltiplas possibilidades de encontro e sociabilidade entre seus pares. Os alunos do IFPB, ao ingressarem no Ensino Médio, passam a ter uma rotina acadêmica, com grande exigência de tempo para os estudos, ficando assim com pouco tempo livre para o entretenimento.

Estando no Ensino Médio, os jovens são convidados a construir muitas competências, mas é necessário que sejam oferecidas oportunidades para isso. Entre essas competências estão: saber ouvir e respeitar a opinião do outro, trabalhar em grupo, conviver com as diferenças, selecionar o que é significativo, aprender a aprender, criticar, argumentar, experimentar e tomar decisões.

O JOTEC proporciona, além da sociabilidade de seus participantes, a oportunidade de construção dessas competências e a vivência da religiosidade de forma lúdica, dentro da demanda de suas necessidades.

1.1 O que é JOTEC

“É o coração que sente Deus, não a razão.”

Pascal

O Grupo “Jovens de Cristo”, JOTEC, é um grupo formado, em sua maioria, por alunos do Ensino Técnico Integrado ao Médio do IFPB – Campus João Pessoa, e foi criado em agosto de 1987, por um ex-aluno do Curso Técnico de Eletrotécnica, proficiente de religião Evangélica, da então Escola Técnica Federal da Paraíba, a partir de

experiências bem sucedidas de encontros entre os jovens evangélicos que na época estudavam na Instituição, incluindo a religiosidade em suas variadas expressões na sua rotina de estudos. Desde essa data, os jovens alunos da então ETFPB, hoje IFPB, participam sistemática e assystematicamente de atividades religiosas de diferentes denominações cristãs.

O JOTEC tem como objetivo principal realizar o estudo da Bíblia e evangelizar os alunos frequentadores das suas reuniões. O Grupo se caracteriza por uma estrutura aberta, tanto quanto à sua acessibilidade, como quanto às denominações religiosas que o compõem. A forma de entrada dá-se unicamente pelo desejo de participação, não havendo, desse modo, qualquer impedimento para participar das suas atividades, sendo necessário apenas que estejam presentes no local e hora em que os encontros são realizados.

Também não existe, *a priori*, controle de frequência ou restrições a entradas e saídas dos seus participantes, que se movimentam livremente nesse espaço. O grupo possui uma coordenação geral e representantes nos três turnos, mantendo porém os mesmos objetivos e a mesma sistemática.

A grande maioria dos participantes do JOTEC são jovens, alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Médio, de ambos os sexos e com idade predominante entre treze e dezoito anos, vivenciando dessa forma uma fase em que ocorrem muitas mudanças em suas vidas. Em menor proporção, participam também os alunos dos Cursos Técnicos Subsequentes, cursos destinados àqueles que já concluíram o ensino médio regular, como também os alunos dos Cursos Superiores, considerados minoria entre eles.

As denominações religiosas representadas no grupo são, em sua maioria, evangélicas, das igrejas: Presbiteriana, Congregacional, Batista, Assembleia de Deus e Sara Nossa Terra. Os Católicos, embora minoria, também frequentam o grupo, registrando-se ainda a presença daqueles que se denominam como ateus, que na opinião de seus representantes participam em busca de explicações para seus questionamentos transcendentais, pelas suas inquietações em relação aos conflitos próprios dessa fase do seu desenvolvimento; enquanto os espíritas têm pouca representatividade. O fato é que o Grupo também se constitui num espaço em que é possível conviver com a diversidade religiosa.

Os alunos que frequentam o JOTEC, rapazes e moças, são aceitos com a mesma condição, independente da questão de gênero, do curso que estudam, da etnia e da sua religião.

Para Bettelheim (1988),

O sentimento de pertencer desenvolve-se primeiro e principalmente dentro da família e do lar, e apenas com base nessa primeira experiência estende-se mais tarde à vizinhança, à pátria, ao grupo étnico e à religião aos quais nossos pais pertencem. (BETTELHEIM, 1988, p.271),

Na juventude, junto com a necessidade de pertencer ao grupo surge todo um sofrimento psíquico diante das incertezas da vida. Weber, citado por Martelli (1995), afirma que a origem da religião acontece na experiência que cada homem experimenta com o próprio sofrimento ou com o sofrimento do outro. O jovem, em vivências grupais, possuindo a mesma problemática dos seus pares, própria dessa fase da vida, ao mesmo tempo em que se prepara para o mundo adulto, ao compartilhar o sofrimento, parece aliviar as dores mais profundas do seu ser.

Para Buralassi, citado por Martelli (1995), em relação aos jovens italianos,

a crise do associacionismo manifesta-se no aparecimento de uma multiplicidade de grupos espontâneos, caracterizados por tensões, nas relações entre a fé e compromisso humano, na obediência à hierarquia e na orientação para a ação (individualista ou coletiva). (MARTELLI, 1995, p.383)

O JOTEC, enquanto grupo formado espontaneamente, parece identificar-se com as características dos jovens italianos, estando ambos vivenciando a crise própria desse momento do seu desenvolvimento, permeada de tensões psíquicas, instabilidade no campo das emoções e das crenças, questionamentos quanto às relações com seus pais ou responsáveis, nas relações de autoridade e na tendência tanto ao isolamento quanto à formação de grupos.

Na perspectiva de Ferreira Santos, (2004), podemos também pensar que esse Grupo tem criado no Instituto uma cultura imaterial,² apresentada pelo autor como o

² A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte

patrimônio observado na cultura de uma nação, representada por todas as formas tradicionais e populares de cultura que são transmitidas de forma oral ou através de gestos, modificadas pelo processo de recriação coletiva à medida que o tempo passa. Esta percepção, de acordo com o autor, levou à valorização de uma série de coisas que até então só podiam ser inferidas através dos objetos, a exemplo de festas, os cultos religiosos, as relações humanas, os saberes envolvidos nessa produção simbólica, os conhecimentos dos fazeres tradicionais, suas formas de expressão e os *lugares*.

Para Ferreira Santos, (2004), os edifícios podem ser tombados pelo patrimônio histórico arquitetônico, mas não a *forma* como eles são utilizados. O espaço, o lugar onde são produzidas as práticas simbólicas e onde as trocas simbólicas acontecem como nas feiras, nos mercados, nos santuários, entre outros, deve ser preservado; tais locais não têm valor arquitetônico consagrado e não podem ser tombados, mas precisam ser preservados em seu registro. A feira não se *tomba*, vive-se em suas trocas e, ela permanece nesta atualização, no presente vivido, ficando a preocupação em como conservar, difundir, preservar essa cultura que é *imaterial*.

No caso do Grupo JOTEC, temos registro da existência do Grupo há mais de duas décadas, preservado pelos participantes, em particular por suas lideranças, que vêm passando ao longo dos anos as práticas simbólicas, os cultos religiosos e os saberes envolvidos nessa produção.

Ferreira Santos (2004) afirma que, entende *cultura* como universo simbólico que ressaltaria, no mínimo, quatro processos – universo da *criação*, da *transmissão*, da *apropriação* e da *interpretação* dos bens simbólicos e das relações que se estabelecem. Se podemos criar, afirma o autor, podemos transmitir, podemos nos apropriar, aparecendo um quarto processo, que parece tão importante quanto os anteriores: buscar sentido para essas coisas, ou seja, também *interpretar* o que foi criado, transmitido, apropriado e sentido. Para o autor, só é possível acessar o universo de sentidos através das pessoas, que são herdeiras da produção cultural e simbólica dos sentidos. O homem como ser *criador* não apenas reproduz, mas também cria, transpõe sua criação e comunica-a, ao outro e às novas gerações.

As atividades religiosas desse Grupo parecem também orientar o jovem em sua busca de sentido existencial. Segundo Frankl (1985), o sentido precisa e pode ser

integrante de seu patrimônio cultural." Fonte IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

encontrado, e na sua busca o que orienta a pessoa é a consciência, que é um órgão do sentido. Para esse autor, a consciência é a capacidade de procurar e descobrir em cada situação um único e exclusivo sentido oculto e que ao encontrar o sentido único numa situação, a consciência percebe uma *gestalt*³. Sentido refere-se tanto a uma determinada situação, quanto a uma determinada pessoa que se encontra envolvida numa determinada situação. Assim, o sentido não se modifica repentinamente, diferenciando-se também de uma pessoa para outra. A consciência, da mesma forma, também pode enganar a pessoa. Para Frankl (1985), dependendo das circunstâncias, o ser humano não consegue entender o sentido da vida, embora precise interpretá-lo, sem que essa interpretação seja arbitrária. Se para cada pergunta há uma resposta, para cada problema há uma solução válida, da mesma forma, para cada situação há um sentido verdadeiro. Relacionamos esse sentido ao nosso objeto de estudo, pois faz-se necessário que ele seja encontrado, não produzido, para que possa fazer sentido, já que a produção de sentido tem é um aspecto subjetivo.

Afirma ainda Frankl (1985) que, embora o sentido esteja vinculado a uma única e singular situação, os sentidos universais se relacionam com a condição humana. Estas amplas possibilidades de sentido são chamadas de valores, que dão ao ser humano a condição de experimentar os princípios éticos e morais, que trazem muitos conflitos, por serem sentidos universais abstratos.

A criação do JOTEC, há cerca de vinte e quatro anos, nos remete ao surgimento na atualidade dos novos movimentos religiosos, NMRs, que, segundo Guerreiro (2006), em nosso país têm suscitado um intenso debate pela compreensão dos processos em curso na sociedade. Para esse autor, os trabalhos apontam na direção de denominações como retorno ao sagrado, reencantamento ou dessecularização, como uma tentativa de fazer um contraponto ao processo de secularização.

Alguns dizem ainda que na estrutura básica da nossa sociedade o processo de secularização não aconteceu, outros apostam no desencantamento, enquanto para os opositores da religião, a multiplicação dos NMRs “representa um impulso regressivo irracional”, bem peculiar aos momentos de incerteza, em que as pessoas recorrem a apoios ilusórios em tempos de aflições. Há ainda, aqueles que consideram a exposição desenfreada de novas religiosidades uma comprovação da irredutibilidade da dimensão religiosa da humanidade. Guerreiro (2006) afirma que

³ *Gestalt*, palavra alemã, sem tradução literal para o português, mas contém um sentido de “forma”, de “um todo que se orienta para uma definição”, “de estrutura organizada”.

[...] sua hipótese aponta para o fato de a secularização ser a responsável pela eclosão da enorme quantidade de novos movimentos religiosos. Secularização e encantamento do mundo não são processos excludentes, mas características próprias do atual estágio de desenvolvimento da sociedade brasileira. (GUERREIRO, 2006, p.48)

De acordo com esta caracterização de Guerreiro (2006), o Grupo JOTEC poderia ser entendido como uma representação dos Novos Movimentos Religiosos, inserido no contexto educacional tecnológico, promovendo o encontro de diferentes denominações religiosas, um exercício de convivência pacífica intra e inter religiosa, que pode significar esperança para o respeito, o diálogo e a tolerância religiosa.

As novas religiões ou Novos Movimentos Religiosos ainda são vistos com desconfiança pela ciência, mas já são uma realidade, precisando de estudos que aprofundem essa nova forma de olhar e praticar a religião, de fora dos muros das igrejas e dos templos religiosos.

Passos e Soares (2009), falam de uma metrópole invertida, em que

A religião assume a função de resistência à tirania do espaço e do tempo metropolitanos e constrói formas de associação comunitária que afirmam as relações diretas, a convivência local, a moral alternativa com seu respectivo controle social, a solidariedade, os ideais comuns e a liderança próxima. (PASSOS; SOARES, 2009, p.42)

Para esses autores,

A metrópole vai sendo construída social e religiosamente por seus sujeitos em um jogo de interesses e possibilidades contraditórias. A construção do tempo e do espaço religiosos no interior das grandes cidades revela a força de uma dimensão da cultura para muitos inusitada, tendo em vista as previsões modernas de superação da religião. A metrópole brasileira tem sido um verdadeiro canteiro de obras religiosas em permanente construção, tarefa que envolve sujeitos distintos amparados, agora, pela autonomia da sociedade moderna que permite romper com o tradicional e recriá-lo sob novas regras, novas instituições e novas linguagens. (PASSOS; SOARES, 2009, p.44)

Para Oliven (1980), tanto a rede familiar como a religião e a secularização continuam desempenhando funções importantes nas cidades latino-americanas, sendo essa secularização apontada, frequentemente, como uma inevitável consequência da urbanização, que é um processo mais complexo do que a princípio possa parecer.

Para Geertz (2001), “não é na solidão que se constrói a fé” (GEERTZ, 2001, p.164), o que vem a confirmar a necessidade da convivência e vinculação dos jovens a um grupo religioso, ampliando as possibilidades de trocas com seus pares.

Mesmo longe do olhar dos pais, da presença dos líderes religiosos formais, do templo, o jovem parece continuar precisando do suporte da religião em sua vida.

Ortiz (2001), utilizando uma metáfora de Santos, afirma que “na medida em que o mundo se expandiu e encolheu, tornou-se um ‘lugar’”. (ORTIZ, 2001, p.59), Situação que tem implicações sobre os universos religiosos. Acrescenta que está convencido de que o processo de mundialização da cultura transforma de maneira radical as noções do que é internacional, nacional e local. Nesse sentido, o JOTEC saiu do âmbito local para o internacional, chegando a outros países.

1.2 As atividades do grupo

As atividades realizadas pelo Grupo acontecem sistemática e assystematicamente, no IFPB – Campus João Pessoa. As atividades sistemáticas são realizadas semanalmente, como rotina desses alunos, fazendo parte da sua vida escolar. Já as atividades assystemáticas são convocadas por chamamento, através de convites, cartazes, internet e faixas. Nas duas modalidades desses encontros, os jovens, além da leitura bíblica, incluem atividades artísticas, como a música, o canto, atividades lúdicas, entre outros.

As atividades sistemáticas acontecem em dias e horas específicas, na área de convivência da Instituição, iniciando-se sempre com uma oração seguida de atividades de leitura da Bíblia, música, conversas sobre sexualidade, drogas e relacionamentos. Após a reunião, alguns alunos recebem acompanhamento individualizado denominado de “discipulado”, sendo eventualmente convidados a participar de atividades religiosas nas Igrejas em que as lideranças do Grupo participam.

Nas atividades assystemáticas são incluídas celebrações, cultos religiosos, com presença marcante tanto da música gospel como da música profana, a exemplo do Hip Hop, Rock e Pagode, com letras evangélicas. Estão presentes ainda a dança e outras atividades próprias do universo juvenil, que serão analisadas mais adiante.

Atualmente as atividades do JOTEC são desenvolvidas nos três turnos, nos intervalos entre as aulas do turno vespertino e nos intervalos do almoço e jantar. O aluno ao participar das atividades do Grupo está fazendo a opção de afastar-se da convivência

dos demais colegas, como também das atividades disponibilizadas no ambiente escolar, como jogos de dominó, xadrez, RPG; além de bate-papo, namoros, entre outros. A participação nesses encontros parece levar os jovens a uma rejeição das atividades de lazer e integração laicas, pois durante todo o tempo livre, eles fazem a opção de frequentar o Grupo, envolvendo-se com as questões religiosas.

As frequentes reuniões, promovidas pelo Grupo, têm como palco os espaços de convivência do Instituto, onde, movidos pelo desejo de exercer o direito à expressão religiosa, os jovens cantam, tocam instrumentos, conversam sobre temas relacionados à adolescência, como drogas e sexo, exercendo uma das formas próprias do seu desenvolvimento, responsável pela formação da identidade do Eu.

Durante os encontros, podemos observar uma reconfiguração espacial, em que convivem o sagrado e o profano, sobressaindo-se a influência protestante. A escolha do local para os encontros evidencia a intenção de dar visibilidade ao Grupo, já que se trata da área de convivência dos alunos, que além de ser o local para onde se dirigem nos intervalos das aulas, em que se encontram no início e no final das aulas de cada turno, é também o local onde circulam os servidores, os visitantes e a comunidade de forma geral.

As atividades sistemáticas buscam dar não apenas um suporte religioso, mas também manter um diálogo sobre questões sociais como a sexualidade, a drogadição e as relações intra e interpessoais no IFPB. Já as atividades assistemáticas, são realizadas com pouca frequência, mas buscam dar visibilidade ao Grupo, envolvendo um maior número de participantes. Assim é que procurando um diálogo com a comunidade são programados alguns eventos que ultrapassam os limites da instituição.

Rumstain, apud Magnani et al (2007), no livro *Jovens na metrópole*⁴, , falando sobre grupos de jovens na cidade de São Paulo, considera que tais atividades são um momento de diálogo sobre “uma moral religiosa”, em que são incluídos temas de interesse desses jovens como sexo, relacionamentos amorosos e o uso da camisinha. “A proposta é fugir do ambiente marcado pela relação de hierarquia entre pastor e fiéis e propiciar um diálogo mais livre.” (RUMSTAIN, apud MAGNANI, 2007, p.144).

No JOTEC a proposta é semelhante, pois é no espaço construído pelo Grupo, nas atividades por ele programadas que acontecem o diálogo com o sagrado, permeado pelas questões que na juventude, momento significativo do seu desenvolvimento, pedem compreensão e acolhimento. Nessa forma de atividade religiosa, a base está nas relações

⁴ Capítulo “A balada do Senhor”, sobre os jovens da cidade de São Paulo.

de grupo, que nesse momento da vida lhe oferece um grande campo de escolhas, em que os jovens poderão estabelecer alianças e parcerias, compartilhando experiências transcendentais contando com a participação e a contribuição de seus iguais.

Da Matta (1997) afirma não ser necessária muita especulação para descobrir que temos diferentes tipos de espaço, apontados por ele como: eternos, transitórios, legais, mágicos individualizados e coletivos. O autor acredita haver espaços, esferas de significação social como a casa, a rua e outro mundo, que mais do que separar contextos, configuram atitudes, contendo visões de mundo ou éticas particulares. Na sua concepção, não devemos esperar uma conduta única nesses espaços, mas diferentes comportamentos conforme a perspectiva de cada esfera.

Para Magnani (1996) esse espaço demarcado que se tornou referência para a distinção dos frequentadores desse grupo de relações religiosas é chamado de *pedaço*, representando o espaço intermediário entre o privado, que é a casa e o público, que seria o local onde é desenvolvida uma sociabilidade básica, mais ampla que as estabelecidas pelos laços parentais, sendo também mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas que são impostas pela sociedade.

Na concepção de Magnani (2009) a noção de *pedaço* supõe uma referência de espaço, a presença regular de seus membros e um código de comunicação e reconhecimento entre eles.

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2009, p.32)

Nesse sentido, o *pedaço* é o lugar dos colegas, dos chegados ou próximos, mas não basta passar por esse local, nem apenas frequentá-lo, é necessário estar situado e ser reconhecido numa rede de relações, através de vínculos definidos pela participação em atividades comuns.

O pedaço demarcado pelo JOTEC, na área de convivência da Instituição, tornou-se referência para a distinção dos frequentadores do Grupo. A noção de pedaço é formada, de início, por dois elementos básicos: um de ordem física, espacial, que seria o território, e outro de ordem social, que formaria a rede de relações, instaurando um código capaz de ordenar, separar e classificar, sendo assim possível afirmar quem é ou não do pedaço. De acordo com Magnani (2009):

[...] são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa/rua; masculino/feminino; sagrado/profano; público/privado; trabalho/lazer e assim por diante. Uma classificação com base nesses eixos de exposição não produz tipologias rígidas (rua como pista de rolamento; calçada, área de circulação de pedestres etc) porque não opera com sentidos unívocos: às vezes, o espaço do trabalho é apropriado pelo lazer, o do passeio é usado como local de protesto em dia de manifestação; o âmbito do masculino é invadido pelo feminino, a devoção termina em festa. [...] (MAGNANI, 1996, p.39)

No caso do IFPB, as práticas religiosas acontecem em meio a esses espaços e, todos os dias, nos horários em que o Grupo está reunido, podemos constatar que a área de convivência escolar, considerada profana, transforma-se em ambiente sagrado; o espaço de lazer é transformado em religioso, o espaço de devoção, terminando em festa.



Fotos 1: Atividade Sistemática do Grupo, reunião semanal: Pátio. Arquivo: JOTEC, 2011

O Grupo constantemente convida a comunidade educacional a participar de eventos de cunho religioso, inseridos no contexto de atividades socioculturais, como o teatro, a dança e a música.

Para Martelli (1995), o questionamento religioso aparece subjetivizado, ou seja, filtrado diante das necessidades do privado, oscilando entre uma concepção burguesa, em que a Religião apareceria como um bem simbólico, que seria consumido para a aquisição de segurança. Uma outra concepção, a personalista, segundo esse autor, coloca a Religião como significado a ser descoberto, sendo produzido individualmente, através do compromisso pessoal inserido no social.(MARTELLI, 1995, p.384).

Nas reuniões realizadas sistematicamente pelo JOTEC, percebe-se que os jovens assumem esse compromisso individual e social, quando optam por frequentar

regularmente suas atividades, vivenciar sua religiosidade, permitindo conviver com as expressões de fé e do sagrado, sem que haja uma cobrança da sua presença, como acontece quando ele está vinculado a Igrejas.

A participação voluntária no Grupo faz com que o jovem exerça sua cidadania, que nessa fase da vida muitas vezes lhe é negada. Para algumas coisas o jovem é considerado criança e para outras já tem idade para compreender e realizar, condição que muitas vezes lhe deixa confuso.

Uma pesquisa realizada por Milanesi, citado por Martelli (1995, p. 384), traz uma surpresa em seu resultado, afirmando que a “vivência religiosa”, ou seja, o conjunto de comportamento religioso, é mais amplo do que “questionamento religioso.”(MILANESI, in MARTELLI, 1995, p 384)

Contins e Gomes (2007) afirmam que alguns autores vêm observando que nas últimas décadas o espaço religioso nas grandes cidades vem se modificando e que uma das características desse processo é o crescimento e a visibilidade alcançados pelos evangélicos pentecostais, especialmente os neopentecostais, como também o aumento de igrejas católicas de características carismáticas. As autoras ressaltam que carismáticos e pentecostais costumam realizar seus eventos em grandes espaços, até mesmo em espaços públicos; é o que acontece frequentemente no IFPB, quando em eventos assistemáticos a programação se revela de grande porte e amplitude, chamando a atenção de toda a comunidade institucional.

A crise das religiões e a maior visibilidade das religiões no espaço público bem como nas biografias individuais, apesar de serem ideias contraditórias, convivem na experiência do jovem na atualidade. Tanto as grandes religiões mundiais, quanto as novas religiões, no que diz respeito ao espaço público, têm uma tendência a apresentar sua mensagem de forma ética, através de atitudes relacionadas com a paz mundial, os direitos humanos e a preservação do ecossistema. Individualmente, essa trajetória inclui as opções de lazer, a linguagem da mídia, a internet e outras tecnologias da informação, interferindo nas formas de estar no mundo, como também nas possibilidades de transferência geracional da religião. (FONSECA; NOVAES, 2007)

Oliven (1980) afirma que é preciso estudar a cultura como fenômeno produzido pelos homens em suas relações sociais, não como algo externo. O fenômeno religioso no âmbito do IFPB parece ser um exemplo dessa afirmação, pois, apesar do Instituto ser laico, as atividades religiosas desse grupo nasceram da necessidade de contato dos alunos

com o transcendente e, hoje, apresentam-se formalmente instaladas. A experiência do Instituto requer um estudo específico, a partir das relações estabelecidas por seus membros, dentro do contexto educacional tecnológico e do sagrado, em particular.

Para Magnani (2007), a presença, o comportamento e as práticas dos grupos de jovens, principalmente nas cidades grandes, são denominados por alguns autores como “tribos urbanas”, embora ele considere que o termo no cenário de uma metrópole dá a ideia de pequenos grupos delimitados, possuindo regras e costumes particulares, contrastando com o caráter massificado atribuído ao estilo de vida nessas cidades.

Outra expressão utilizada pelos estudiosos do tema é “culturas juvenis”, que, segundo Feixa, citado por Magnani (2007), indica mais as formas em que as experiências dos jovens são expressas de forma coletiva, através de distintos estilos de vida, tendo o tempo livre como principal referência e que, tais estilos, podem ser identificados através de alguns produtos da cultura de massa (música, roupas, adereços, formas de lazer).

O Grupo JOTEC parece estar inserido nessa perspectiva, quando utiliza seu tempo livre dentro da instituição para construir um espaço “sagrado”, proporcionando momentos de encontro, religiosidade e lazer, em que há uma rede de sociabilidade predominantemente interdenominacional evangélica.

A utilização dos espaços para os encontros sistemáticos que acontecem semanalmente não encontra qualquer impedimento ou restrição por parte da instituição, bem como nas atividades assistemáticas, em que o Grupo sempre é atendido em suas solicitações à direção do Campus, mesmo quando solicita a utilização de espaços como o Ginásio de Esportes, destinado a um número grande de pessoas.

Magnani (2009), nos diz que é preciso olhar a cidade de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos que os próprios atores sociais constroem. Para ele, “[...] há uma totalidade vivamente experimentada tanto como recorte de fronteira quanto como código de pertencimento pelos integrantes do grupo.” (MAGNANI, 2009)⁵ Segundo esse autor, na categoria que ele denomina de *pedaço*, seus integrantes percebem de forma imediata, clara, sem nuances ou ambiguidades a respeito, quem pertence ou não ao *pedaço*. No caso de Grupo JOTEC do IFPB, em alguns eventos, os alunos pertencentes ao grupo se identificam através de camisetas com figuras alusivas aos eventos, identificando quem é

⁵ Retirado do site NAU: Núcleo de Antropologia Urbana da USP., disponível <http://www.n-a-u.org.depertoededentro.html>.) acesso em 13/ 11/ 2009.

do *pedaço*. Também é comum identificá-los pelo uso de símbolos religiosos, como o crucifixo.

Mesmo longe do olhar dos pais, da presença dos líderes religiosos formais, do templo, o jovem parece continuar precisando do suporte da religião em sua vida. Segundo Alves (2008): "Talvez porque, sem ela, o mundo seja por demais frio e escuro. Com seus símbolos sagrados, o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos." (ALVES, 2008, p.25- 6).

Na juventude, quando se vivenciam transformações biopsíquicas, sociais, afetivas e transcendentais, os conflitos existenciais parecem ser mais bem suportados e com menos sofrimento quando, através da religiosidade, ou da religião, os medos, as inseguranças e os conflitos encontram alento, proporcionando esse dique, o qual o autor menciona, em que a esperança parece fazer-se presente.

Segundo Eliade, (2010),

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras [...]. Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência forte, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência. (ELIADE, 2010, p.25)

Assim, sagrado e profano são aspectos opostos nas construções temporais e espaciais. Na opinião de Eliade, (2010), o espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso, pois nada começa sem uma prévia orientação e toda ela implica em adquirir um ponto fixo, razão pela qual o homem religioso sempre se esforçou para estabelecer-se no “Centro do Mundo”. Viver no mundo implica fundá-lo, nenhum mundo nasce no “caos” da homogeneidade e da relatividade do espaço profano.

A concepção de Eliade (2010) é que o espaço é homogêneo e neutro para a experiência profana, mas é preciso não confundir o conceito de espaço geométrico homogêneo e neutro com a experiência do espaço “profano” que é oposto a experiência do espaço sagrado. Para esse autor, comparando as experiências do sagrado e do profano algumas implicações podem ser lembradas como a de que a revelação de um espaço sagrado permite obter um “ponto fixo” que possibilita a orientação na homogeneidade caótica, a “fundação do mundo”, o viver real. Já a experiência profana, mantém a homogeneidade, a relatividade do espaço, sendo impossível uma orientação

verdadeira, pois o “ponto fixo” já não tem um estatuto ontológico único, aparecendo e desaparecendo de acordo com as necessidades diárias.

Segundo Eliade (2010), a experiência do espaço profano também interfere nos valores, que de alguma forma faz lembrar a não homogeneidade própria da experiência religiosa do espaço. Como exemplo, o autor cita os locais privilegiados qualitativamente como a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores, os lugares na primeira cidade estrangeira que foi visitada no tempo de juventude, que se constituem como “lugares sagrados” do universo privado.

Na experiência religiosa do JOTEC, os jovens irão “visitar” esses lugares sagrados no cotidiano escolar, que deixarão suas marcas na religiosidade e na afetividade dos seus integrantes.

As atividades religiosas espontâneas entre os jovens do JOTEC também reconfiguram o espaço destinado ao seu lazer, transformando o espaço profano em sagrado, e o que seria momento para o lazer transforma-se em manifestação religiosa e em ritual. Os eventos religiosos são realizados nos espaços físicos da Instituição, em suas áreas de convivência onde há intensa circulação de pessoas havendo, portanto, uma reconfiguração espacial.

Para Oliveira (2007):

O espaço sagrado é importante por ser o lugar onde os laços são reforçados, onde as pessoas se encontram com o divino, consigo mesmas e com seu próximo. É nesses espaços que a vida é compreendida, que forças são buscadas para a labuta diária, que esperanças se reforçam e se renovam. (OLIVEIRA, 2007, p.88)

A presença do JOTEC nas dependências do IFPB é vista com naturalidade, não sofrendo retaliações da parte de servidores, nem do alunado. Sobre isso, podemos pensar na afirmação de Velho (1979), que diz: “[...] hoje o homem metropolitano é ‘livre’ em um sentido espiritualizado e refinado, em contraste com a pequenez e preconceitos que atrofiam o homem de cidade pequena.” (VELHO, 1979, p.20). É difícil pensar numa situação semelhante sendo vivenciada em escola pública ou privada no interior do nosso Estado, onde prevalecem majoritariamente práticas religiosas católicas.

Os objetivos do Grupo são mantidos até à atualidade, havendo informações da existência de grupos semelhantes em outras escolas da rede, bem como no exterior, a exemplo da Venezuela e Argentina, criados a partir dessa experiência. Nas atividades desenvolvidas pelo Grupo, os jovens estão constantemente questionando os valores

morais, construindo ritos e vivenciando crenças que parecem contribuir para a busca de sentido às suas vidas.

Para compreender e explicar os efeitos das crenças e dos ritos sobre a forma como a sociedade se organiza, produz e reproduz no meio social, faz-se necessário recorrer à contribuição da Sociologia, que tenta dar essa explicação. Nessa perspectiva, através das entrevistas, que serão apresentadas no capítulo 4, buscamos analisar as práticas religiosas dos alunos para compreender como as crenças, os ritos trazidos por eles, em suas práticas religiosas, organizam, processam e reproduzem práticas sociais.

Outra questão que merece atenção em relação aos alunos que frequentam o JOTEC é que rapazes e moças são aceitos com a mesma condição, independente da questão de gênero, do Curso que estudam, da etnia ou da sua religião.

A questão de gênero no ambiente tecnológico religioso também merece atenção, pela importância que vem estabelecendo ao longo da história. Nunes (2007) afirma que, no séc. XX, o feminismo alterou de forma profunda as práticas sociais e políticas, os padrões culturais e as formas do conhecimento humano, e que o campo religioso sofreu grande impacto dessas ideias.

Segundo Nunes (2007), foram contraditórios os efeitos da crítica feminista às religiões, em especial ao cristianismo no Ocidente, e ao Islã, no Oriente, e que nas ciências sociais tem sido mais lento o desenvolvimento de uma análise feminista das religiões que desse conta das diferentes formas em que as relações entre os sexos moldam representações, práticas e discursos religiosos.

Sendo o IFPB uma Instituição Tecnológica, voltada para o mundo do trabalho, historicamente o alunado tem sido predominantemente masculino, embora as mulheres venham ao longo dos anos procurando esse tipo de profissionalização.

Atualmente, o JOTEC tem como líder geral uma mulher, contando ainda com outras lideranças femininas, delegando às mesmas responsabilidades e poder antes predominantemente masculinas, o que vem a confirmar a força da atuação feminina no campo religioso do alunado.

Na opinião de Lemos (2009),

A representação social da masculinidade relaciona-se intimamente com a religião. A própria ideia de deus é marcada pelos atributos físicos e subjetivos da masculinidade: força, autoridade, barba, cabelos grisalhos, potência, coragem. Deus jamais é representado (pinturas, discursos,

práticas) enquanto um homem com características atribuídas às mulheres (emoção, doçura, afeto). (LEMOS, 2009, p.54)

A presença de líderes mulheres no JOTEC é uma demonstração de que também no âmbito religioso as jovens alunas do Instituto quebram um antigo paradigma, também no campo religioso – assumir funções antes exclusivamente masculinas.

Segundo Lemos (2009),

A representação de gênero é fundamental no âmbito religioso, tão estruturante quanto as relações de classe e etnia. Ser homem e ser mulher no grupo religioso indica muitas possibilidades fadadas única e exclusivamente ao gênero, que podem representar ganho ou perda social para os sujeitos. (LEMOS, 2009, p.53)

Afirma Lemos (2009) ainda que:

Os grupos religiosos não são exclusivamente compostos por sujeitos universais, que têm a capacidade de representar todo o grupo. Os indivíduos vivenciam suas religiosidades marcados pelas construções de gênero [...] (LEMOS, 2009, p.52)

Nessa perspectiva, é cada vez mais comum encontrar nesse Grupo a liderança feminina, fato que tem enriquecido o trabalho, contribuindo para um melhor desempenho do mesmo.

A condição de instituição educacional tecnológica, *a priori*, parece afastar-se do fenômeno religioso, mas ao longo desses vinte e quatro anos em que o JOTEC tem mantido um vínculo formal com seus componentes, convivendo com práticas religiosas regulares, fica evidente que seus alunos, assim como muitos outros jovens, mesmo diante de um currículo voltado para as tecnologias, continuam carentes de atividades que orientem para as questões como a fé, a solidariedade, os valores éticos e morais, entre outros.

1.3 O Caderno JOTEC

Para nortear as atividades religiosas do JOTEC, foi elaborado pelos próprios integrantes um instrumento denominado por eles de *Caderno*. Nesse material está posto que o objetivo principal do Grupo é “pregar a Palavra de Deus a fim de alcançar a

muitos.”⁶, e que, para esse objetivo ser alcançado, dizem: “nos valem de eventos direcionados por DEUS que visam contribuir com a ministração do evangelho”. (CADERNO JOTEC, 2010)

Podemos perceber que o nome do Grupo sofreu modificação nesse material, passando então de “Jovens Técnicos Cristãos” à “Jovens de Cristo”. A liderança do Grupo explicou que isso aconteceu quando da mudança sofrida pela Instituição, quando deixou de ser o Centro Federal de Educação Tecnológica e passou a Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, ficando, segundo eles, sem sentido referir-se apenas ao Grupo como de Jovens Técnicos, por já não ser mais a realidade da Instituição. Portanto, a denominação “Jovens de Cristo” contemplaria os alunos dos três níveis de ensino.

O Caderno é composto por vinte páginas contendo: capa, folha de rosto e oito itens, que passaremos a descrever nesse momento. A capa contém a logomarca do Grupo, ressaltando-se ao final da sigla JOTEC a letra **C**, que na perspectiva do Grupo, podemos entender como um símbolo do Cristo e do Cristianismo, trazendo ainda como pano de fundo uma mancha vermelha, que também pode ser compreendida como símbolo do sangue de Cristo. A capa traz uma frase contendo a seguinte inscrição: “Um compromisso com Deus e por amor às vidas.” Essa mensagem pode ser entendida como um discurso salvacionista, presente em vários momentos das fontes documentais, como nas falas dos participantes e nos vários momentos dos eventos realizados pelo Grupo, que iremos descrever.

⁶ (CADERNO JOTEC, 2010)



Capa do “Caderno do JOTEC”, 2010

Assim como na capa, em todas as folhas do *Caderno* encontramos a marca d’água com a logomarca “JOTEC”. Na folha de rosto está contida uma citação de Augusto Cury: “A coragem não é a ausência de medo e sim a presença da fé apesar do medo.” Essa frase remete às inquietações da juventude e às questões de moral contidas nas religiões. Essa mesma perspectiva será encontrada nas mensagens escritas e nas imagens dos convites e cartazes elaborados pelo Grupo, como veremos mais adiante.

O **Item I: Introdução** informa que o *Caderno* foi elaborado com objetivo de nortear a liderança do JOTEC, em detalhes considerados como os pilares do Grupo. Descreve que na sequência será informado sobre os projetos por eles desenvolvidos; os principais eventos; os modelos de documentos como ofícios em formato próprio do Grupo; além de informações que objetivam contribuir para o crescimento de todos. Ressalta que cada líder tem liberdade para executar *aquilo que Deus ordenar, mesmo que seja algo nunca realizado pelo Grupo e explicado ou sugerido neste livro*. (CADERNO JOTEC, 2010, p.03). O ítem I informa ainda que, ao final de cada ciclo de liderança, o líder atual deverá repassar o *Caderno* para seu sucessor, explicando detalhadamente os

pontos nele desenvolvidos, e convida para conhecer melhor o Grupo nas páginas que se seguem.

O **Item II: Quem pode participar** traz a estrutura do Grupo e informa que ele está aberto à participação dos alunos, professores e funcionários. Deixa claro que se trata de um Grupo de Cristãos: “O NOSSO ALVO É JESUS CRISTO. O nosso guia é o ESPÍRITO SANTO. O NOSSO PAI É JAVÉ. E o NOSSO MANUAL – a PALAVRA DE DEUS [a Bíblia]”. (CADERNO JOTEC, 2010, p.04) Ressalta que o líder não deve omitir sobre quem é Jesus e que o *único manual de regra, fé e prática é a Bíblia*. (CADERNO JOTEC, 2010, p.04).

O texto chama a atenção para os cuidados que os líderes devem ter com seus liderados, comparando-os a pastores, que têm como objetivo cuidar do seu rebanho. Afirma ainda que chegarão ao Grupo pessoas de diferentes denominações religiosas, como por exemplo, homossexuais, drogados, coxos. Para eles essa é uma oportunidade para ser [...] *instrumento de DEUS, para abençoar e pregar a PALAVRA de DEUS a estas vidas*. (CADERNO JOTEC, 2010, p.04)

No **Item III** há informações sobre as **Reuniões**, orientando que elas devem acontecer nos três turnos, ser dinâmicas e envolver todo o Grupo. Recomenda que o líder, enquanto responsável direto pelo convite aos participantes do Grupo a dirigir uma reunião, deve dar instruções aos dirigentes: *falar alto, cronometrar o tempo, levantar questionamentos, pedir para que alguém ore iniciando e/ou encerrando, preparar uma dinâmica, cantar uma música*. (CADERNO JOTEC, 2010, p.05).

O texto sugere momentos de comunhão entre o Grupo, fazendo-se necessário que o líder solicite um dos auditórios do Instituto para realizar o MC – “Momento de Compartilhar”; momento esse em que, segundo o *Caderno*, todos terão oportunidade e tempo para expressar seus sentimentos, suas dificuldades e suas alegrias. Outra sugestão apresentada é a marcação de Confraternização, que deve ser realizada na casa de um dos membros do Grupo, incluindo atividades que, na concepção de Eliade, poderíamos chamar de “profanas”, em que a programação sugerida por eles é a exibição de filme em casa dos colegas, um lanche ou um piquenique.

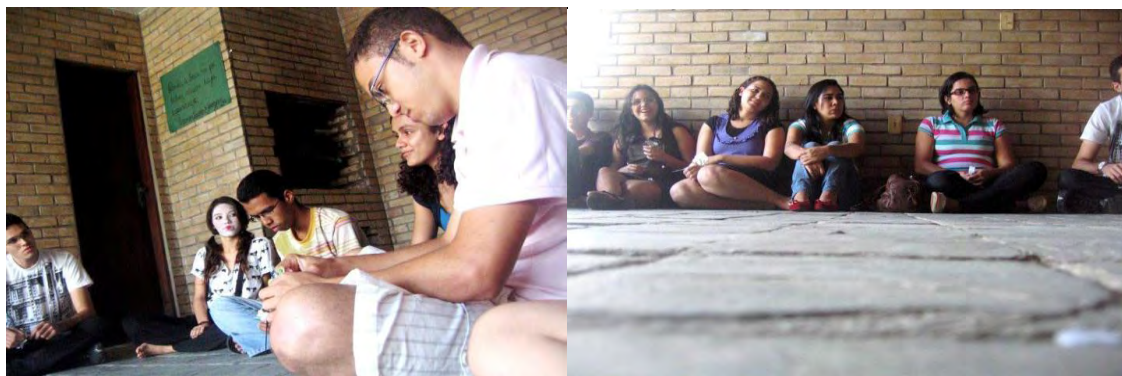
Apresentamos a seguir a foto de um momento vivenciado pelo Grupo, em que os dois tipos de atividades: uma que podemos considerar sagrada e outra profana, acontecem concomitantemente. O local escolhido por eles foi o Parque Arruda Câmara, mais conhecido como a “Bica”, um parque zoológico com mata nativa, situado no centro

da cidade de João Pessoa. Nesta atividade o Grupo realizou gincanas, incluindo uma gincana bíblica e outra cultural, e ainda um piquenique, em que todos contribuíram com o lanche.



Fotos 2: Atividade Assistemática: piquenique na “Bica”, 2011.

O *Caderno* ressalta que nesses momentos do Grupo é preciso incluir todos os seus participantes, incluindo os três turnos e de todos os cursos nos diferentes níveis: Médio, Subsequente e Superior.



Fotos 3: Atividade Assistemática, reunião em casa de um membro do Grupo, 2011.

Para as reuniões sistemáticas, realizadas no pátio, é sugerida a Bíblia e atualidades, incluindo o aprofundamento em temas polêmicos, depois de muito estudado pelo dirigente da reunião.

Na página seis, do referido *Caderno*, encontramos um Guia para organização e preparação de estudo bíblico e de atualidades, composto por oito itens: 1.Tema; 2.

Introdução; 3.Questionamento do público; 4.Argumentos científicos; 5.Argumentos sociais; 6.Argumentos psicológicos; 7.Argumentos Bíblicos e 8. Conclusão.

O **Item IV** orienta a atividade denominada de **Evangelismo**, que descreveremos mais adiante, e que está dividido em três formas de execução: Evangelismo secreto; Evangelismo indiscreto; Evangelismo proposital. Em seguida há uma orientação para uma atividade denominada de Pré-discipulado, que descreveremos adiante.

O **Item V** traz as **orientações para o evento denominado SED**, “Semana de Encontro com Deus”, considerado pelo Grupo como o principal, e que segundo o *Caderno* “[...] deve ser mantido conforme a Vontade de Deus” (CADERNO JOTEC, 2010, p.09). Ressalta que outros eventos podem ser realizados, desde que estejam de acordo com o principal objetivo: “pregar a Palavra de Deus de todas as formas a fim de alcançar a muitos.” (CADERNO JOTEC, 2010, p.09).

O **Item VI** contém **modelos de ofícios** encaminhados ao Instituto, para liberação dos locais para realização dos eventos, bem como de materiais, transporte, equipamentos de áudio e vídeo, além de uma programação dos eventos a serem realizados nas dependências do IFPB – Campus João Pessoa, em 2010. O **Item VI** trata da **liderança**, sua composição e atribuições. O **Item VIII**, intitulado **Voz da experiência**, apresenta depoimentos de dois líderes denominados Lucas e Rômulo, num apelo e estímulo à continuação do trabalho do Grupo.

O *Caderno* orienta que, além das atividades sistemáticas e assistemáticas, a liderança do grupo pode realizar outros eventos na instituição, desde que estes estejam de acordo com o seu principal objetivo. Entre os eventos podemos citar: Louvorção; Evangelismo com arte; Culto e Pit Stop.⁷

Estão incluídas ainda nas atividades do Grupo, tanto em seu início como ao final, o rito da oração. Segundo Gaarder et al (2009) a oração é o mais simples dos ritos, também chamada de casa de força da religião, podendo ser proferida tanto de forma pessoal e espontânea, como de forma coletiva. Pode ainda ser lida, cantada, entoada, associando atos ou gestos, e em determinadas culturas relacionar-se com a dança para invocar a chuva ou preparar para a caça ou a guerra. No caso do JOTEC, o rito da oração é sobretudo parte de todos os eventos, podendo ser proferido através do canto ou da leitura.

⁷ Sobre estes eventos, descreveremos no Capítulo destinado a apresentação das atividades do Grupo.

Embora o ambiente seja escolar, a presença do sagrado em uma instituição pública federa, demonstra que a modernidade também tem trazido a religião para esses locais. Na opinião de Passos (2009):

A religião assume a função de resistência à tirania do espaço do tempo metropolitanos e constrói formas de associação comunitária que afirmam as relações diretas, convivência social, a solidariedade, os ideais comuns e a liderança próxima. (PASSOS, 2009, p.42)

Segundo Boff (2009), as escrituras judaico-cristãs afirmam que há tempo para tudo e que há tempo e tempo. Na visão desse autor, esse deve ser o motivo da existência de um tempo de transcendência, sendo esse o desafio mais secreto do ser humano, pois se temos uma natureza transcendente, diz ele:

[...] estamos sempre para além e protestando contra limites impostos. Protestamos contra a realidade na qual estamos mergulhados porque nos sentimos aprisionados por ela e, ao mesmo tempo, para além dela e transcendentemente a ela. (BOFF, 2009, p. 11).

Na opinião de Boff (2009), a transcendência é um dado antropológico, pois ela define nossa essência, sendo impossível possuímos seu monopólio. “Ela é dada a todos, todos se realizam nela e todos a revelam.” (BOFF, 2009, p. 17). Com esse entendimento, o autor afirma que todos os tempos na vida do ser humano são de transcendência.

Com base nessa concepção, podemos assinalar a época da juventude como um tempo em que tal dimensão é vivenciada de forma bem particular, o que nos possibilita compreender a necessidade dos jovens frequentadores do JOTEC em participar de atividades religiosas extratempos no ambiente escolar, sem que haja presença de líderes religiosos formais, como pastores e padres.

Sendo a juventude um tempo de contestação, protestos, liberação, tal concepção parece explicar a necessidade desses jovens, particularmente dos ateus, em frequentar o Grupo, como forma de vivenciarem esse tempo de transcendência, que parece transcender a sua compreensão no momento.

Segundo Eliade (2010),

Tal como o espaço, o Tempo também não é, para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo. Há, por um lado, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas [...]; por outro lado, há o Tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. (ELIADE, 2010, p.63)

Para esse autor, o que surpreende é que em primeiro lugar há uma diferença essencial entre essas duas qualidades de tempo: o tempo sagrado, por sua própria natureza, é reversível, no sentido que é um Tempo mítico primordial que se torna presente. Na concepção desse autor, “Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios” (ELIADE, 2010, p. 63).

Para Alves (2008),

Os jovens são aves que voam pela manhã: seus vôos são flechas em todas as direções. Seus olhos estão fascinados por dez mil coisas. Querem todas, mas nenhum lhes dá descanso. Estão sempre prontos a de novo voar. Seu mundo é o mundo da multiplicidade. Eles amam porque, nas suas cabeças, a multiplicidade é um espaço de liberdade. (ALVES, 2008, p.9)

E é nesse espaço de liberdade que os alunos do IFPB constroem sua religiosidade numa busca do transcendente, que ultrapassa a aparente frieza do ensino tecnológico.

O *Caderno* do Grupo destaca também que os representantes precisam ainda possuir algumas outras características mais transcendentais como ser capaz de perceber, ou seja, os líderes dos cursos devem ser sensíveis à voz do “Espírito Santo” e que exalem o “perfume de Cristo”, sugerindo ainda que essas pessoas devam ser aquelas que buscam a santidade. Com base no que foi descrito anteriormente, os representantes não podem ser qualquer pessoa, mas aquelas que entram na ordem do discurso religioso, capazes de entender a subjetividade e deter o poder de *ouvir a voz do Espírito Santo e de sentir o perfume do Cristo*.

1.4 A liderança

A liderança do JOTEC é composta da seguinte forma: 01 (um) Líder Geral, que preferencialmente deve estudar no turno da manhã ou tarde, por ser esse o horário de maior concentração dos participantes, alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Médio; 03 (três) Líderes, sendo 01(um) para cada turno; 03 (três) Co-líderes, que auxiliam seus respectivos líderes; 01 (um) Tesoureiro Geral, que deve ser um dos tesoureiros da manhã ou da tarde, que também exerce a função de Líder administrativo, cuja função é a de arrecadar dinheiro para realização de eventos, através de rifas, e preparar os ofícios do Grupo; um Tesoureiro para cada turno; dois Secretários, um para o turno da manhã e

outro para o turno da tarde, estando o secretário do turno da manhã responsável pela atualização da lista de integrantes do JOTEC, de lembrar dos aniversariantes, de enviar mensagens por celular a todos com avisos e mensagens bíblicas e de telefonar para os novos membros.

Há também representantes dos Cursos do Ensino Técnico Integrado ao Médio, dos Cursos Subsequentes e Superiores. Esses líderes têm como função reunir todos os membros participantes do JOTEC que fazem parte do seu curso em grupos, não independentes, mas que são coordenados pela liderança do JOTEC – tarde e liderança geral.

De acordo com o *Caderno* do JOTEC, o objetivo do sub-agrupamento dos membros é mais organização ministerial; divisão das tarefas, com responsabilidade para todos; base de oração, em que todos são intercessores; mais afinidade de infiltração nas turmas de seu curso; auxílio aos membros do curso em evangelismos e discipulados; reprodução do material de instrução passado no Grupo para os membros do seu curso; acompanhamento daqueles que estão passando por problemas e/ou afastados do JOTEC e longe de Deus; e apoio e força à liderança do turno da tarde e à Geral. Os representantes terão ainda a oportunidade de dirigir a reunião do turno vespertino, com louvor, dinâmica de grupo ou a Palavra.

Através da leitura do material contido no Caderno “Jovens de Cristo”, podemos compreender melhor as práticas religiosas do JOTEC, perceber uma organização social, em que as lideranças procuram a todo tempo trazer para as discussões temas próprios da juventude como sexualidade e uso de drogas. No âmbito religioso, trazem as mensagens bíblicas para reflexão, além da música gospel, entre outros.

Os líderes do JOTEC também desenvolvem em suas respectivas igrejas atividades religiosas como: Grupo de Louvor, Grupo musical, Ministério Jovem e Escola dominical entre outros.

A seguir, passamos a descrever a organização do Grupo, bem como seu funcionamento, com base no Caderno ao qual referimo-nos anteriormente e, que contém as orientações para organização e funcionamento do mesmo.

1.5 A organização da liderança.

A liderança é cuidadosamente organizada de forma que constrói uma rede de relacionamentos, tecida pelos fios da amizade, da solidariedade e da religiosidade. A atividade de liderança está estruturada num modelo em que há uma participação ampla, descentralizada, mas que converge para uma liderança Geral, que comanda a exemplo de um maestro. Atualmente, essa liderança está confiada a uma mulher, aluna do Curso Técnico Integrado ao Médio, habilitação em Instrumento Musical, que conta apenas quinze anos de idade.

Essa atividade é vivenciada seriamente pelo Grupo, tanto que são exigidas dos líderes, além da habilidade de liderança, outras que estão vinculadas às virtudes. Entre as habilidades para ser um líder no JOTEC encontramos: 1. Em relação aos Líderes do Grupo, é preciso que possuam: Amor, União/comunhão, Submissão e Obediência, Responsabilidade no que foi designado a fazer, Fidelidade, Respeito e Cooperação; 2. Em relação aos coordenados e membros, é necessário possuir: Amor, União/comunhão, Compreensão, Compromisso, Fidelidade, Respeito e Humildade. Ainda existem outros tipos de lideranças como: Líder de evangelismo, de intercessão, de louvor, financeiro e outros, cabendo ao Líder Geral decidir a necessidade ou não de sua atuação em determinado período.

O líder de Evangelismo é o responsável por essa atividade no âmbito escolar. Chamam de *evangelismo* as atividades dirigidas à divulgação da mensagem de salvação trazida por Jesus. O homem aqui é visto como pecador, e como tal, precisa reconciliar-se com Deus, o que segundo o material impresso pelo Grupo, só é possível acontecer através do reconhecimento de Jesus como o salvador da humanidade. Isto inclui: a fé enquanto filho de Deus; o arrependimento pelos pecados; mudar de atitude e, conseqüentemente, de vida, para que possa viver segundo a Bíblia.

Os evangelismos estão inseridos entre as atividades sistemáticas, contendo a seguinte estrutura: **1. Evangelismo Secreto:** composto por torpedos evangelísticos para todos da sala; Folhetos evangelísticos nas carteiras antes da aula; Mensagens de reflexão nas carteiras antes da aula; Cartas de amigo para amigo de sala, com suas próprias palavras; e Folha rápida de mensagens, contendo um chocolate e mensagens evangélicas a exemplo de “Jesus te ama muito!”. **2. Evangelismo Indiscreto:** realizado nas conversas

com os colegas de sala de aula, sempre observando as oportunidades para falar de Jesus e dar respostas bíblicas para perguntas sobre a vida feitas por esses colegas de sala; **3. Evangelismo Proposital:** pedir uma autorização a algum professor e trazer uma mensagem bíblica para todos da sala, que seria uma reflexão rápida de no máximo 5 minutos; Evangelismo 5/1 – com cada colega de sala. Esse tipo de evangelismo 5/1 é um pré-discipulado de uma semana, que passaremos a descrever nesse momento.

A estrutura do **Pré-discipulado** contém cinco itens. O **Item 1** é assim apresentado: **1. O plano de amor de Deus por você:** 1.1. Todos pecaram: você nasceu em pecado; 1.2. Por causa do pecado temos a morte/condenação; 1.3. Deus enviou a solução; 1.4. O que eu preciso fazer para que essa solução tenha efeito na minha vida? 1.5. O que Deus faz quando um pecador se arrepende;

O **Item 2**, denominado **Por que é necessário ser diferente?**, traz a ideia do diferente, do ser transformado, explicando essa necessidade e, contempla os seguintes tópicos: 2.1. Porque agora você é uma nova criatura; 2.2. Porque você passa a ser filho de Deus; Porque agora você é luz; 2.3. Porque por nossos atos seremos julgados; 3.4. Porque agora você deve ser modelo para os outros.

Em seguida, o **Item 3, Como filho de Deus o que posso e o que não posso fazer?**, em que é trazida a mensagem das escolhas que o cristão deve fazer em sua nova vida, e das recompensas trazidas pela renúncia às coisas do mundo: 3.1. O que posso e devo fazer? Fazer a vontade de Deus; 3.2. O que não posso? Ter vícios, mentir, ser pornográfico, ter pensamento poluído, chamar palavrões. 3.3. Repercussão que sua vida vai ter junto aos amigos: eles “Podem rir de você; Podem te apelidar; Podem te excluir; Podem te odiar; 3.4. “Prêmio recebido por quem renuncia, quem muda, e é tido como “o diferente do grupo”: Vida eterna (Mr 10, 28-31); “Será como a árvore que nunca vai secar (Sal 1). “

O **quarto item** apresenta a Bíblia, a importância da oração e do conhecimento religioso, inclusive através dos colegas mais experientes: **4. É necessário conhecer a Deus, o que acontece através de:** 4.1. Leitura da Bíblia no Velho e Novo Testamento; 4.2. Orar, que é falar com Deus; Ação de Graça, pelo que Deus faz; Louvor e adoração, pelo que Deus é; Confissão dos pecados; Pedidos específicos; Intercessão; 4.3 Ir à Igreja; 4.4 Procurar saber mais sobre Deus com aqueles que sabem um pouco mais.

O **quinto item** conclama o participante à fé, à importância de vincular-se a alguma Igreja e à busca das virtudes: **5. Devemos estar dispostos a Deus:** 5.1. Abrir

mão, ou seja, renunciar; 5.2. Ter fé, pois sem ela é impossível agradar a Deus; 5.3. Participar de alguma Igreja; 5.4. Ter bons frutos como: amor, bondade, alegria e paz; 5.5. Ouvir a voz de Deus.

A atividade do discipulado compreende ainda o acompanhamento dos participantes que demonstrem necessitar de uma maior atenção, incluindo o apoio dos mesmos até fora da Instituição.

A liderança de intercessão tem como objetivo o exercício da oração, a fim de que as pessoas possam “abrir o coração” ao entendimento do evangelho.

O culto evangélico é uma liturgia, em que há vários momentos, entre eles o louvor, oportunidade em que há presença prioritária da música e a leitura de uma breve mensagem bíblica.

Segundo Aldazábal (2005),

A liturgia é uma ação, um conjunto de sinais ”performativos” que nos introduzem em comunhão como o ministério, que nos fazem experimentá-lo mais do que entender. É uma celebração e não uma entrar em contato com o inacessível: o mistério da ação de Deus e da presença de Cristo. (ALDAZÁBAL, 2005, p.14)

O *Louvorção* é uma atividade própria das igrejas evangélicas, essencialmente realizada e dedicada ao jovem, em que participam várias bandas, prevalecendo a música gospel. No JOTEC, essa atividade é realizada no auditório da Instituição, por ser um local mais reservado do trânsito de pessoas, caracterizando um momento mais intimista do Grupo.

Apresentamos, nesse momento, duas letras de músicas utilizadas pelo Grupo em suas atividades. A primeira trata-se de um Hip Hop, a segunda de um Rock, estilos musicais bastante apreciados pelos jovens:

De que lado você vai ficar

Pregador Luo

Quatro loucos

As coisas loucas do mundo, confundindo as coisas que se julgam sábias do mundo

Ermeç, e. v.s., pregador Luo

E aí mano, de que lado você vai ficar, quando a revolução a bomba estourar?

O fim dos tempos a última hora está chegando, logo mais as trombetas

estarão tocando
 Não vai adiantar correr nem se esconder, nem a morte vai te querer, ela
 vai fugir de você
 Por tudo quanto é lado haverá destruição, guerra, doenças, miséria,
 corpos no chão
 Mas eu ainda busco a minha salvação, quero estar com Jesus longe da
 tribulação
 Carros e aviões desgovernados, caos total, violência, atentados, tipo os
 ocorridos nos Estados Unidos
 Todo mundo vai se lamentar está escrito
 Você não dá ouvidos, diz que sou louco, e que não precisa de igreja,
 que ainda ta novo
 Mais uma vez vejo o satã que engana o meu povo
 Continuo orando não quero vê-los queimando no fogo
 Sangue bom ninguém sabe quando Jesus vai voltar
 E eu te pergunto de que lado você vai ficar, vai ficar, vai ficar, vai
 ficar?
 Dos verdadeiros ou dos falsos?
 De que lado você vai ficar?
 Dos linha de frente ou dos fracos?
 De que lado você vai ficar? (4x)
 Será que vai ficar com os falsos perdedores, ou com os verdadeiros
 vencedores?
 Falsos rappers tem surgido pelo mundo a fora, maluco sem atitude só
 contam história
 Desviam somente do verdadeiro propósito, não querem te ajudar é
 lógico
 Ultimamente eu tenho visto que o dinheiro fala alto, e que uma par de
 mano faz apologia ao assalto
 Não deem ouvidos, fiquem alertas, vida no crime, suicídio lento morte
 na certa
 Passaporte carimbado com visto rumo ao inferno, cuidado pra não ficar
 no sofrimento eterno
 Desarme o coração e tire o ódio e o rancor, dê vazão para paz e pro
 amor do Senhor
 Pelotão periférico tropa de elite, o que há de melhor no rap acredite
 Só guerreiros empenhados na busca da paz, dependentes de Jesus e
 nada mais
 Seu dinheiro e seus parceiros nada disso pode te salvar, e aí truta de que
 lado você vai ficar?
 Vai ficar, vai ficar, vai ficar
 Dos verdadeiros ou dos falsos?
 De que lado você vai ficar?
 Dos linha de frente ou dos fracos?
 De que lado você vai ficar? (4x)
 Q.u.a.t.r.o., quatro loucos
 Pregador L.u.o., 7 taças
 Quando o galo cantou Pedro o negou, Judas percebeu que errou e se
 enforcou
 Jó teve fé e ele não o abandonou, foi por causa dele que Daniel não
 queimou
 Pedro percebeu que errou e voltou atrás, Herodes fraquejou e soltou a
 Barrabás
 E assim é a vida, e assim segue a vida, gente que tem fé e gente que

vacila
Gente que quer o bem, faz o bem, gente que quer o mau, recebe o mau
Gente indecisa que precisa de fé, gente invejosa que não tem certeza e
paga o preço
Tem coisas que eu recebo que sei que mereço, outras recebo por
misericórdia
Sei que só ao lado de Deus alcançarei a vitória
Não seja covarde escolha um lado, ou morre como forte ou vive como
fraco
Será lembrado pela honra ou esquecido pela vergonha
O crime não é pra mim, eu sei assumo, também não é pra você, mas se
quer vai fundo
Quantos manos desperdiçam a vida nesse mundo, uns por querer, outros
sem perceber
Vão ficando do lado que vai chorar, vai sofrer e no fim vai perder
E o fim é o fim, não tem mais o que fazer, você ainda é novo mas vai
ter que escolher
Não perde tempo, nem frio nem morno aqui é quente, pregador Luo,
quatro loucos, os crentes
Dos verdadeiros ou dos falsos?
De que lado você vai ficar?
Dos linha de frente ou dos fracos?
De que lado você vai ficar? (4x)

Percebemos nessa primeira letra de música que a mesma utiliza uma linguagem dirigida aos jovens, trazendo a questão da violência, fazendo um apelo para desarmar o coração, tirar o ódio e o rancor, e dar vazão à paz. Também convida a uma tomada de decisão, a não ser covarde e escolher de que lado quer ficar, alertando: “Sei que só ao lado de Deus alcançarei a vitória”. Depois apresenta uma saída, ou escolhas, que podemos também entender como um desafio: “ou morre como forte ou vive como fraco”. Na opinião do compositor, viver como forte seria ficar do lado de quem vai triunfar, e morrer como um fraco seria escolher o lado de quem vai chorar, vai sofrer e no fim vai perder. Na juventude, o ser humano possui algumas características como gostar de desafios, de questionar, sentir-se motivado a ultrapassar limites, situações que são abordadas nessa composição.

Além dessas questões, a música lembra que: “[...] você ainda é novo, mas vai ter que escolher. Não perde tempo, nem frio nem morno aqui é quente. [...]”. Podemos interpretar essa passagem como um convite ao jovem a fazer escolhas, sem dar chance de haver um meio termo, ele terá que decidir. A escolha quente, a que se refere o autor, parece estar associada ao calor, a vibração, ao aconchego, coisas admiradas pela juventude. O refrão questiona o tempo todo, de qual lado ele vai ficar, qual sua escolha:

“Dos verdadeiros ou dos falsos? De que lado você vai ficar? Dos linha de frente ou dos fracos? De que lado você vai ficar?”

Apresentamos agora a letra de um rock, intitulado de “Espelhos Mágicos”:

Espelhos Mágicos

Oficina G3

Os homens e seus espelhos mágicos
Nada veem além de si mesmos
Se esqueceram daquele que um dia esteve entre nós
E que veio cumprir segundo já estava escrito
Nasceu, sofreu, morreu por nós
Seu sangue lá na cruz derramou
Nasceu, sofreu
Os homens e seus espelhos mágicos
Só vêem um Cristo vencido em dor
Não conhecem a cruz vazia pois ressuscitou
Nem um toque de vida do filho do amor
Nasceu, sofreu, morreu por nós
Seu sangue lá na cruz derramou
Nasceu, sofreu, morreu por nós
Seu sangue lá na cruz derramou
Na cruz lutou, na cruz venceu
E sua vida nos deu
Pra que a vida estivesse em nós
Estivesse em nós
Estivesse em nós

Essa segunda música tem uma letra de cunho mais religioso do que a primeira, trazendo a memória do nascimento, sofrimento e morte de Jesus, que “Na cruz lutou, na cruz venceu. E sua vida nos deu. Pra que a vida estivesse em nós”. Fala também de questões morais como “Os homens e seus espelhos mágicos nada veem além de si mesmos”, ou seja, são egoístas, estando mais preocupados consigo mesmos. Essa questão pôde ser aprofundada nas entrevistas e nas falas dos líderes do Grupo que veremos adiante.

As duas músicas, apesar de serem religiosas, falam de temas próprios da juventude, em que os compositores utilizam estilos musicais que podem ser considerados profanos, oriundos da cultura juvenil, como o Hip Hop e o Rock. É uma forma encontrada de falar mais de perto e envolver este público, justamente como pôde ser observado nas reuniões realizadas pelo JOTEC.

Assim, conhecemos um pouco o que é o JOTEC, seu funcionamento, atividades, lideranças, que em suas variadas formas de vivenciar a religiosidade, acolhe o jovem em seu meio, fortalecendo os laços de amizade, solidariedade, construindo um modelo de viver a transcendência, de forma particular e intensa. A seguir, vamos apresentar algumas teorias sobre o tempo de juventude e a importância dos ritos na vida humana, destacando em particular a presença do rito de passagem da puberdade.

1. 6 Tempo de juventude e ritos de passagem

*[...] Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes, planta e sentimento
Folhas, coração,
Juventude e fé.*

Wagner Tiso / Milton Nascimento

Sendo a história a ciência do tempo, é através dela que o homem posiciona-se no mundo e conta sua trajetória. Mas o tempo linear da história surge em oposição ao tempo mitológico, que é o tempo cíclico e encontra-se presente nas estações do ano, no plantio e na colheita. Sendo espelho da natureza arcaica, o tempo mitológico é regido e organizado pelos deuses. Aqui não há separação entre Deus, homem e natureza, pois um é a continuação do outro, estando todos esses elementos interligados, ou melhor, são uma coisa só.

O tempo histórico, no entanto, é diferente do tempo mitológico e surgiu na Grécia em oposição ao mito, que é uma história sagrada, portanto de fé, uma narração, uma criação, relato fundante da cultura. O tempo da vida humana se insere entre esses dois modelos de tempo: o cíclico e o cronológico. Nesse sentido, podemos pensar num tempo de juventude como um ciclo que se cumpre dentro das vidas de cada ser humano.

O tempo de juventude corresponde ao período em que o ser humano se prepara para a vida adulta, distanciando-se da infância, mas ainda longe da “adulterez”. Por ser vasta a bibliografia sobre a juventude, vamos utilizar recursos da antropologia e da

psicologia a fim de compreendermos tal fenômeno. Vamos ainda discutir a presença e importância dos ritos de passagem dos jovens e seus símbolos.

Embora esteja utilizando a categoria juventude, tanto a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, como a OMS – Organização Mundial de Saúde, e UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância, utilizam a nomenclatura “adolescente” para designar o período biológico compreendido entre as faixas etárias dos 12 aos 18 anos incompletos. Segundo a OMS, a adolescência constitui-se em duas fases. A primeira compreende o período entre os dez e dezesseis anos, a segunda entre os dezesseis e vinte anos.

Acerca do adolescente, Ribeiro (2009) afirma que:

O adolescente tem a experiência inaugural da morte, a começar pela perda dos referenciais, inclusive físicos vividos na infância. Concomitantemente, experimenta um “segundo nascimento”, em que o indivíduo tem papel ativo, em que nasce a si próprio. (RIBEIRO, 2009, p.119)

A concepção de adolescência é fruto do século XX, sendo considerado um fato psicossociológico não necessariamente universal, nem adotado em todas as culturas, o mesmo padrão de característica da nossa. Isso implica dizer que como processo psíquico e social, cada sociedade irá produzir em seus adolescentes características particulares do seu meio. Além disso, a categoria adolescente, na perspectiva da OMS, da UNESCO, e da UNICEF, vem revestida de características eminentemente biológicas.

A UNESCO parte de uma definição em que predomina a faixa etária, com abrangência para o ciclo compreendido dos 15 aos 29 anos, pois, nessa perspectiva, a construção da autonomia demanda um tempo superior a essa faixa etária. Para a UNESCO (2004), apud Esteves e Abramovay (2007),

[...] visando facilitar a realização de comparações internacionais, regionais, temporais, socioeconômicas etc., em muitos casos, parte-se de uma definição predominantemente etária, abrangendo o ciclo que vai dos 15 aos 29 anos, cuja principal característica é a sua transitoriedade, razão pela qual está fadada a ser perdida com o passar dos anos. (UNESCO 2004) (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p.21)

Já Ribeiro (2009) afirma que:

Pela proposta da UNICEF⁸, incorporada no Estatuto da Criança e do Adolescente, a adolescência situa-se entre 12 e 18 anos incompletos, estendendo-se desde a puberdade até o desenvolvimento da maturidade reprodutiva; nessa fase, são marcantes os processos identitários individuais, coletivos e sociais. Já na juventude, que vai até 29 anos, se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e são acentuadas as noções de experimentação e inserção na vida social. Enquanto os adolescentes mantêm alguma dependência emocional e material da família, os jovens se desligam progressivamente da autoridade dos pais e se aproximam da vida adulta. (RIBEIRO, 2009, p.119)

Na concepção desses autores, que utilizam o conceito da UNESCO e da UNICEF para definir a categoria juventude, a realidade social demonstra não existir apenas um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com variadas parcelas de dificuldades, facilidades, oportunidades e poder nas sociedades.

Grosso (2000), utiliza um conceito de juventude ainda mais abrangente, que a considera como uma categoria social. Diz ele que:

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. (GROSSO, 2000, p.7-8)

Diante desse contexto, e considerando a situação socioeconômica dos alunos do Instituto, escolhemos prioritariamente trabalhar com a categoria analítica juventude, mas sem desconsiderar o conceito de adolescente, que também consideramos relevante para nosso trabalho. Assim, vamos dialogar com ambos os conceitos, afinal são olhares distintos que se complementam para o entendimento dessa importante fase do desenvolvimento humano, em que muitas mudanças acontecem na vida do jovem.

Para Hall, citado por Muuss (1966), a vida emocional do adolescente oscila entre tendências contraditórias. Segundo esse autor,

Energia, exaltação e superatividade, são seguidas por indiferença, letargia, desprezo. Uma alegria exuberante, gargalhadas e euforia cedem lugar à disforia, depressão e melancolia. O egoísmo, a vaidade, e presunção são tão característicos deste período como o abatimento, humilhação e timidez. (MUUSS, 1966, p.23)

⁸ UNICEF: Fundo das Nações Unidas para a Infância.

Podem ser observados ainda vestígios de egoísmo infantil e o aumento de altruísmo. O adolescente deseja reclusão e solidão, mas vive cercado de amigos, que nesse momento têm uma grande influência sobre ele.

Na fase da puberdade e adolescência o ser aprofunda a exploração de si mesmo em busca de autonomia da sua identidade, desenvolve atividades de autoafirmação, questiona, confronta, sendo para isso necessário a submissão e apoio dos seus pares, contrapondo-se aos valores como são interpretados pelos adultos com os quais convive. (BEZERRA, 2006)

É próprio ainda dessa fase chamar a atenção pública sobre si, em atividades de contestação em locais públicos e escolas.

Para Garelli, citado por Martelli (1995), “a Religião é um recurso importante para assegurar identidade pessoal e social aos indivíduos” (MARTELLI, 1995, p.385). Ao participar de eventos clamorosos e de contestação, o jovem se prepara para a vida adulta, arriscando os primeiros passos na busca da sua independência.

Segundo José Machado Pais (1997), apud Esteves e Abravomay, (2007), as representações atuais da compreensão de ser jovem podem, conforme a sociologia da juventude, ser traduzidas e agrupadas em duas linhas. A primeira considera juventude como um grupo social homogêneo, composto por indivíduos em que a mais importante característica é estar vivenciando uma fase da vida, pertencendo a um grupo etário. A prioridade, na opinião desses autores é conferida à análise dos aspectos considerados mais uniformes e constantes dessa fase da vida. A segunda possui caráter mais difuso, por reconhecer a existência de várias culturas juvenis, que são formadas a partir de vários interesses e inserções sociais, definindo a juventude para muito além de um único bloco em que a idade seria o fator determinante. Embora essas visões impliquem diferentes estratégias de abordagens, não chegam a se anularem, pois, de acordo com o enfoque, a juventude pode se apresentar como grupo aparentemente homogêneo ou heterogêneo.

Peralva (2007) afirma que as idades da vida na atualidade, embora estejam ancoradas no desenvolvimento biopsíquico, não são apenas um fenômeno natural, mas também histórico, social, datado, e, por essa razão, inseparável do processo lento em que a modernidade é constituída, como ela implicou na ação voluntária sobre os costumes e comportamentos, naquilo em que ela teve de educativo intrinsecamente.

Na opinião de Ribeiro (2009),

Em nossa modernidade avançada, a juventude não está mais circunscrita a uma compreensão dicionária, biológica ou etária, mas é percebida como cruzamento de múltiplas determinações: culturais, econômicas e biográficas. Ser limiar que oscila entre excesso e incerteza, não por acaso o jovem é afrontado por uma série de paradoxos: tem mais acesso à educação e menos ao emprego; mais informação e menos poder; está mais imerso no presente, sendo mais exigido pelo futuro. As múltiplas sínteses resultantes dessas contradições remetem à pluralidade, pois, não há, empiricamente, “uma” juventude singular, e sim “juventudes”, com histórias, potencial e crises diferentes. (RIBEIRO, 2009, p.109-110).

Segundo Novaes, apud Esteves e Abramovay (2007), do ponto de vista religioso, os jovens atualmente convivem com novos e velhos fundamentalismos, sincretismos, crenças seculares e religiosas na família e em sociedade. Essas diferentes trajetórias religiosas dos jovens estão presentes em um campo de possibilidades, podendo escolher entre vivenciar a libertação, ou fazer escolhas religiosas novas, que não eram parte da experiência das gerações que antecederam, como também fazer a opção de ser religioso sem ter uma religião.

Para Ribeiro (2009),

A juventude é ainda uma fase propícia ao estudo da religiosidade, pois esta se torna mais patente numa fase em que o indivíduo necessita guiar-se por alguma direção para tomar decisões estratégicas que serão determinantes para o resto da sua vida: além disso, um olhar “de microscópio” (simmeliano) sobre a alma de seres imersos em bruscas mudanças ilumina processos que em outras idades se instauram mais lenta e imperceptivelmente. (RIBEIRO, 2009, p.110)

Em pesquisa sobre as religiões e religiosidade de juventudes brasileiras, Novaes *e Fonseca**, apud Abramovay et al (2007), ⁹afirmam que 96% dos jovens declararam ter religião, merecendo destacar que entre 13 milhões deles, 27,3% participam/participaram de organizações sociais, sendo que 81% participaram de grupos de cunho religioso, o correspondente a 10 milhões.

Segundo Novaes e Melo, apud Fonseca e Novaes (2002),

⁹ Fonte: Pesquisa Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade: uma primeira aproximação. Alexandre Brasil Fonseca e Regina Novaes 2006.

*Antropóloga, pesquisadora CNPQ, presidiu o Conselho Nacional de Juventude. ** Doutor em sociologia pela USP; Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Saúde e pesquisador do Laboratório de Estudos da Ciência do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde da UFRJ.

A participação em grupos religiosos, portanto, pode ser analisada como um importante vetor para a construção de identidades juvenis, representando espaço importante de agregação social nessa fase de vida. (NOVAES; MELO, 2002, apud FONSECA; NOVAES, 2002, p.147)

Na opinião de Ribeiro (2009), o jovem ocupa um lugar problemático na sociedade, pois ele é visto pelo noticiário com um olhar suspeito e arregalado, encarado no fundo:

[...] como alguém que não é completamente “do bem”: em contrapartida, vive sua positividade, pois cada etapa desenvolve valor, equilíbrio e soluções específicas para seus problemas reais. (RIBEIRO, 2009, p.110).

Segundo Esteves e Abramovay (2007), são diversos grupos juvenis que formam um grupo heterogêneo, contendo parcelas distintas de oportunidades, facilidades, dificuldades e poder nas sociedades. Assim, para esses autores, juventude por definição:

[...] é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.(ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p.21)

Do ponto de vista afetivo, o principal recurso de aprendizagem volta a ser a oposição que vai sendo aprofundada, possibilitando a identificação das diferenças entre sentimentos, ideias, os próprios valores e os do Outro, o adulto, buscando respostas para: “quem sou?”, “quem serei futuramente?”, “quais são meus valores?”. Tudo isto permeado de ambiguidades.

Segundo Mahoney et al (2006), em todos os estágios a afetividade é facilitadora exigindo a existência e colocação de limites, que garantam o bem-estar de todos os envolvidos, constituindo-se também uma expressão do afeto.

A televisão, a internet, entre outros meios de comunicação, exerce uma grande influência sobre esse público, apresentando e divulgando formas utilizadas pelos jovens para marcar seus corpos, através da colocação de *piercings*, das tatuagens, entre outros.

A pele é utilizada por eles, como meio de expressão de pertencimento a um grupo, uma “tribo”. Sendo ela o maior órgão do corpo e estando em sua superfície, torna-se

visível, além de poder ser tocada. É através da pele também que o ser humano emite e recebe mensagens, percebe e é percebido, comunica-se, relaciona-se e faz contato consigo, com o outro e com o meio, externando seus sentimentos e conflitos.

Segundo Tedesco (2001), as significativas diversidades encontradas na cultura juvenil estão apoiadas em alguns elementos comuns como: a importância do corpo; da música; de algumas formas personalizadas de religião; predominância da imagem; empatia com uso de novas tecnologias, sem necessariamente haver uma compreensão interna; fundamental importância da afetividade, como dimensão das relações sociais; e ainda o predomínio do presente enquanto dimensão temporal dominante.

Durante toda sua vida o ser humano está marcado pela possibilidade de expressão e comunicação, afirma Lelo (2005), motivo pelo qual usa “sinais e elementos como registros para expressar sua forma de ser e de estar no mundo” (LELO, 2005, p.13-14). Para o autor, nas diferentes situações da sua vida, em que passa por decisivos momentos do seu ciclo de existência, o ser humano concentra e condensa momentos que devem ser expressos em diferentes dimensões. Esses são “os momentos críticos da tomada de consciência do desenvolvimento pessoal, do posicionamento na sociedade e do exercício da liberdade para optar por uma direção inédita na vida” (LELO, 2005, p.14).

Na opinião desse autor, tais situações na vida trazem a necessidade de referir-se ao mistério que a transcende, bem como a significação simbólica correspondente do mistério e que serão expressos através dos ritos de passagem.

As grandes mudanças na vida do ser humano, em todas as sociedades, segundo Gaarder et al (2005), são marcadas por ritos de passagem como o nascimento, a passagem para a vida adulta, o casamento e a morte, simbolizando uma iniciação, mesmo naquelas em que na vida pública a religião não desempenha papel algum. Entre o plano ético e religioso, geralmente, as religiões não fazem distinção. Na tribo, os costumes, as regras, os princípios morais são tão religiosos quanto as orações e os sacrifícios.

Os ritos de passagem são celebrações que marcam mudanças de *status* de uma pessoa no seio de sua comunidade, podendo ter caráter religioso. Assim, cada religião tem seus ritos, que podem ser parecidos com os de outras religiões, ou não.

Os ritos de passagem são realizados de diferentes formas, dependendo da situação celebrada, indo desde rituais místicos ou religiosos até assinatura de papéis, como também os dois juntos. O jovem também vivencia nessa etapa da sua vida um rito de passagem muito importante, denominado de rito da puberdade.

Para as mulheres, o rito de passagem acontecia geralmente no momento da primeira menstruação, marcando o fato de que, entrando no seu período fértil, estava apta a se preparar para o casamento. Para os homens, essa cerimônia geralmente era marcada pelo momento em que ele fazia a caça e o abate do primeiro animal. Ambas situações estavam ligadas, portanto, ao derramamento de sangue. Essas cerimônias significavam a integração daquela pessoa como membro produtivo da tribo: ao derramar sangue para a preservação da comunidade, seja pela procriação ou pela alimentação, ela estava simbolicamente misturando o seu próprio sangue ao sangue do seu clã.

Entre os nativos norte-americanos, algumas tribos praticavam um rito onde a pele do peito dos jovens guerreiros era trespassada por espetos e repuxada por cordas. A dor e o sangue derramado eram assim considerados como uma retribuição à terra pelas dádivas que a tribo recebera até o momento. Tais cerimônias, marcavam pontos de desprendimento, em que antigas atitudes eram abandonadas e novas deviam ser aceitas. A convivência com determinadas pessoas devia ser deixada para trás e novas pessoas passavam a constituir o grupo de relacionamento direto. Algumas vezes, a cada uma dessas cerimônias, a pessoa trocava seu nome, como marco de que aquela identidade que assumira até então, não mais existia, agora ela era uma nova pessoa.

Segundo Ribeiro (2009),

Fundamental nesse novo parto é a contribuição da galera, ambiente que cultiva a sociabilidade: ingressar e ser acolhido nela representa um segundo batismo, em que é comum ser atribuído um novo nome ou apelido. (RIBEIRO, 2009, p.119-120)

Já a antropóloga El Far (S/D) afirma que:

Conforme a história de vida, as relações familiares, a situação financeira, as crenças religiosas e os laços de sociabilidade, cada jovem armazenará em sua experiência de vida algum tipo de evento simbólico que sinalizará sua entrada no mundo adulto. (EL FAR, S/D, p.17)

Nas sociedades menos desenvolvidas, o marco da passagem da infância para a fase adulta dava-se através da presença de ritos, da doutrinação dos novos adultos nas tradições grupais, pela aprendizagem da técnica da caça. Essa iniciação à vida adulta acontecia especialmente nas sociedades indígenas.

El Far (S/D) afirma que os jovens eram retirados do meio familiar e durante vários dias eram submetidos a provas físicas que envolviam muito sofrimento, como por exemplo, passar longos períodos em jejum, participar de testes de resistência, reclusão, cortes na pele, noites sem dormir, feridas abertas e reabertas. Após essas provas de coragem, o jovem saía convertido em adulto. Para essa autora, os ritos de iniciação que marcavam a transição nas culturas indígenas, encontram substitutos nos eventos urbanos simbólicos do nosso tempo, como no trote dos calouros no vestibular, no serviço militar, e também nos cultos religiosos.

Para algumas tradições, afirma El Far (S/D), o jovem entra no mundo adulto após participação em uma cerimônia religiosa elaborada. Na religião judaica, os meninos com 13 anos têm o Bar Mitzvah, e as meninas com 12 anos o Bat Mitzvah, acreditando-se que nessa idade já possuam maturidade e capacidade de contribuir com a sociedade. Na iniciação desses jovens, há reuniões em que recitam trechos sagrados e são orientados a seguirem prescrições determinadas, sendo, então, publicamente reconhecidos como prontos para vivenciarem outra etapa da vida.

Eliade (2010) considera que os ritos de passagem desempenham um importante papel na vida do homem religioso e que por excelência é representado pelo início da puberdade, “[...] a passagem de uma faixa de idade a outra (da infância ou adolescência à juventude.)”. (ELIADE, 2010, p.150). Para ele, a iniciação geralmente compreende uma revelação tripla – do sagrado, da morte e da sexualidade –, e que, enquanto a criança desconhece todas essas experiências, o iniciado tem esse conhecimento assumindo-o e integrando-o na sua atual personalidade:

[...] o neófito morre para sua vida infantil, profana, não regenerada, renascendo para uma nova existência, santificada, ele renasce também para um modo de ser que torna possível o conhecimento, a *ciência*. O iniciado não é apenas um “recém-nascido” ou um “ressuscitado”: é um homem que *sabe*, que conhece os mistérios, que teve revelações de ordem metafísica”. (ELIADE, 2010, p.153)

Eliade, citado por Lelo (2005), define a iniciação como

Um conjunto de ritos e ensinamentos orais que tem por finalidade a modificação radical da condição religiosa e social do sujeito iniciado [...]. No final das provas, o neófito desfruta de uma existência diferente da que tinha antes da iniciação. Veio a ser outro. (ELIADE, apud LELO, 2005, p.13)

Dessa maneira, “A iniciação equivale ao amadurecimento espiritual, e em toda a história religiosa da humanidade reencontramos sempre este tema: o iniciado, aquele que conheceu os mistérios, é *aquele que sabe*.” (ELIADE, 2010, p.154).

Eliade, apud Lelo (2005), afirma que a iniciação é uma revelação do sagrado, da morte, da sexualidade e da luta pela subsistência, e que para fazer-se humano é necessário assumir as dimensões da vida humana. Lelo (2005) também entende que a iniciação envolve uma revelação tríplice, do sagrado, da morte e da sexualidade, mas que a pessoa é afetada de forma radical em sua identidade nas relações interpessoais e com Deus.

Os ritos de passagem possuem uma dualidade: o abandono de uma situação anterior de vida e uma nova que precisa ser assumida pelo iniciado. Essa dualidade na opinião de Lelo (2005) significa:

[...] deixar de ser o que se é para ser o que ainda não é; ser menor sem direitos para tornar-se maior de plenos direitos; perder a memória de existência anterior para ser iniciado nos conhecimentos míticos novos e básicos para a vida nova. (LELO, 2005, p.15)

As categorias de iniciação estudadas por alguns estudiosos, segundo Lelo (2005), foram classificadas em três: 1. os ritos da puberdade, ou iniciação tribal; 2. os ritos de admissão a uma sociedade secreta ou confraria, geralmente limitada a apenas um sexo, ao qual pertencem os mistérios greco-orientais; 3. a terceira categoria ligada a uma vocação mística, a exemplo dos xamãs. Em nosso trabalho, o foco está no rito de passagem da puberdade.

No catolicismo, os jovens a partir dos quinze anos são encaminhados à confirmação ou crisma, considerada um sacramento de iniciação, também com propósito de convertê-los em adultos.

A confirmação possui uma identidade própria com um papel específico sobre o neófito, que é o de conferir o Espírito Santo e simbolizar a participação dele em Pentecostes, marcando-o como membro co-participante da missão profética-sacerdotal-real de Cristo com a humanidade. (LELO, 2005, p. 177).

Afirma ainda que “o iniciado é um ser transformado, sofre uma mudança radical no seu ser e no seu estatuto social” (LELO, 2005, p.15). Em algumas igrejas protestantes,

a iniciação do jovem acontece por volta dos 12 anos, quando é encaminhado à cerimônia do batismo, momento em que sai convertido e recebe a autorização para fazer parte da Igreja. De forma simbólica, o neófito quando desce às águas morre para o pecado e nasce para Cristo, deixando de ser o “homem velho” para ser o “homem novo”.

Entre os ritos de passagem presentes na vida dos jovens do nosso país destacam-se, segundo Lelo (2005), o baile de quinze anos, as provas dolorosas e, às vezes, humilhantes do trote, a que é submetido ao entrar para a universidade, o início do primeiro trabalho e a entrada em partidos políticos ou em associações. Esses ritos constituem-se como resquícios das antigas cerimônias, que hoje representam muito mais um compromisso social do que o marco de uma nova fase na vida do indivíduo.

Os jovens que ingressam no IFPB, especialmente aqueles que cursam o Ensino Técnico Integrado, são recepcionados pelos veteranos com um trote, que inclui: a pintura do rosto e ser chamado de “lancheira”, ou seja, de criança. Os veteranos entregam ainda aos calouros uma carta contendo o que eles chamam de os “10 Mandamentos do lancheira”, em que são estabelecidas algumas ordens que precisam ser seguidas à risca por eles a partir do ingresso na instituição.

Como tivemos algumas dificuldades para conseguir o texto completo, apresentamos aqui apenas seis dos dez “Mandamentos”¹⁰ utilizados no ano de 2007. O 1º deles é o seguinte: “É terminantemente proibido para um ou qualquer lancheira gazear as aulas de alguns professores [...]”. Por questões éticas, omitimos os nomes dos professores citados no texto. O 2º mandamento diz que: “Nenhum lancheira pode beber o néctar sagrado! SIMBA!”¹¹. O 3º mandamento diz que “os lancheiras devem serventia e cega obediência a seus superiores”, “superiores” aqui é entendido como os veteranos. O 4º mandamento impõe que: “O lancheira é obrigado a ceder sua **nega**”¹² para o veterano.” O 5º mandamento diz que “o lancheira não pode de forma alguma negar dinheiro para um veterano desprovido de dinheiro.” No 6º mandamento é informado que: “O lancheira terá que pagar lanche para o veterano que momentaneamente estiver sem dinheiro e estiver com fome”.

¹⁰ Mandamentos usados no ano de 2007. Fonte: integrantes do Grêmio Estudantil no ano 2007.

¹¹ Marca de refrigerante apreciado pelos veteranos na época. A cada ano este gosto pode ser substituído.

¹² “Nega” é um termo pejorativo e preconceituoso utilizado pelos homens paraibanos na referência às mulheres com quem tem experiências sexuais sem compromisso. Grifo nosso.

Esses são alguns dos mandamentos que compõem uma lista de dez itens elaborados pelos veteranos e atualizados a cada ano, marcando assim, sua passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio no âmbito do Instituto. Podemos reconhecer esse momento na vida do aluno recém chegado como um rito de passagem, que alguns enfrentam com alguma naturalidade e outros com sofrimento.

Ao longo desses anos de atividade no Instituto, pudemos presenciar alguns momentos em que os veteranos estiveram presentes nas atividades de recepção dos novos alunos, preparadas pelas equipes responsáveis diretamente em recepcionar esses alunos. Durante essa atividade, é solicitado pelos veteranos um espaço para recepcionar os colegas. A presença das equipes pedagógicas, de apoio ao estudante, dos coordenadores dos cursos e de áreas e dos professores, que organizam esse momento, garante a tranquilidade no recinto, acompanhando com muito cuidado todo o desenvolvimento da presença desses veteranos, evitando assim possíveis excessos, além de assegurar ao recém chegado um clima de alegria e camaradagem.

Conversamos com alguns líderes do JOTEC a fim de sabermos como esse trote é visto por eles. Para alguns líderes essa atividade é vista como normal, desde que não cometam excessos, mas os integrantes do grupo não participam desse momento. Para outra liderança: “O trote não é um problema, ele faz parte da recepção, da interação do calouro com o veterano. Ele só é ruim, quando o ‘lancheira’ se sentir agredido”. Pelas respostas obtidas, percebemos que as falas dos líderes são coerentes entre si, como também com a filosofia de vida por eles professada.

Na opinião de Lelo (2005),

Há de ressaltar que esses ritos relacionados aos colegas, à vida cotidiana, adquirem maior significância que os religiosos, como por exemplo, a conquista da noturnidade, a busca das primeiras relações sexuais, a experiência da droga, a admissão a determinados lugares de diversão, etc. (LELO, 2005, p.22)

O autor afirma ainda que os jovens são iniciados em estruturas e modos de pensar por outros caminhos e por outra linguagem, que os levam a se comportarem conforme valores e interesses dominantes, às vezes, frente a questões fundamentais, substituindo-as

por bens de consumo. Para ele, há uma tendência do jovem de hoje em cultivar formas de vida focadas na imediata positividade, nas satisfações terrestres em curto prazo, não demonstrando assim interesse pela busca de um sentido de vida cristã. Diz ainda que a experiência do jovem na atualidade acontece em meio à exaltação da beleza corporal, da saúde e da sua exploração narcisista, sofrendo uma certa absolutização da capacidade pessoal para escolher o que possa lhes parecer estar muito além dos critérios morais ou éticos.

Por outro lado Ribeiro (2009) afirma que,

Imerso num mundo secular o jovem encontra em sua religiosidade uma preciosa fonte de energia. Da forma como a entendemos, a religiosidade é totalmente adequada ao ser-jovem, visto instilar confiança numa etapa em que o sujeito se distancia de poderosos ambientes elaboradores de sentidos, como a família e a religião, e empreende uma travessia que é singular e também geracional. (RIBEIRO, 2009, p. 110).

Na opinião de Passos (2006), a rapidez das transformações e a sociedade da tecnologia têm consumido não apenas produtos, mas também instituições e valores, e, embora as religiões guardem ideias, práticas e valores milenares, estão inseridos no contexto das grandes transformações sociais do nosso tempo.

Segundo Fizzoti, (1998),

A ideia fundamental então não é a diferença entre crentes e não crentes, porquanto um membro verdadeiramente religioso de uma religião organizada e um agnóstico sincero não tem muita coisa que os divida [...] estas pessoas “sinceras” estão tão próximas umas das outras a ponto de manifestarem a própria identificação individual em toda a humanidade, a humanidade que se preocupa, que busca, que se questiona, que se submete às provações, que não se sente segura, a humanidade que tem o “sentido da vida”, que explora as profundezas e as alturas [...] (FIZZOTI, 1998, p.247).

A organização de grupo religioso em uma instituição laica parece estar associada à necessidade de recomposição de raízes comuns na dimensão transcendente em Deus, com o grupo e nas relações intra e interpessoais.

Como o Grupo mantém o ingresso, a participação e a saída dos jovens de forma aberta, tal flexibilidade ajuda o jovem a exercitar sua autonomia, responsabilidade e compromisso frente ao outro. Dessa forma, a livre participação no Grupo também se constitui num espaço em que é possível conviver com a diversidade religiosa.

Segundo Vilhena (2005):

Se por um lado nem todas as pessoas são religiosas no sentido estrito, por outro lado muitos ateus ou agnósticos reivindicam profundas experiências religiosas possibilitadas pelas práticas significativas de transcendência horizontal, ou seja, aquelas possibilitadas pelas relações interpessoais, pelo exercício da solidariedade, pela ética, pela filosofia, pelo contato íntimo e profundo com a arte, etc. (VILHENA, 2005, p. 41)

Como pudemos perceber, o espaço criado pelo JOTEC proporciona além da sociabilidade de seus participantes, a oportunidade de construção de algumas competências importantes nessa etapa do desenvolvimento humano e que foram citadas anteriormente como o saber ouvir e respeitar a opinião do outro, trabalhar em grupo, aprender a conviver com as diferenças, exercitar a tolerância religiosa, experimentar e tomar decisões. Diante de uma rotina acadêmica, com grande exigência de tempo para os estudos, esses jovens fazem do tempo livre momentos de viver a religiosidade de forma particular. Após essas considerações, concluímos este Capítulo conhecendo um pouco o JOTEC, como também as suas expressões de religiosidade.

II. RELIGIÃO: conceitos, símbolos e cotidiano

Neste capítulo iremos apresentar algumas reflexões que possibilitaram a construção desse estudo, tendo sido fruto das discussões realizadas em sala de aula do Mestrado em algumas disciplinas, mais especificamente na disciplina Ciências das religiões. Trata-se do estudo sobre as Ciências das Religiões, enquanto categoria científica, saindo do entendimento teológico e possibilitando um conhecimento amplo, includente, envolvendo várias ciências, como: a Sociologia da Religião, a Antropologia da Religião e a Psicologia da Religião, que foi utilizada com mais ênfase em nosso trabalho.

Sendo nosso objeto de estudo um grupo de jovens vivenciando a sua religiosidade, tal fato exigiu o estudo de algumas escolas científicas que embasam o conhecimento acadêmico sobre a religião, refletindo os múltiplos olhares dessas ciências, sobre as quais faremos um breve histórico, com enfoque na religião, na intenção de fundamentar nosso estudo.

Neste capítulo iremos apresentar os caminhos do JOTEC, através da análise das fontes documentais, dos símbolos utilizados, da análise das imagens contidas nos materiais gráficos utilizados para divulgação de eventos, à luz da Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand, e da análise dos eventos realizados pelo Grupo.

Para compreender a estrutura do Grupo recorreremos às fontes documentais cedidas pela liderança do mesmo. Trata-se do Caderno do JOTEC, uma espécie de Manual de Orientação para o funcionamento do Grupo. É possível perceber que as lideranças são construídas com base na habilidade de relacionamentos intra e interpessoais, mas que a condição para tornar-se líder do Grupo, ultrapassa essa habilidade, requerendo também a de liderança, sendo preciso ainda apresentar outras características que envolvem algumas habilidades específicas, descritas nesse *Caderno*.

Para o desenvolvimento desse trabalho foi necessária ainda a construção de uma metodologia que possibilitasse descrever as práticas religiosas do JOTEC, analisando as expressões de religiosidade dos seus participantes. Assim, optamos pela pesquisa qualitativa, já que iríamos trabalhar no ambiente natural em que o Grupo desenvolve suas atividades. Utilizamos também a observação das atividades do Grupo, das fontes documentais, análise de conteúdos, que permitiu passar da descrição à interpretação do fato religioso e análise das imagens contidas nos materiais gráficos utilizados pelo Grupo

para divulgação das atividades, à luz da Teoria Geral do Imaginário, construída por Gilbert Durand.

2.1 Religião: conceitos e cotidiano.

A religião tem um significativo papel na vida social e política de todo o mundo, sendo bastante difícil ter uma adequada compreensão da política internacional, sem estar consciente do fato religioso. Na atualidade, um sólido conhecimento sobre as religiões é de grande valia por estarmos vivendo num mundo cada vez mais multicultural, além do mais, por ser o estudo das religiões importante para o desenvolvimento individual, já que as religiões tentam responder aos questionamentos feitos pelo ser humano há milhares de anos: De onde vim? Para onde vou?

Já houve várias tentativas de definir religião através de fórmulas que se adequassem a todas as crenças e atividades religiosas, mas tal intento coloca em risco a ideia, por partir do princípio de que elas podem ser comparadas. Pesquisadores opinam que o único método para se estudar as religiões é considerá-las individualmente em seu contexto histórico e cultural. Mesmo assim, há mais de um século estudiosos buscam achar traços comuns entre as religiões, verificando que, o problema aqui está em interpretar as semelhanças de formas diferentes. Já outros pesquisadores comparam com objetivo de descobrir o que caracteriza em si o conceito de religião, entrando em cena as definições.

Segundo Gaarder et al (2005), o repertório de ideias da religião é transmitido pela linguagem, através de cerimônias religiosas, ritos e pela arte. O mito é uma história que quase sempre acompanha um rito, que por sua vez reitera um ato em que ele se baseia e que, muitas vezes, elucidam algo acontecido no princípio dos tempos, cujo objetivo é oferecer às pessoas uma explicação geral da existência. Para esse autor, tal como se busca explicação para as origens do homem, grande parte das pessoas preocupa-se com o que acontece após a morte, uma ideia muito antiga. No cristianismo, foco do nosso estudo, fala-se em vida eterna, alma eterna e ressurreição do corpo.

Sem jamais ser vinculada apenas ao intelecto, a religião envolve as emoções, extravasadas através da música, da dança e do canto (GAARDER, et al, 2005). Esta concepção está confirmada nas atividades que passamos a descrever mais adiante.

Segundo Gaarder et al (2005), existem algumas definições famosas sobre religião, algumas delas são as seguintes:

A religião é um sentimento ou uma sensação de absoluta dependência. (FRIEDRICH SCHLEIERMACHER, apud: GAARDER, 2009, p.19).¹³
Religião significa a relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou do qual se sente dependente. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo), conceitos (crença) e ações (culto e ética). (C. P. TIELE, 2009, p.19) ¹⁴ (GAARDER et al, 2005, p.19)

Na opinião de Gaarder et al (2005), a palavra *sagrado* tornou-se para os pesquisadores da religião no século XX a palavra-chave, descrevendo a natureza das religiões e o que de especial elas têm. Na obra da Psicologia da Religião, “A ideia do sagrado”, de Rudolf Otto (1917), o termo ganhou realce. O autor fala de uma dimensão da existência, que chama de *mysterium tremendum et fascinans* (do latim “mistério tremendo e fascinante”). Otto foi criticado, refutado, plagiado e ampliado. (GAARDER, et al, 2005),

Gaarder et al (2005) afirma que entre os que adotaram a noção de sagrado está o romeno Mircea Eliade que analisou diferentes tipos de “experiências religiosas” em vez de termos como Deus e religião. Para Eliade apud Gaarder et al (2005), o sagrado indica algo que é separado e consagrado, é o oposto do profano que denota o que está em frente ou do lado de fora do templo e, o ser humano obtém conhecimento do sagrado por este se manifestar como algo completamente diferente do profano.

Segundo Filoramo e Prandi (1999), o filósofo e teólogo alemão F. Schleiermacher já colocava a definição de religião como “sentimento do Infinito”, uma tendência à busca da essência. Para esses autores, em todas as sociedades do mundo, o termo “religião” e “religioso” são completamente estranhos à linguagem das culturas antigas. Entre os autores clássicos, ao termo do vocabulário latino *religio* é atribuído em geral o significado de *escrúpulo, consciência, exatidão, lealdade*, e outros do mesmo significado.

Algumas definições modernas de religião foram apresentadas por Filoramo e Prandi (1999), como por exemplo, a de Voltaire, crítico iluminista que afirmava que a religião, dentre outras coisas, não deveria apenas ensinar a adoração a Deus, mas também a justiça, a tolerância, e a humanidade. Segundo esses autores, no século XIX, os

¹³ FRIEDRICH SCHLEIERMACHER, (1768-1834)

¹⁴ C. P. TIELE (1830-1902)

chamados “mestres da suspeita” – Marx e Weber – afirmaram que *a religião nasceu de um estado patológico da condição humana*.

Na Alemanha, Joachim Wach, sociólogo da religião, nos anos 30, fugindo do nazismo emigrou para os EEUU, e através da reflexão feita por Rodolfo Otto afirmou que “[...] religião é a experiência com o sagrado [...]”, mas não de um sagrado puramente subjetivo, um sagrado capaz de gerar uma experiência objetiva, adequada, emitindo sinais legíveis (FILORAMO; PRANDI, 1999, p. 264).

Segundo Schmidt (2007), nenhum dos fundadores de tradições religiosas afirmaram ter fundado religião alguma. Charlesworth, citado por Schmidt (2007), falava em revelação ou divulgação do divino, maneira de crença e vida, uma lei ou vida espiritual ou vida de perfeição. As pessoas costumam empregar o termo religião com diferentes significados, com base num conhecimento geral. O problema, segundo Jonathan Z. Smith, apud Schmidt (2007), não é a impossibilidade de definir a religião, mas é que existem mais de cinquenta maneiras para isso, o que limita o uso do termo religião.

Para Greschat (2005), as milhares de religiões podem ser estudadas e escolhidas sendo representadas por uma totalidade passível de investigação conforme quatro perspectivas: como sistema de atos, como comunidade, como conjunto de doutrinas ou ainda como sedimentação de experiências. Na visão do autor, a religião é estudada através de diferentes cientistas, que vão observar parcialmente, através de separadas janelas, abertas em diferentes direções, de acordo com as perspectivas das suas disciplinas. Assim, arqueólogos, historiadores, sociólogos, geógrafos, médicos, psicólogos, juristas, cada um dentro da sua área terá uma forma própria de perceber religião.

Nunes (2007) afirma que a religião para Marx, Durkheim e Weber apresenta-se como um problema a ser analisado para o entendimento da sociedade. Marx entende religião a partir dos modos de produção e como uma realidade histórica que depende do desenvolvimento das condições materiais de vida e da consciência dos indivíduos. Para ele, a religião desaparecerá dada a evolução de processos históricos e consciências individuais. Já Durkheim e Weber consideram a religião permanente, mesmo que não eterna. O interesse de Durkheim pela religião se deve à sua compreensão da sociedade como realidade moral, expressa em forma religiosa.

No estudo das religiões, Weber, na opinião de Nunes (2007), é o mais rico desses autores, chegando a afirmar que a religião tem a ver com “o mundo aqui em

baixo”, ao contrário das afirmações que as religiões se referem às coisas do alto, que ele toma como referentes ao “agir no mundo”. Assim, mais do que crenças, a religião é uma espécie particular de agir coletivo.

Greschat (2005) afirma que é importante o equilíbrio entre passado e presente através da mudança, servindo para manter as religiões vivas. A mudança representa a força vital das religiões, chamando a atenção dos cientistas da religião. As novas religiões ou novos movimentos religiosos enquanto campos de pesquisa ainda são vistos de forma depreciativa por alguns cientistas da religião, pois esse conhecimento confronta o pesquisador com o pulsar da vida religiosa (GRESCHAT, 2005).

Na atualidade, a ideia que predomina nas ciências das religiões é que ela é um elemento independente, que tem ligação com os elementos sociais e psicológicos, embora possua sua estrutura própria. Seus ramos mais importantes são: a Sociologia da Religião, a Psicologia da Religião, a Filosofia da Religião e a Fenomenologia da Religião.

A seguir, faremos uma breve abordagem sobre essas ciências, apresentando suas contribuições para o estudo das religiões, em particular para nosso trabalho.

2.2 Contribuições da Psicologia

Escolhemos a Psicologia da Religião como base da estrutura do nosso trabalho por considerá-la a que mais se aproxima do mesmo, passando a fazer um breve histórico da sua contribuição aos estudos das Ciências das Religiões.

A Psicologia enquanto “ciência da alma” trabalha com a subjetividade e complexidade da experiência humana em sua busca de sentido para a vida. Valle (2007) afirma que a Psicologia entende a Religião como atitude, uma maneira de ser diante de algo ou alguém, que é estruturada de forma dinâmica, orientada por normas, metas e valores que as pessoas assimilam a partir daquilo que são, sentem, pensam e buscam. Esse foi o enfoque que utilizamos em nosso trabalho e que, através da interpretação dos dados coletados na pesquisa, possibilitou responder algumas questões como: Qual o sentido da religião para suas vidas? O que esses jovens procuram nessas práticas coletivas? O Jovem continua interessado na religião?

A idade da Psicologia da Religião é quase a mesma que a da Psicologia. Como ciência empírica, as raízes da Psicologia da Religião encontram-se nos Estados Unidos, inspirados nas pesquisas estatísticas de Francis Galton a respeito da influência da oração

na saúde e a carreira com Granville Stanley Hal, enquanto Edwin Diller Starbuck e James Henry Leuba puseram a pedra fundamental da Psicologia da Religião (HOCK, 2006).

Para Hock (2006), “as raízes do pensamento psicológico-religioso são muito profundas e pelo menos tão antigas quanto os primeiros testemunhos escritos” (HOCK 2006, p.163). Afirmar esse autor que, na história intelectual do Ocidente, há uma tradição longa de conceitos que dão especial importância à introspecção, como a contemplação da vida interior da alma.

A ciência ocidental durante muito tempo desconsiderou fatos e coisas vistas como irrelevantes para a vida do ser humano, mas a partir da descoberta do inconsciente por Freud, as mulheres, as crianças e os artistas passaram a ser valorizados na sua forma de viver, de perceber e conceber o mundo. Sonhos, devaneios e alucinações começaram a ser estudados e a ter sentido a partir desses estudos, que atribuíam a esses fenômenos uma forma de fuga dos conflitos existenciais. Jung, discípulo de Freud, passa a estudar o comportamento humano com um novo olhar, incluindo a religiosidade em seus estudos e observando a presença constante de conteúdos espirituais nos relatos de seus pacientes.

Segundo Hock, (2006), na língua alemã, a Psicanálise de Freud funda uma vertente de pesquisa que deu novas inspirações à Psicologia da Religião, que foi desenvolvida por Carl Gustav Jung e Erich Neumann, e outros. A visão de religião de Jung é muito mais positiva do que a de Freud, pois ao longo dos anos Jung estabeleceu relações estreitas com os cientistas da religião, como: psicólogos, teólogos e cientistas naturais.

Ao separar-se de Freud, Jung elaborou sua teoria sobre a Psicologia Profunda, significativamente diferente da de Freud. Para Jung, a religião tinha um papel positivo, já Freud em sua teoria faz crítica à religião. No entanto, ambos consideram a religião um modelo obsoleto. Segundo Hock, (2006), pesquisadores como J. Leuba, Freud e Skinner tinham uma relação pessoal extremamente cética com a religião, chegando a resultados negativos em seus estudos, enquanto Jung via um valor positivo na religião.

Valle (2007) afirma que as Ciências da Religião e a Psicologia da Religião encontram dificuldade para chegarem a um acordo quanto à definição de seu objeto, face à complexidade da “alma humana” em sua busca de sentido. A diversidade nos objetivos, motivações e dinâmicas dos comportamentos religiosos, a variedade de crenças e expressões dos grupos religiosos, as ciências da cultura e do homem levantam questões

jamais consideradas pela humanidade, até as ciências “duras”, a exemplo da neurologia e astrofísica, abrem diálogo com a transcendência.

Para Valle (2007), apesar da secularização dos comportamentos, acontece de forma contraditória um reencantamento religioso no Ocidente secularizado. Em sua constituição, a Psicologia da Religião experimentou todos esses processos e aspectos. Como as outras ciências, com o passar do tempo, a Psicologia abandonou a pretensiosa abordagem que a caracterizou, tornando-se mais ciente dos seus limites, aprendendo que não detém o monopólio do conhecimento sobre religiosidade e religião. Para Valle (2007),

À medida que a psicologia da religião avança e, talvez, exatamente por esse motivo, ela ganha crescente lucidez sobre o que é ou deveria ser, o que favorece o diálogo com os setores que, dentro da psicologia, se perguntam sobre a validade e utilidade de uma abordagem psicológica **específica** do religioso. (VALLE, 2007, p.125, grifo do autor)

Na opinião de Valle (2007), outra percepção da psicologia é que falta uma melhor elaboração de alguns conceitos básicos, a exemplo do sagrado, como também de quais são os parâmetros psicológicos capazes de diferenciar validamente um comportamento religioso de um outro não religioso. Sem esses esclarecimentos, afirma Valle (2007), seu status de ciência, sua metodologia de trabalho e sua epistemologia continuarão a ser imprecisos e, apesar dos laços da Psicologia da Religião com a Psicoterapia, Psicanálise e Psiquiatria, é preciso saber estabelecer a diferença e/ou algumas vezes contrapor-se a elas.

Na opinião de Valle (2007),

[...] a religião, do ponto de vista da psicologia, deve ser entendida como “atitude”, isto é, como uma maneira de ser diante de alguém ou algo. Estrutura-se como uma síntese dinâmica, orientada por metas, normas e valores que são assimilados pelas pessoas a partir do que são, sentem, pensam e ...buscam. (VALLE, 2007, p.131).

Na opinião desse autor, a atitude religiosa é expressa através de palavras, gestos e símbolos de natureza religiosa, que cada cultura elabora e se expressa em sua linguagem e conceitos. Tais elaborações, afirma, não podem estar desprendidas da história e da sociedade em que foram construídas e passadas de uma a outra geração.

Segundo Fizzotti (1998), o filósofo e psicólogo William James conseguiu dar um grande impulso sobre o significado primário da dimensão pessoal na experiência religiosa, que se cristalizou nos escritos de Maslow, dando início à Psicologia Humanística e, junto a

outros psicólogos, pretendia aprofundar as características do comportamento, bem como as dinâmicas das emoções.

Para Maslow apud Fizzotti (1998), a psicologia humanística aspira ao credo na liberdade essencial do ser humano, bem como em seu poder criativo. O existencialismo assume as categorias de “ser no mundo” e da “busca de sentido”, surgindo também como reação à psicanálise ortodoxa e ao comportamentalismo, que excluem do estudo da personalidade elementos como altruísmo, a dignidade da beleza e da verdade, não pretendendo excluir qualquer teoria, mas integrá-las numa visão fenomenológica e experimental, através do interesse pela totalidade, integralidade, da defesa da liberdade e da autonomia do ser.

Segundo Fizzotti, (1998), o processo de autorrealização costuma ser ameaçado pelo mecanismo de defesa da dessacralização, da redução do ser a simples objeto, a recusa em enxergar os valores simbólicos e interiores de cada um, especialmente na juventude, quando os valores e virtudes próprios da personalidade são associados à revolta contra figuras de autoridade. Para que a autorrealização aconteça será preciso que esse mecanismo de defesa desapareça, fazendo com que a sacralização seja reintegrada.

Para Maslow, apud Fizzotti (1998), “a religião consiste na capacidade do ser humano de chegar até as nascentes mais profundas do seu ser e de ultrapassar as suas necessidades fundamentais” (FIZZOTTI, 1998, p.245). Assim, as qualidades naturais do ser incluem um potencial espiritual, que só terá condições de se realizar quando cada um colocar seu “eu” mais profundo descoberto, realizando-se nas pequenas escolhas.

Para Maslow (1986), apud Fizzotti (1998), tanto o humanista como o homem do clero podem concordar com certas posições do pensamento do filósofo Rudolf Otto, que define a experiência religiosa como a experiência do sagrado, do divino, do eterno, do indescritível, da unidade com todo o universo e a baixeza, que são caracterizadas pelo entusiasmo, que conduz a entoar hino de agradecimento, fazendo sentir-se pequeno e inclinar-se diante do Mistério. Sendo Deus definido como o “próprio ser”, “princípio de integração do universo”, “plenitude de todas as coisas”, ou “explicação do cosmo”, tal definição poderia ser comum a todos, o ateu não poderia contrapor.

Outro aspecto na opinião de Maslow (1986), apud Fizzotti (1998), também deveria ser aceito por todos e diz respeito às coisas essenciais da religiosidade, como: que as religiões deveriam unir-se para ensinar o que é comum e fundamental nas experiências

do sublime, enquanto as suas diferenças deveriam ser consideradas como resultado das experiências do sobrenatural que acontecem em lugares e épocas diferentes.

Para Frankl apud Fizzotti (1998), tanto o sentido da vida como da morte e da fugacidade do tempo é submetido a uma prova difícil pela presença da dor, pois, segundo esse autor, é através dela que o ser humano compromete-se naquilo que lhe é mais íntimo. Por esse motivo, ele defende que, as inevitáveis situações de sofrimento podem transformar-se em oportunidades que possibilitam alcançar o mais alto ponto da moralidade. Mais adiante veremos como os participantes do JOTEC lidam com situações problemáticas, de sofrimento e as alternativas sugeridas aos seus iguais diante dessas situações.

Na opinião de Albuquerque (2007), os estudos históricos da religião ampliaram-se nos últimos 100 anos, havendo, na atualidade, preocupações com o coletivo. A religião agora é abordada em contexto amplo e muda a abordagem das crenças. Os autores atuais ousam e buscam mais as estruturas no inconsciente, individual ou coletivo e, fazem correlação com o social e o econômico.

Apresentamos aqui as principais referências teórico-conceituais referentes às Ciências das Religiões que tomamos como suporte para nosso trabalho, através das quais foi possível compreender nosso objeto de estudo. Acreditamos que estes referenciais complementam-se possibilitando a interpretação das expressões de religiosidade dos participantes do JOTEC, no contexto tecnológico do IFPB.

2.3 As imagens à luz da Teoria de Gilbert Durand.

A análise das imagens contidas nos materiais gráficos utilizados pelo Grupo para divulgação das atividades foi realizada à luz da Teoria Geral do Imaginário, construída por Gilbert Durand, que é antropólogo e sociólogo, um dos grandes pensadores do século XXI, que dedicou estudos para compreender o nível simbólico, oferecendo meios para uma convivência de respeito à diversidade cultural, bem como ao ser humano no que tange às suas emoções e contradições. A Teoria de Durand é composta por um entrecruzamento de diversas ciências, trazendo no seu arcabouço os métodos de verificação das mesmas sem, no entanto, invalidá-los. Outros teóricos também contribuíram nessa perspectiva, e serão mencionados mais adiante.

Em sua teoria, Durand construiu uma ciência transdisciplinar, propondo um exame das imagens mentais, encontrando uma forma de traduzi-las em símbolos e códigos, surgindo assim um novo paradigma para a ciência ocidental, mostrando uma outra forma de ver e sentir o mundo, onde antes, a razão tinha a soberania e, resgatando os sentidos negados durante a investigação científica naturalista.

Segundo Durand (2002), o pensamento ocidental e, especialmente, a filosofia francesa tem por constante tradição desvalorizar ontologicamente a imagem e psicologicamente a função da imaginação, na sua opinião, “fomentadora de erros e falsidades” (DURAND, 2002, p.21). Para esse autor, Sartre preconiza o método fenomenológico com a finalidade de evitar “coisificar” a imagem, pela vantagem de não deixar que apareça do fenômeno imaginário mais do que purificadas intenções de qualquer ilusão de imanência.

Para Durand (2002),

A primeira característica da imagem que a descrição fenomenológica revela é que ela é uma consciência e, portanto como qualquer consciência, é antes de mais nada transcendente. A segunda característica da imagem que diferencia da imaginação dos outros modos da consciência é que o objeto imaginado é dado imediatamente no que é, enquanto o saber perceptivo se forma lentamente por aproximações sucessivas. (DURAND, 2002, p.22-3).

Outros estudiosos também valorizam as imagens, entre eles Danielle Pitta (2005). Para essa autora,

Vários estudiosos do imaginário dizem que o homem não faz senão repetir o ato de criação; o calendário religioso comemora no espaço de um ano todas as fases que ocorrem desde as origens. Nesse caso, o destino não é mais uma fatalidade, mas consequência dos atos dos homens. No entanto, para assegurar o ciclo da vida são necessários rituais e sacrifícios. (PITTA, 2005, p.33)

Nessa perspectiva direcionamos nosso trabalho, estudando o calendário de atividades do Grupo, que marca o ciclo da vida escolar desses jovens, face às dificuldades da rotina de estudos acadêmicos.

Segundo Durand, (2002), na base da organização das imagens existem duas intenções distintas: uma divide o universo em opostos (alto/baixo, bem/mal, feio/bonito, esquerda/direita, entre outros), a outra une os opostos, harmonizando-os, complementando-

os. O regime diurno é o primeiro, caracterizado pela luz. É o regime dos heróis, masculino, valoriza a razão. Assim, é que a tendência diurna do Ocidente estaria reequilibrando-se atualmente através de um conhecimento maior do Oriente, na tentativa de contrapor ao excesso de valorização da racionalidade, os conhecimentos das técnicas de espiritualização e desenvolvimento de outras possibilidades como aquela em relação ao corpo.

O regime noturno é o segundo, caracterizado pela noite que unifica, pela conciliação. Noite é o avesso do dia: repouso, cores sutis. Esse regime valoriza o feminino, a natureza, o centro.

Os dois regimes da imagem recobrem três estruturas do imaginário, que respondem à questão fundamental do ser humano: sua mortalidade, a angústia existencial e a morte, que são expressos através das imagens relacionadas ao tempo. A morte, na perspectiva do jovem, passa pela compreensão do rito de passagem, que foi analisado anteriormente.

Durand (2002) utilizou as noções de reflexos dominantes para explicar a classificação dos regimes da imagem. Os reflexos dominantes organizam outros reflexos através de um processo de inibição ou de reforço, dividindo-se em três: dominante postural, de nutrição e copulativo. Os dois primeiros estão presentes nos recém-nascidos, o último é desenvolvido ao longo da vida, amadurecendo junto com o corpo físico. O dominante postural corresponde à verticalidade, corresponde ao *schème* da ascensão, da divisão. O dominante de nutrição corresponde ao movimento de deglutição, engolimento, correspondendo ao *schème* da descida, do aconchego, da intimidade. O dominante copulativo relaciona-se com o reflexo sexual, corresponde ao movimento e ao *schème* cíclico.

Para compreendermos o poder das imagens em nossa vida, precisamos conhecer como ela se forma em nosso sistema nervoso e como são fixadas em nossa mente ao longo da nossa vida. Para isso, pela Teoria do Imaginário, Durand apresenta três formas: o engrama, o *schème* e o arquétipo.

Podemos definir o engrama como a impressão que é deixada nos centros nervosos pelos acontecimentos vivenciados pelo ser humano, de forma ativa ou passiva. São exemplos de engrama: os conhecimentos adquiridos, as cenas assistidas, os traumas, os hábitos, os condicionamentos, entre outros, e corresponde à fixação de uma lembrança desse momento.

Os engramas podem ser evocados, ter recordação espontânea no sono ou na vigília, como também de associação com eventos atuais, podendo levar o ser a um comportamento automático, reflexo ou voluntário. As impressões dos estímulos nervosos recebidas pelo bebê, desde o nascimento até os 28 dias de nascido, ficam gravadas na sua mente para toda a vida. Podemos dizer também que é um marco definitivo deixado no tecido nervoso por um estímulo. Um exemplo de engrama é a amamentação no seio da mãe ou em mamadeira, memória sensorial que ficará gravada na mente do bebê.

O *schème* representa “a intenção ao imaginar”, logo ela é anterior à imagem. Aqui os gestos inconscientes unem-se aos dos reflexos dominantes e das representações. Exemplos: 1. *Schème* postural – A postura vertical do ser humano, que corresponde a dois *schèmes*, o da subida e o da divisão (manual ou visual); 2. *Schème* da deglutição – o gesto de engolir, correspondente aos *schèmes* da descida (caminho dos alimentos) e do aconchego na intimidade (o leite materno e amamentação, primeiro alimento humano); e 3. *Schème* da copulação – rítmico.

O arquétipo, representado pelos *schèmes*, são imagens primordiais, universais, mais profundas, de caráter coletivo e inato; corresponde ao ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais. Exemplos: *schèmes* da subida, representados pelos arquétipos do chefe, do alto; *schèmes* do aconchego, representados pela mãe, pelo colo, pelo alimento.

Pita (2005) afirma que, por “[...] dizer o indizível”, a imaginação simbólica tem uma *função transcendental*, ou seja, ela permite que se vá além do mundo material objetivo [...]” (PITTA, 2005, p.38). Nesse entendimento, buscamos nas imagens contidas nos materiais gráficos utilizados pelo Grupo JOTEC o não dito, fazendo fluir a imaginação como forma de acesso à transcendência.

Outros teóricos também contribuíram para o estudo do imaginário, fortalecendo a importância do entendimento das diferentes experiências do ser humano, como a arte, a poesia, o símbolo, caminhos a serem trilhados para uma compreensão da dimensão transcendente do ser.

Legros, (2007) apresenta sua compreensão do imaginário, afirmando que:

O imaginário não é uma forma social escondida, secreta, inconsciente que vive sob as fibras do tecido social. Ele não é o reflexo, o espelho deformado, o mundo revirado ou a sombra da realidade, uma sociedade subterrânea que cruzará profundamente os esgotos da vida cotidiana, mas ele estrutura, no fundo, o entendimento humano. (LEGROS, 2007, p.111),

Para esse autor, "a interpretação do imaginário pressupõe que seja preciso descobrir alguma coisa 'escondida' na "aparência" (LEGROS, 2007, p.110). É nessa perspectiva que procuramos olhar a experiência do JOTEC, analisando as práticas religiosas, os símbolos, os rituais, as imagens utilizadas na construção do material de divulgação das atividades, o que é visível e o que se esconde, o que é dito e o que não é dito.

Diferentes pesquisas sobre a simbólica imaginária, fizeram distinguir, segundo Legros (2007), quatro formas de interpretação: 1. interpretação dos detalhes, em que cada símbolo leva a uma interpretação; 2. interpretação por campos de estudo, bases de uma ciência determinada que levam à interpretação do símbolo, sua análise verifica a validade do atual estudo; 3. interpretação original, em que o símbolo possui uma realidade primeira que a história transformou; e 4. interpretação da exclusão, em que o símbolo possui um duplo sentido que é necessário revelar para compreensão da sua unidade. Na opinião desse autor, essas quatro formas se entrecruzam frequentemente no pensamento interpretativo, tendo em comum o fato de acrescentarmos a elas o termo imaginário.

Nessa perspectiva, os alunos participantes do JOTEC asseguram sua permanência no ciclo de estudos do Ensino Médio, no IFPB, utilizando rituais religiosos em que estão presentes imagens que foram analisadas, a partir da Teoria do Imaginário.

Dessa forma, somente a partir das transformações ocorridas ao longo do tempo, pela ciência e pela sociedade, é que essa compreensão chega à atualidade, para confirmar aquilo que já era desconfiança nos séculos passados: que o homem transcende sempre a sua realidade, vive e convive com a vida e com a morte.

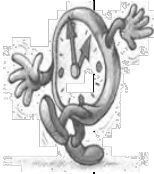
2.4 Analisando as imagens das atividades

Os participantes do JOTEC, no que diz respeito aos registros, têm formas próprias de comunicação, confeccionando cartazes, convites, faixas, camisetas, em que podemos identificar a presença de símbolos religiosos. Utilizam muitas imagens nesses materiais, o que chama a atenção da comunidade escolar para os eventos que realiza.

As atividades do Grupo, principalmente as assistemáticas, trazem, além de mensagens bíblicas, um significativo conjunto de imagens que passamos a analisar, através do material gráfico que apresentamos a partir de agora, e que faz parte do acervo do JOTEC, gentilmente cedido por seus líderes para esse trabalho.

Começamos com a apresentação de um convite, confeccionado e distribuído pelo Grupo, para convidar e chamar a atenção dos colegas para os encontros realizados na área de convivência da Instituição.

O convite traz informações sobre as atividades sistemáticas a serem realizadas pelo Grupo, contendo informações como: dia, hora, local, incluindo mensagem Bíblica e de chamamento aos alunos que desejem participar. Além do texto, o convite traz também imagens que vamos procurar entender em sua simbologia, nem sempre expressa de forma transparente.

O que é o JOTEC? Somos um grupo de jovens que se reúne para entender o propósito de nossas vidas e aprender sobre a boa, perfeita e agradável vontade de Deus. 	Sem denominações, Religiões ou dogmas, apenas a Bíblia como única fonte de toda a verdade. 
É só chegar e sentar! 	 “Santificai-vos na verdade; a tua palavra é a verdade.” João 17:17
Horários das reuniões: Segundas: 15h30 Quartas: 9h30 e 15h30 Sextas: 12h30 e 15h30 Local: Pátio Em breve à noite 	 Sejam bem vindos!!

Convite 1: Atividade Sistemática do JOTEC - Fonte: Arquivo JOTEC-2009

Na parte superior direita do convite podemos visualizar uma pessoa levando muitos livros, o que podemos interpretar como uma das preocupações dos alunos com as exigências em relação aos estudos, uma realidade na rotina da Instituição, que tem em seu currículo uma carga horária intensa, tanto na quantidade de aulas, quanto no grande número de disciplinas, levando à uma necessidade de muitas horas de estudo, e consequente dedicação.

No mesmo espaço podemos ver a imagem de um livro aberto, um convite à leitura, o que podemos inferir ser a Bíblia, livro sagrado dos cristãos e que, não por acaso, reflete luz

e está próximo da frase “a Bíblia como única fonte de **toda a verdade**”; e a verdade para os cristãos está contida da Bíblia. Mais abaixo, lança a proposta que o Grupo repete em vários momentos: “Santificai-vos na verdade; a tua palavra é a verdade. João 17: 17”.

Logo percebemos que o convite está repleto de imagens que mediam o discurso. Começando pela frase *Somos um grupo de jovens que se reúne para entender o propósito de nossas vidas*, percebemos as inquietações do jovem quanto a sua existência transcendental. Os textos *Sejam bem vindos* e *É só chegar e sentar!* trazem a mensagem do acolhimento. Podemos ver ainda a figura que traz uma interrogação, o que remete a um questionamento: Qual o sentido desta interrogação? Preocupação frente as incertezas da vida? Dúvidas?

Essas inquietações, próprias da fase da juventude, também podem ser percebidas nas preocupações do jovem quanto à sua transcendência, que podem ser observadas no discurso que chama para o coletivo quando afirma que: *somos um grupo de jovens que se reúne para entender o propósito de nossas vidas e aprender sobre a boa, perfeita e agradável vontade de Deus*.

Na opinião de Eliade (2002),

A mais pálida das existências está repleta de símbolos, o homem mais “realista” vive de imagens. [...] ao símbolos jamais desaparecem da atualidade psíquica: eles podem mudar de aspecto; sua função permanece a mesma. Temos apenas que levantar suas novas máscaras. (ELIADE, 2002, p.12-3)

O estilo de vida dos jovens pertencentes ao JOTEC pode ser identificado na sua preferência musical, nas camisetas confeccionadas utilizando símbolos cristãos, nos adereços, na forma de lazer que encontraram para ocupar o tempo livre dos intervalos e final das aulas.

Nasser (2006) afirma que,

Os símbolos grupais revelam a identidade do grupo e terão vida enquanto forem alimentados e o significado do grupo existir. [...] Assim, eles podem dizer de uma época, de um momento [...] (NASSER, 2006, p.38)

A atitude religiosa também é expressa através de palavras, gestos e símbolos de natureza religiosa, que cada cultura elabora e encontra meio de expressão em sua linguagem e conceitos.

O símbolo da cruz e o relógio aparecem em forma de abraço, muda de aspecto chamando o Grupo ao acolhimento, no entanto, parece também haver um chamado à Cristandade. O relógio mostra o tempo, entendido tanto como espaço cronológico como informando que é hora de buscar o transcendente. Na opinião de Mardones (2006), através do símbolo da cruz podemos compreender o mundo de forma direta em suas injustiças e contradições, como também na sua capacidade de redenção e de salvação gratuita pelo amor doado.

Para Chevalier e Gheerbrant (2009),

A cruz tem, em consequência, uma **função de síntese e de medida**. Nela se juntam o céu e a terra... Nela se confundem o tempo e o espaço... Ela é o cordão umbilical, jamais cortado, do cosmo ligado ao centro original. De todos os símbolos, ela é o mais universal, o mais totalizante. Ela é o símbolo do intermediário, do mediador, daquele que é, por natureza, reunião permanente do universo e comunicação terra-céu, de cima para baixo e de baixo para cima. [...] A cruz tem, ainda, o valor de símbolo ascensional. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.309-310, grifo dos autores)

A cruz é um símbolo que, segundo Nasser (2006), está documentado desde a Antiguidade, na China, Egito, Creta e em Cnossos, servindo de base para todos os símbolos de orientação, nos variados níveis da vida do ser humano, por apontar para os quatro pontos cardeais.

Revela-se, implicitamente, como centro da presença humana no mundo terrestre, sua orientação espacial, relativa aos pontos cardeais terrestres, e, também, a relação com os pontos cardeais celestes. (NASSER, 2006 p. 80).

Nasser (2006) apresenta três orientações – animal, espacial e temporal – que religam o ser humano com o mundo transcendente, supra temporal, sendo por esse motivo que o símbolo da cruz pode ser interpretado, no eixo central, como o lugar do ser humano, e nos braços horizontais sua existência temporal, imanente, relativa, fazendo a ligação com o próximo na solidariedade. No sentido vertical da cruz, o ser humano sintoniza com o celeste, espécie de re-ligação com o transcendente, portanto, é religião (NASSER, 2006, p. 80).

Segundo Durand (2002), o símbolo é todo signo concreto evocando, por uma relação natural, algo que se encontra ausente ou é impossível de ser percebido, representação que faz aparecer um sentido secreto, proporciona a capacidade de sonhar, permite a teofania e sensação do “numinoso”. Podem ser vistos em rituais, nos mitos, nas artes plásticas, na literatura. O símbolo traduz emoções, possuindo significados em aberto, tendo significado apenas dentro de um contexto, a exemplo do crucifixo.

Santos (2004) afirma que todo símbolo tem uma casca superficial de seu aspecto mais visual, conduzindo a um determinado *sentido*, nem sempre explícito e dizível, mas vivenciável. Para esse autor, a descrição de uma estrutura de sensibilidade e de estados da alma que o ser humano desenvolve na relação com o Outro e com o mundo começou a fazer o mundo humano.

Nessa perspectiva, os símbolos estão presentes tanto nos materiais gráficos, como nas atividades práticas e nos rituais religiosos do Grupo.

Na concepção de Mardones (2006),

Símbolo é uma criação da experiência do sagrado [...] O símbolo não reflete a realidade objetiva, mas busca revelar o profundo, escondido, misterioso. Preocupa-se em desvelar as raízes ocultas da realidade, os pilares do universo. (MARDONES, 2006, p. 91 e 92).

Mardones (2006) afirma que o símbolo possui um referente que só pode evocar, sugerir, mover-se sempre no mundo da conjectura, do vislumbre, que é a consciência da inadequação e da dessemelhança que o desperta sempre. É persistente, pois mantém impavidamente a pretensão de dizer algo que é significativo sobre o ponto que ele não alcança, por esse motivo possui uma teimosia interpretadora impertinente. Para esse autor: “o símbolo se apresenta como fonte inesgotável de sugestões. O pensamento simbólico tem que estar continuamente à espreita para percorrer o caminho infinito, sem fim, do Mistério” (MARDONES, 2006, p.95).

Na opinião do autor citado, Freud, por querer dar significado a cada símbolo onírico, em vez de criar uma ciência, acabou matando uma fonte de significação. Já Jung vinculou os símbolos religiosos ao mundo do inconsciente, considerando que a representação simbólica possuía a função de ponte entre consciente e inconsciente, bem como de elemento estruturador e unificador do processo de personalidade. “O símbolo

mostra para a consciência o que esta deveria ser. Os novos símbolos apontam para um futuro ao qual impulsionam o indivíduo e sua personalidade” (MARDONES, 2006, p.96).

Na opinião de Pitta (2005), para que possamos abordar o simbolismo é preciso ter em mente sempre a dimensão da ambiguidade, por ser fundamental fazer com que ”a essência dialética do símbolo” seja estendida sobre vários planos, exercendo com isso uma reequilibração constante.

Para resumir a compreensão desses teóricos trazemos o pensamento de Eliade (1991) sobre o símbolo. Diz ele:

A superação do “cientismo” na filosofia, o renascimento do interesse religioso após a Primeira Guerra Mundial, as múltiplas experiências poéticas e, sobretudo, as pesquisas do surrealismo (com a redescoberta do ocultismo, da literatura negra, do absurdo etc.) chamaram, em níveis diferentes e com resultados desiguais, a atenção do grande público sobre o símbolo como modo autônomo do conhecimento. (ELIADE, 2002, p.5)

Afirma Eliade (2002) que:

Começamos a compreender hoje algo que o século XIX não podia nem mesmo pressentir: que o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas que jamais poderemos extirpá-los. (ELIADE, 2002, p. 7)

Foi nesse entendimento que buscamos nos símbolos presentes nas experiências do JOTEC uma das formas para compreender a sua religiosidade, que apesar de estar vivenciando um tempo de grandes avanços da ciência e da tecnologia, mantém viva a presença do símbolo em suas práticas, no que está escondido, não revelado, misterioso, profundo.

Além dos símbolos, percebemos também que as imagens têm um lugar bastante significativo no Grupo e que estão o tempo todo mediando o seu discurso, convidando, cativando, alegrando, chamando a atenção. A imagem a seguir é a logomarca do Grupo, contendo três cores: preta, vermelha e branca, com destaque para a mancha de sangue e a letra C, da palavra Cristo.



Logomarca JOTEC

A partir da figura de manchas de tintas pretas e coloridas, o psicólogo suíço Rorschach construiu um método de diagnóstico psicológico. As manchas observadas de forma isolada, *a priori*, não formam desenho preciso de algo, todo seu significado advém das interpretações que são fornecidas pelos interrogados no teste, que projetam sua personalidade naquilo que as manchas lhes fazem recordar. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009),

O símbolo é aquilo que ele afirma ver. A mancha desempenha apenas um papel introdutor de símbolos. [...] Além desse papel indutor, que a torna infinitamente polivalente em símbolos, a própria mancha é um símbolo, o de uma degradação, de uma anomalia, de uma desordem; é, no seu gênero, algo antinatural e monstruoso. Seja o efeito do envelhecimento das coisas que se desgastam, ou o resultado de um acidente, a mancha revela a contingência do ser, cuja perfeição, quando atingida, tem pouca duração. É a marca da fraqueza e da morte. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.585)

Nesse sentido, a mancha contida na logomarca remete-nos ao sangue, em particular ao sangue derramado por Jesus para salvação dos homens, segundo os postulados bíblicos. A mancha de sangue que podemos observar na logomarca serve como pano de fundo à letra C, em destaque, e para a palavra Cristo, numa simbologia do sofrimento, que serve de orientação aos cristãos, um estímulo para o enfrentamento das suas dores, sejam elas físicas ou morais.

O sangue também se encontra presente nos ritos de passagem, apresentados anteriormente, tanto para as meninas, que após a primeira menstruação passavam à outra condição social, como para os meninos, nos rituais em que há cortes na pele, feridas abertas e reabertas. O vermelho “É também a cor do sangue, da vida, da beleza, da riqueza; é a cor da união (simbolizado pela pelos fios vermelhos do destino, atados no céu). Cor da vida, é também a da imortalidade, [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 946).

O vermelho, segundo os mesmos autores, é “universalmente considerado como o símbolo fundamental do princípio de vida, com sua força, seu poder e seu brilho [...]”. Dizem ainda que, “o vermelho vivo, diurno, solar, centrífugo, incita à ação; ele é a imagem de ardor e de beleza, de força impulsiva e generosa, de juventude, de saúde, de riqueza, [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 944-945).

O preto é a cor oposta ao branco, sendo considerado por Chevalier e Gheerbrant (2009) como seu igual em valor absoluto e compreendido simbolicamente sob seu aspecto negativo e frio, que está associado às trevas primordiais. Para esses autores, o preto também é a cor do luto, que podemos associar ao luto vivenciado na juventude, que, segundo a Psicanálise, está ligado às perdas: do corpo infantil, dos pais da infância e dos brinquedos.

A logomarca traz ainda o branco, presente na palavra Cristo, imprimindo destaque na letra C.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009) esta cor

É uma cor de **passagem**, no sentido a que nos referimos ao falar dos ritos de passagem: e é justamente a cor privilegiada desses ritos, através dos quais se operam as mutações do ser, segundo o esquema clássico de toda iniciação: morte e renascimento. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, 141, grifo dos autores)

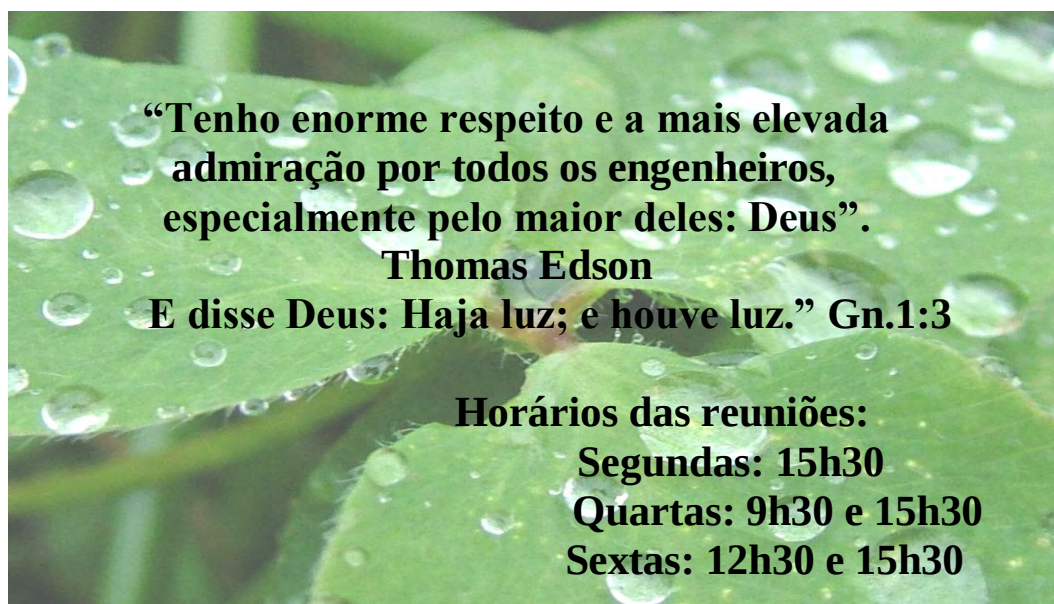
Assim, essas três cores escolhidas pelo Grupo para sua logomarca demonstram a coerência com o pensamento do mesmo, ou seja, a passagem de um tempo a outro: fazer morrer o “homem velho” e fazer renascer o “homem novo”, segundo os postulados cristãos. A escolha das cores provavelmente foi feita de forma inconsciente, mas a análise de seu conteúdo permite afirmarmos que essa escolha tem relação com a simbologia do sangue de Cristo.

As imagens, por sua vez, são bastante utilizadas nos eventos, e aqui vamos apresentar e analisar algumas delas, contidas nos materiais gráficos utilizados pelo Grupo para divulgação das atividades à luz da Teoria Geral do Imaginário.

Para Legros (2007),

As imagens são, portanto, fundamentais, pois são mediadoras entre nós e o cosmos (Deus, por exemplo, nós e nossos atos (fazemos o que somos), nós e nós mesmos. Mediadoras que servem ao equilíbrio entre os contrários, nos salvando, assim, da neurose. (LEGROS, 2007, p.122)

No convite abaixo, foi colocado no texto uma citação bíblica que chama a atenção para o diálogo com a atividade profissional, em especial dos que escolheram a área da Construção Civil, ou das engenharias, como é o caso do Curso de Edificações. A citação usada enaltece o profissional, mas diz a ele que existe um engenheiro que é maior, Deus, que fez a luz.



Convite 2: Atividade Sistemática do JOTEC. Fonte: Arquivo JOTEC, 2009
<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=63004765>

A imagem traz como pano de fundo a água e uma vitória-régia (*Victoria regia*), planta aquática encontrada nas águas dos rios da região amazônica. Suas folhas são verde-escuro, grandes, de formato circular, com bordas dobradas, formando uma espécie de bacia, bóia sobre as águas e consegue suportar o peso de uma criança pequena sem afundar na água, podendo chegar a dois metros de diâmetro. Suas flores podem ser brancas ou rosadas, normalmente misturadas ao amarelo, possuindo várias camadas de pétalas e, no meio, um botão circular onde ficam as sementes. As flores só se abrem de noite e podem ter até trinta centímetros de diâmetro, exalando um perfume delicioso. Observamos nesse convite o simbolismo dessa planta que nasce nas águas escuras, paradas, profundas, e emerge com sua linda flor branca, símbolo da pureza.

O caminho percorrido por esta planta vai do impuro ao puro, remetendo à trajetória de ascensão, apresentada por Durand (2002), na organização das imagens. Nas duas intenções distintas, contidas nessa imagem, podemos observar os dois regimes de imagem que dividem o universo em opostos: o diurno é o primeiro, caracterizado pela luz, que emerge acima das águas; o segundo é o noturno, presente nas profundezas dessas águas que se encontram no fundo dos rios. A raiz encontra-se nas profundezas das águas, embaixo, em contato com o escuro, e podemos dizer que ela é feia. A planta nasce acima, na superfície, na luz, onde sua flor brota abrindo-se de forma pura, construindo uma união dos opostos, que se harmonizam e se complementam.

A cor verde predominante no cartaz é a cor que simboliza a água e o reino vegetal “se reafirmando, graças às águas regeneradoras e lustrais nas quais o batismo tem todo seu significado simbólico. O verde é o despertar das águas primordiais, o verde é o despertar da vida” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.939).

Em sua simbologia podemos compreender essa escolha a partir de Chevalier e Gheerbrant, (2009) que afirmam ser:

O verde – envolvente, tranquilizante, refrescante e tonificante – é celebrado nos monumentos religiosos erigidos no deserto por nossos ancestrais. Para os cristãos, a Esperança, virtude teologal, permanece verde. Mas o cristianismo desenvolveu-se em climas temperados, onde a água e a verdura tornaram-se banais. Mas nossa época também celebra o verde, símbolo da *natureza naturista*, com uma veemência especial desde que a civilização industrial ameaça essa natureza. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.939 e 942)

Podemos perceber uma diferença entre o cartaz anterior, que nos remete a esta celebração do verde e da vida, e o cartaz que se segue. No primeiro encontramos imagens e reflexões bíblicas, enquanto no segundo encontramos apenas a presença de informações, sem qualquer conotação religiosa. Esse cartaz é uma demonstração de que o Grupo mantém-se “atenado” com o que acontece ao seu redor, procurando fazer-se presente e integrado aos movimentos que lidam com as questões sociais e de moral tanto no Instituto quanto na cidade de João Pessoa.

Cronograma da Campanha Nacional de Combate à Pornografia.	
18 - Segunda- Feira	Passeata na orla marítima, iniciando no Busto de Tamandaré. Concentração às 19 horas.
20 - Quarta- Feira	Palestras no Instituto Federal da Paraíba, antigo CEFET, às 9 h e 15 h.
22 - Quinta- Feira	Mesa de discussão na Universidade Federal da Paraíba às 15 h.

Convite 3: Atividade Assistemática do JOTEC - Fonte: Arquivo JOTEC-2009.

2.5 Encontro com Deus.

A seguir, passamos a descrever a “Semana de Encontro com Deus”, uma atividade assistemática, realizada uma vez por ano, durante uma semana, geralmente ao final do ano letivo com programação em todos os intervalos das aulas dos três turnos, sendo considerado atualmente o principal evento do JOTEC, que segundo o Grupo “deve ser mantido conforme a Vontade de Deus.”

A primeira versão do evento aconteceu no ano de 2008, sendo registrada pelo Grupo através de material impresso e fotografias que apresentamos a seguir. O evento foi realizado no Ginásio de Esportes do Instituto, que recebeu decoração com balões coloridos, azul e branco, além de faixas alusivas ao evento.

Podemos observar que a maioria dos alunos que aparece nas fotos veste a camisa padrão do evento, numa demonstração da unidade do Grupo. A partir do ano 2008, essa atividade assistemática passou a fazer parte do calendário de eventos do Grupo, como uma atividade de grande importância.



Fotos 4: Atividade Assistemática, “II Semana de Encontro com Deus”, 2009.

Durante a “Semana de Encontro com Deus”, nos três turnos, são realizadas diferentes atividades em que estão envolvidos a música, a dança, os malabares, a pirofagia, o teatro, entre outros. O local escolhido para realização das atividades pode variar, dependendo da disponibilidade da instituição, mas sempre sua realização efetiva-se em local amplo, onde as atividades possam ser realizadas com maior visibilidade e com o maior número de pessoas.

Para o evento, o Grupo conta com o apoio do Instituto para liberação do espaço e de transporte para traslado dos equipamentos e dos instrumentos das bandas convidadas que irão se apresentar, como de mesa de som e aparelho de televisão para exibição de vídeos. Também são confeccionadas camisetas para serem usadas pelos participantes durante todo o Encontro, uma forma de dar maior visibilidade ao evento. A divulgação inclui a elaboração, confecção e distribuição do material gráfico como: cartazes, banner's e faixas.

Os cartazes são classificados pelos integrantes do Grupo como formas de chamamentos e enigmáticos. Os de chamamento são os cartazes comuns, contendo as principais informações sobre o evento como: tema central, período, atrações, mensagem bíblica e os apoios recebidos. Os cartazes enigmáticos, como o próprio nome sugere, buscam causar impacto e curiosidade da comunidade escolar chamando a atenção para algo escondido, mas que irá acontecer. O conteúdo dos cartazes é variado, mas todos trazem a assinatura do Grupo e mensagens escritas, visuais e simbólicas.

A seguir, podemos observar um modelo de cartaz de chamamento, elaborado para divulgar o evento considerado mais importante do Grupo, a “Semana de Encontro com Deus.” Como o próprio nome sugere, trata-se de uma semana com intensa programação, realizada nos intervalos das aulas nos três turnos, em que alunos, servidores e comunidade externa têm a oportunidade de conviver com as práticas religiosas do Grupo e assistir apresentações artísticas das mais diversas. Momento de encontro, celebração e arte.

A “II Semana de Encontro com Deus” foi realizada no período de 7 à 11 de dezembro de 2009, com tema central “Jesus veio salvar o que estava perdido e nos transformar em nova criação MT. 18.1 e II Co 5.17”.



Cartaz: “II Semana de Encontro com Deus”, 2009

Pela leitura da frase “Jesus veio salvar o que estava perdido [...]” podemos entender que se vivia antes no caos e, a frase “nos transformar em nova criação” remete ao rito de passagem dos Jovens Cristãos, mencionado anteriormente, ou seja, transformação do homem velho em um homem novo.

As imagens contidas nesse cartaz chamam a atenção pelo colorido, pelo design característico de uma “cultura hip-hop”, bem como as atividades programadas que são peculiares da juventude. O cartaz traz imagens de jovens em movimento, aparentemente alegres, imagens de lápis coloridos, fazendo uma inserção do estudo no contexto.

Encontramos também símbolos ascensionais, como a escada. Durand (2002) esclarece que “a ascensão é, assim, ‘a viagem em si’, a viagem imaginária mais real de todas com que sonha a nostalgia inata da verticalidade pura, do desejo de evasão para o lugar hiper ou supra celeste [...]” (DURAND, 2002, p.128).

Ainda na simbologia da escada, temos a opinião de Chevalier e Gheerbrant (2009) que dizem:

Os diferentes aspectos do simbolismo da escada estão todos ligados ao problema das **relações entre o céu e a terra**. A escada é o símbolo por excelência da **ascensão** e da **valorização**, ligando-se à simbólica da verticalidade. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.378, grifo dos autores)

Os autores afirmam ainda que:

A passagem da terra ao céu se faz por uma sucessão de estados espirituais, cuja hierarquia é assinalada pelos degraus e que simbolizam aliás, igualmente, os anjos da escada de Jacó.[...] A escada deste reino está escondida dentro de ti, na tua alma. Lava-te, pois, do pecado, e descobrirás os degraus por onde subir. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.378-379),

A sugestiva imagem da escada no cartaz nos remete à reflexão sobre a proposta do Grupo quando convida os participantes a uma re-ligação com o transcendente, a olhar a sua religiosidade, a mudar seu comportamento diante da vida.

Para Chevalier e Gheerbrant (2009) “o Cristo e a cruz são escadas, o próprio homem é escada, [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.378-379). Nessa perspectiva, o Grupo funciona como escada que leva seus participantes a patamares de ascensão espiritual.

O cartaz traz a imagem de manchas coloridas e de lápis coloridos que lembram um arco-íris, que segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), “é **caminho e mediação** entre a terra e o céu. É a **ponte**, de que se servem deuses e heróis, entre o Outro-Mundo e o nosso” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.77, grifo dos autores).

Entre as atividades programadas podemos perceber que há um apelo religioso em consonância com os temas da juventude. As músicas incluem ritmos como o Hip-Hop e o Rock. São incluídos ainda nas apresentações o teatro, o malabares, a dança, entre outros. As atividades deste evento foram realizadas na área de convivência de alunos, local que permitiu, além da comunidade escolar, o comparecimento de um grande número de participantes dos três turnos, como também servidores e visitantes.



Foto 5: Atividade Assistemática, “II Semana de Encontro com Deus”, 2009.

O convite que se segue fez parte da organização da “III Semana de Encontro com Deus”, realizada em 2010, tendo sido encaminhado aos diversos setores do Instituto e entregue pelos participantes do Grupo.

Podemos observar que o convite vem em nome do Líder Geral do Grupo, é ele quem convida para o evento. No texto observamos que o chamado do Grupo é para que o convidado “Venha ouvir aquilo que Deus tem para lhe dizer”; um tipo de discurso que não faz parte da ordem do discurso oficial, nem de boa parte de alunos e servidores, já que suas crenças não se encontram inseridas nesse contexto. Mesmo que no enunciado expresso no convite o Grupo tente criar um discurso aparentemente ecumênico, dirigido para todos, afirmando que a participação independe de religião, crença ou devoção, e que todos estão convidados, ele é dirigido aos cristãos, em particular aos evangélicos.



Convite 4: encaminhado aos setores do IFPB, 2010.

Para compreendermos melhor este convite, vamos tomar uma abordagem originária da Análise do Discurso. Para Pêcheux (2008),

Nesses espaços discursivos [...] supõe-se que todo sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação: essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo (tal que este universo é tomado discursivamente nesses espaços). (PÊCHEUX, 2008, p.75)

Assim, podemos entender que os discursos produzidos nesses espaços são do domínio daqueles que professam uma religião e que, por isso, estão inseridos na ordem do discurso religioso, ficando difícil, portanto, aos ateus ou agnósticos entenderem esse chamado.

Para Foucault (2010),

A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida,

de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros. (FOUCAULT, 2010, P. 43)

O que podemos perceber nas falas dos participantes do Grupo é que há um discurso inter-religioso que os une, mas que, ao mesmo tempo, separa daqueles que estão fora. Pertencer ao Grupo leva a tomar um caminho diferente, a seguir os passos do Cristo, ser modelo e espelho para o outro. Este aspecto pode ser observado e registrado com mais clareza nas entrevistas realizadas com suas lideranças que e serão apresentadas mais adiante.

A “III Semana de Encontro com Deus” foi realizada no período de 18 à 22 de outubro de 2010, e teve como tema central “Aproxime-se de Deus e Ele se aproximará de você” Tg. 4.8. Subtema: “Porque Deus tem algo para te dizer.” Analisando esse discurso, podemos chegar a outra forma de entendimento: se você não se aproximar de Deus, Ele não se aproximará de você, ou ainda, enquanto você não se aproximar de Deus, Ele não se aproximará de você; assim, se não me aproximo de Deus, nem Ele se aproxima de mim, eu estou sozinho.

O subtema “ouvir Deus” encontra-se também na ordem do discurso religioso, implicando numa subjetividade e numa simbologia dessa escuta.

Segundo Foucault (2010), as doutrinas políticas, filosóficas e religiosas, à primeira vista,

constituem o inverso de uma “sociedade de discurso”: nesta, o número de indivíduos que falavam, mesmo se não fosse fixado, tendia a ser limitado; e só entre eles o discurso podia circular e ser transmitido. A doutrina ao contrário, tende a difundir-se; e é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca. (FOUCAULT, 2010, p. 42)



Fotos 6: Atividade Assistemática, “III Semana de Encontro com Deus”, 2010.

Assim, pode-se dizer que pertencer a um grupo religioso implica compartilhar de uma ordem de discurso em que é possível compartilhar de um conjunto de discursos.

No cartaz abaixo em que temos a divulgação da “III Semana de Encontro com Deus”, podemos observar que o Grupo utiliza imagens que fazem referência à música, bem como ao corpo que parece dançar, buscando algo que está acima, para além do seu alcance.

Concomitantemente, observamos que o número três apresenta uma mancha de cor vermelha que, simbolicamente, como analisado anteriormente, representa o sangue e o sofrimento do Cristo que escorre pelo cartaz. A mancha também se repete abaixo do cartaz, na logomarca que contém a letra C da sigla JOTEC, denunciando que o Grupo traz essa mancha do sangue, do sacrifício cristão, dos que seguem essa doutrina.



Cartaz: III “Semana de Encontro com Deus”, 2010

As camisetas do evento trazem algumas mensagens contidas no cartaz, como a mancha de sangue estampada. Mas, vão além, trazendo ainda imagens de flores e

corações que passam mensagens simbólicas, além de algumas mensagens escritas, entre elas, “Jesus Irresistível Amor”.



Fotos 7: Camiseta (frente e costas), “III Semana de Encontro com Deus”, 2010.

As imagens das flores trazem uma simbologia que vai além da alegria que transmite.

Para Chevalier e Gheerbrant (2009),

Embora cada flor possua, pelo menos secundariamente, um símbolo próprio, nem por isso a flor deixa de ser, de maneira geral, símbolo do **princípio passivo**. O cálice da flor, tal como a taça, é o receptáculo da Atividade celeste [...] (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 437, grifo dos autores)

Com relação às cores das flores, os autores dizem ainda que:

Com efeito, muitas vezes a flor apresenta-se como figura-arquétipo da alma, como **centro espiritual**. Quando isso ocorre, seu significado se explica conforme suas cores, que revelam a orientação das tendências psíquicas: o amarelo revela um simbolismo solar, o vermelho, um simbolismo sanguíneo [...] (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 439, grifo dos autores)

A interpretação desses autores sobre o uso das flores também explica a escolha dessas imagens pelo Grupo. Segundo eles, “os usos alegóricos das flores são igualmente infinitos: elas podem estar entre os atributos da primavera, da aurora, da juventude, da retórica, da virtude, etc.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 439).

A camiseta traz ainda na lateral a imagem de dois corações, que segundo Chevalier e Gheerbrant (2009),

O coração, órgão central do indivíduo, corresponde, de maneira muito geral, à noção de *centro*. Se o Ocidente fez do coração a sede dos sentimentos, todas as civilizações tradicionais localizam nele, ao contrário, a inteligência e a intuição: talvez o *centro* da personalidade se tenha deslocado da intelectualidade para a afetividade. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 280)

Podemos afirmar também que o coração traz a marca da afetividade, aspecto de grande importância na juventude, quando vivencia os primeiros amores e elabora a troca dos brinquedos infantis pelos jogos amorosos. “Nas tradições modernas, o coração tornou-se o símbolo do amor profano, da caridade enquanto amor divino, da amizade e da retidão” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 283).

O corpo também é bastante valorizado nessa etapa da vida, aparecendo no cartaz, numa expressão de dança. Na opinião de Aldazábal (2005), a linguagem da dança se aproxima do caminhar, constituindo-se numa das formas de expressão mais antigas e universais dos sentimentos religiosos, assim como também a festa, a alegria, a homenagem e os valores de um mistério. Para esse autor, na dança, atinge-se uma admirável unidade entre espírito e corpo, sendo importante:

Celebrar com a totalidade de nosso ser. Nosso corpo não apenas ouve, ou vê, ou faz gestos: tende também a mover-se e caminhar, mais ou menos em ritmo, expressando a alegria, a comunhão e a festa. A dança pode ser veículo de nossos sentimentos diante do Senhor e de nossa fraternidade festiva. (ALDAZÁBAL, 2005, p. 269)

Os jovens participantes do JOTEC parecem entender bem a linguagem do corpo, que nesses momentos de celebração é envolvido e deixa-se envolver espontaneamente na sensibilidade do Grupo para a celebração da fé. O corpo juvenil, em processo de busca de espaços, passa a expandir suas dores e amores, numa construção e reconstrução de expressões ainda não compreendidas e que busca, em seus iguais, motivação para se fortalecer.

Ferreira Santos (2004) afirma que homem e mulher usando o coração são mais sensíveis, articulam com a razão numa atitude latina expressa na hospitalidade e escuta atenta aos detalhes do conviver: parar para ouvir o canto, recobrar a memória, lembrar cheiros, acessar o mundo e frequentá-lo. Numa educação que lida com a alteridade, diz o autor, o corpo é premissa básica e base imaterial da cultura.

Para Ferreira Santos (2004), a ancestralidade atualizada em nossas criações leva à re-ligação e releitura em relação à sua querência, lugar e paisagem. Em situações-limite o ser humano atualiza o mito de origem, propiciado pela re-ligação com essa ancestralidade, na estratégia de *religere* e na possibilidade latina *relegere*, passando a *reler e interpretar* o mundo de outra forma quando exerce a pertença. Na opinião de Ferreira Santos (2004), assumimos ser herdeiros de fato, conscientemente, lidando com a alteridade na perspectiva de uma educação de sensibilidade, tentando reconciliar razão e sensibilidade, na proporção em que assumimos a herança da cultura imaterial que recebemos e que somos herdeiros, atualizando nosso canto ancestral.

Na opinião de Aldazábal (2005),

A corporeidade assume na liturgia toda sua importância. O homem não é só espírito, mas também corpo. E o corpo expressa, comunica, realiza seus sentimentos mais humanos e profundos. (ALDAZÁBAL, 2005, p. 85)

Em se tratando de juventude, o corpo traz um significado muito importante, por ser o veículo que lhe permite construir uma nova imagem. Aldazábal (2005) ressalta que nos últimos anos as celebrações têm cuidado bastante da escuta da Palavra e de textos de oração, mas descuidado da importância da linguagem e de outros sinais como o simbolismo e o movimento, dando pouca ênfase ao contato físico. O resultado disso, segundo esse autor, é que as celebrações têm um resultado muito racional e ordenado, mas são carentes de expressividade, privilegiando apenas dois sentidos, a audição e a visão, sem qualquer tentativa ou proximidade de contato.

No JOTEC há um convite constante ao movimento nas múltiplas atividades programadas, quando em cada apresentação os jovens são convidados a estarem compartilhando no Encontro.

Para Aldazábal (2005), “[...] a linguagem do contato é todo um símbolo de proximidade, de personalização, de tomada de posse, de eficácia” (ALDAZÁBAL, 2005, p.88). Essa dimensão corporal, que pode ser vivenciada através do contato físico e do estar próximo ao outro, poder tocá-lo, abraçá-lo, é muito utilizada e valorizada pelos jovens de forma geral e do Grupo, em particular, podendo ser entendida também como uma união estabelecida em corpo e alma.

A seguir, apresentaremos os cartazes chamados de enigmáticos, pelos participantes do JOTEC, e confeccionados pelo próprio Grupo, como estratégia de

divulgação e marketing do evento anual denominado “Semana de Encontro com Deus”. Os cartazes que apresentamos aqui foram utilizados no ano de 2010, distribuídos nos quadros de avisos da Instituição, em locais onde há uma maior circulação de alunos.

O cartaz abaixo faz parte de um conjunto de cartazes enigmáticos utilizados na divulgação da “III Semana de Encontro com Deus”. Nele, o discurso configura-se em torno da palavra “vergonha”.



Cartaz enigmático: A vergonha, III Semana de Encontro com Deus, 2010.

A imagem desse cartaz traz uma mulher olhando por trás de um muro, que está mais ligado ao simbolismo do vertical que do horizontal. Para Chevalier e Gheerbrant (2009), “O muro é a comunicação cortada, com a sua dupla incidência psicológica: segurança, sufocação; defesa, mas prisão” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.626).

Estar atrás do muro, com vergonha, olhando o mundo com medo, na visão desses autores, parece ser uma defesa do olhar do outro, da crítica direcionada aos erros cometidos; uma sufocação, defesa, mas também uma prisão, pois o medo aprisiona.

A frase do cartaz que diz *A vergonha de confessar o primeiro erro nos leva a muitos outros*, parece ser um convite aos jovens à participação no Grupo, em que se terá além do amparo do mesmo, a possibilidade de: 1. poder falar dos erros que lhe envergonham; depois 2. receber proteção para que deixe de cometer outros erros.

Segundo Foucault (2010),

[...] pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles,

ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. (FOUCAULT, 2010, P. 22)

Segundo La Taille (2009), costumamos falar em dois tipos de vergonha. Um dos tipos se refere à exposição, como vergonha de falar em público, referência ao desconforto afetivo em decorrência de estar exposto aos olhares dos outros, que nesse caso vem do fato de sentir-se observado. Outro tipo de vergonha de que falamos é na situação em que ela ocorre por um juízo de valor.

Para La Taille (2009),

[...] para ser experimentado, o sentimento de vergonha pressupõe um *autojuízo negativo*. Dito de outra forma, quem sente vergonha julga negativamente a si próprio. Logo, duas idéias devem ser afastadas. A primeira seria pensar que basta sermos objeto de um juízo negativo alheio para sentirmos vergonha. Não: o juízo negativo proveniente de outrem somente desencadeia a vergonha se o envergonhado assumir tal juízo. (LA TAILLE, 2009, p.134)

Podemos a partir do sentimento de vergonha também observar que esta pode trazer um sentimento de culpa, que na opinião de La Taille (2009) é um sentimento autenticamente moral. Segundo esse autor, “a definição habitual diz que a culpa é um sentimento penoso decorrente da consciência de se ter transgredido uma regra moral” (LA TAILLE, 2009, p.129). Por se tratar de um grupo religioso constituído de jovens, por mais que ele, o Grupo, diga ser indiferente à crítica, ou ao olhar dos outros, essa situação também influencia em suas vidas, trazendo desconforto.

Para Alves (2008),

[...] há a dor terrível do olhar das outras pessoas. Se não houvesse olhos, se todos fossem cegos, então a diferença não doeria tanto. Ela dói porque, no espanto do olhar dos outros, está marcado a estigma-maldição: “Você é diferente.” (ALVES, 2008, p.36-7)

Embora para o jovem ser “diferente” faça parte do seu momento de vida, na perspectiva de estar sendo observado pelos outros, isso implica estar exposto à crítica, e estar “errado”, é um fato que atinge a sua onipotência.



Cartaz enigmático: Águas (01), III Semana de Encontro com Deus, 2010.

Esse cartaz enigmático continua repetindo a mesma ordem do discurso, “Prepara-te”; trazendo como mensagem escrita “Guia-me mansamente a águas tranquilas”. Segundo Eliade (2010), “As águas simbolizam a soma universal das virtualidades: são *fons et origo*, o reservatório de todas as possibilidades de existência; precedem toda a forma e sustentam toda criação” (ELIADE, 2010, p. 110).

A cor azul, predominante nesse cartaz, na opinião de Chevalier e Gheerbrant (2009),

[...] é a mais **profunda** das cores, nele o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, prendendo-se até o infinito, como diante de uma perpétua fuga da cor. O azul é a mais **imaterial** das cores: a natureza o apresenta geralmente feito apenas de transparência. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 107, grifo dos autores)

O jovem que vemos nesse cartaz parece estar entrando nas águas, elemento contido nos ritos de passagem, simbologia da transformação transcendente do ser humano.

Segundo Eliade (2002),

[...] tanto no plano cosmológico como no plano antropológico, a imersão nas Águas equivale não a uma extinção definitiva, mas a uma reintegração passageira no indistinto, seguida de uma nova criação, de uma nova vida ou de um homem novo, segundo se trate de um momento cósmico, biológico ou soteriológico. (ELIADE, 2002, p. 152)

Em todos os cartazes enigmáticos, o Grupo repete a ordem do discurso “Prepara-te”, trazendo também a mensagem “Ele enxugará dos teus olhos toda a lágrima”. Apocalipse, 25.4.

Eliade (2010) afirma que,

Em qualquer conjunto religioso em que as encontremos, as águas conservam invariavelmente sua função: desintegram, abolem as formas, “lavamos pecados”, purificam e, ao mesmo tempo, regeneram. (ELIADE, 2010, p.110)

As águas que aparecem nos dois cartazes, a seguir, são águas naturais, da chuva. Para Eliade (2010), “Toda água natural adquire, pois, pela antiga prerrogativa com que foi honrada em sua origem, a virtude da santificação do sacramento, se Deus for invocado sobre ela” (ELIADE, 2010, p.111).

Nesses cartazes a imagem exposta é feminina, demonstrando o olhar do Grupo, quanto à questão de gênero. As jovens encontram-se na chuva, passando a impressão de que buscam de alguma forma “lavar a alma”. A da esquerda encontra-se com os olhos cerrados, em posição de interiorização do momento; a da direita, sentada ao chão, parece encontrar-se em situação de desespero.



Cartaz enigmático: Águas (02 e 03), III Semana de Encontro com Deus, 2010.

Percebemos que o cartaz traz a mensagem da lágrima, que segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), é símbolo da dor e da intercessão. As duas imagens são sugestivas desses dois momentos: na da esquerda, o rosto parece sereno, os olhos cerrados passam a ideia da intercessão; enquanto a da direita passa a ideia da dor. Nos dois casos, a mensagem é a mesma: “Ele enxugará dos teus olhos toda lágrima” e “Prepare-se”.

Para Eliade (2010), “Quando mergulhamos a cabeça na água como num sepulcro, o homem velho fica imerso, enterrado inteiramente; quando saímos da água, aparece imediatamente o homem novo” (ELIADE, 2010, p.112). Esse parece ser o discurso que o Grupo tenta passar nas repetidas imagens em que traz o simbolismo da água: a transformação do homem velho num homem novo, chamando a atenção, contudo, para

o fato de que, para que isso aconteça, é preciso preparar-se: “Prepara-te”, é o chamado do Grupo.

A água representa o símbolo da vida espiritual, e para Chevalier e Gheerbrant (2009), “a imersão nela é regeneradora, opera um renascimento, [...], por ser ela, ao mesmo tempo, morte e vida. A água apaga a história, pois restabelece o ser num estado novo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.18). Mas, a água também traz a perspectiva da criação, do início, que aqui trazemos sob o olhar de Gomes (2011). Diz a autora:

No texto de gênesis há dois relatos da criação, o primeiro, que se refere às águas 1:1-2:4 e o segundo de 2:4 - 4:26. Estes dois relatos têm perspectivas diferentes de simbolizar o início de todas as coisas. No primeiro, o universo é um caos por causa das muitas águas; no segundo, a terra é seca, improdutiva, ainda não havia água para fertilizar a terra. [...] Contudo, em todos os dois relatos a água é elemento fundamental, sem ela não haveria vida, seja ela sendo ordenada, “separação das águas”, para deixar de ser caos, seja chovendo para aguar a semente, no Jardim do Éden. (GOMES, 2011, p. 111-112)

Percebemos que o tema da água se repete nos cartazes com muita frequência. Para Chevalier e Gheerbrant (2009),

As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. Esses três temas se encontram nas mais antigas tradições e formam as mais variadas combinações imaginárias – e as mais coerentes também. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.15)

O tema que traz a água no sentido de meio de purificação pode ser melhor compreendido partindo da concepção de Gomes, (2011) que afirma ter a água uma relação direta com a purificação. Diz a autora:

Sei que a purificação é ambivalente, a água que purifica é que retira as impurezas, portanto é água implacável, de regressão uterina, faz voltar ao momento em que não era. [...] Água parada me sugere morbidez: uma água doente e traiçoeira. (GOMES, 2011, p. 37)

Nos dois últimos cartazes, percebemos que a água é da chuva que é universalmente considerada o símbolo das influências celestes recebidas pela terra. É

um fato evidente o de que ela é o agente fecundador do solo, o qual obtém a sua fertilidade dela. Aquilo que desce do céu para a terra é também a fertilidade do espírito, a luz, as influências espirituais (CHEVALIER ; GHEERBRANT, 2009, p.235-236). A água da chuva presente nos dois últimos cartazes é água corrente, que segundo Gomes (2011) “[...] é símbolo da ligeireza” (GOMES, 2011, p.38).

Para a autora citada anteriormente,

A fonte das três principais religiões ocidentais no mundo contemporâneo irá se referir à Água como o elemento primordial. No Corão, por exemplo, a água que cai do céu é signo do divino, tanto porque é a forma de Deus abençoar a terra e, portanto, a subsistência humana, quanto é substância que formou o próprio homem [...] (GOMES, 2011, p.33).

Outra referência sobre a água trazida por Gomes (2011) é de que na filosofia grega, Tales de Mileto (624-546 a.C), conhecido como o primeiro filósofo e proponente de um sistema da natureza, concebia a água como um elemento fundamental. Paulli (2006), apud Gomes (2011) afirma:

Existe o princípio uno que tudo rege, que a tudo gera, que a tudo forma. A água é o princípio. Tudo vem da água. A água primordial e límpida que recobre os mares, que flui na calha dos rios, que nos mata a sede, que nos forma, que se evapora para os céus e do céu cai como bênção dos deuses. Existe o princípio uno e simples, simples como água. (TALES DE MILETO, apud GOMES, 2005, p.33)

Em vários cartazes o Grupo utiliza imagens da água, confirmando a sua importância para o imaginário religioso da juventude. As imagens da água utilizadas no material gráfico podem ser traduzidas ou entendidas como formas próprias para lavar a alma, purificar, como símbolo da vida espiritual, que possuindo função regeneradora é capaz de operar renascimento, ou seja, transformação do homem velho em homem novo, ideia contida no rito de passagem que abordamos anteriormente.

No cartaz seguinte podemos observar a imagem de um homem que se arrisca a saltar com seu guarda-chuva, em que o Grupo traz a pergunta: *Como vai sua confiança em Deus?* Uma reflexão que busca instigar o jovem a avaliar sua vida religiosa, como também a visualizar os perigos que poderá enfrentar sem a proteção divina.



Cartaz enigmático: Queda. III Semana de Encontro com Deus, 2010.

Esta reflexão pode ser melhor compreendida a partir dessa citação de Chevalier e Gheerbrant (2009), quando diz que

Diferentemente da sombrinha, que, apesar do nome, tem um simbolismo solar e glorioso, como o pátio e o pára-sol, o guarda-chuva se prende ao lado da sombra, do encolhimento, da proteção. [...] Abrigar-se sob um guarda-chuva é uma fuga das realidades e das responsabilidades. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 480)

Esse seria outro aspecto trazido pela imagem, mostrando o seu lado sombra. A cor preta que faz o pano de fundo da imagem também remete ao aspecto negativo e frio que foi analisado anteriormente, como também às trevas primordiais.

A imagem também sugere a existência de uma queda, que analisada por Durand (2002), sob a Teoria do Imaginário, pode ser entendida como

A terceira grande epifania imaginária da angústia humana, diante da temporalidade, parece-nos residir nas imagens dinâmicas da queda. A queda aparece mesmo como a quintessência vivida de toda dinâmica das trevas [...] (DURAND, 2002, p.111-112)

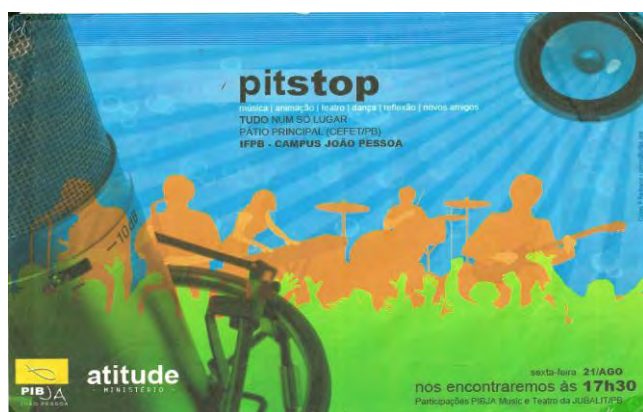
Para Durand (2002), desde o nascimento, com as manipulações e mudanças brutais de nível que segue ao nascimento, o ser humano teria a sua primeira experiência tanto da queda quanto do medo. Assim, a queda estaria relacionada ao lado do tempo vivido e as primeiras mudanças posturais, que são rápidas e desniveladas, suscitarium e fortificariam o engrama da vertigem.

Durand (2002) afirma que, como somos bípedes verticais, o sentido da queda e da gravidade acompanha todas as nossas primeiras tentativas locomotoras e autocinéticas, pois a queda está ligada à rapidez do movimento, à aceleração e às trevas, podendo vir a

ser a fundamental experiência dolorosa e constituir para a consciência a dinâmica componente de qualquer representação da temporalidade e do movimento. “A queda resume e condensa os aspectos temíveis do tempo, dá-nos a conhecer o tempo que fulmina” (DURAND, 2002, p.113).

Segundo Durand (2002), no contexto físico da queda há uma moralização como também uma psicopatologia da queda. “Em certos apocalipses apócrifos a queda é confundida com a ‘possessão’ pelo mal. A queda torna-se, então, símbolo dos pecados de fornicção, inveja, cólera, idolatria e assassinio” (DURAND, 2002, p.114).

Outro evento realizado pelo JOTEC de forma assistemática é o *Pit stop*, que conta com a colaboração de outros parceiros como: PIB (Primeira Igreja Batista), ATITUDE Ministério e JUBALIT. A utilização da expressão *Pit stop* foi inspirada nas corridas de automóvel, como a Fórmula 1, constituindo-se, portanto, uma “parada obrigatória”, cujo objetivo é parar os alunos na saída das aulas para participarem da programação elaborada pelo JOTEC.



Cartaz: Pit stop, S/D.

O cartaz desse evento convida para atividades de música, trazendo, como podemos observar, a imagem de um conjunto musical. Para Chevalier e Gheerbrant (2009),

[...] a música instrumental regula o uso dos instrumentos. Se a música é a ciência das modulações (Varon), da medida, concebe-se que ela comande a ordem do cosmo, a ordem humana, a ordem instrumental. Ela será a arte de atingir a perfeição. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 627)

Nesse cartaz as cores são vibrantes bem ao gosto juvenil. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), a cor alaranjada é o caminho entre o amarelo e o vermelho, sendo considerada a mais actínica das cores. Para esses autores, “[...] esta cor simboliza antes de tudo o ponto de equilíbrio entre o espírito e a libido” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.27). Esta ponte entre dois aspectos aparentemente díspares, espírito e libido, é fundamental para a juventude, quando nesse período de vida, experimenta-se uma intensa vivência da sua sexualidade. Já a cor azul, para os mesmos autores, “não é deste mundo; sugere uma ideia de eternidade tranquila e altaneira, que é sobre-humana – ou inumana” (CHEVALIER ; GHEERBRANT, 2009, p. 107).

Temos ainda a cor verde, que está situada entre o azul e o amarelo. Para Chevalier e Gheerbrant (2009), “o verde, valor médio, mediador entre o calor e o frio, o alto e o baixo, equidistante do azul celeste e do vermelho infernal – ambos absolutos e inacessíveis – é uma cor tranquilizadora, refrescante, humana” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 938-939).

Os dois últimos cartazes analisados referem-se a uma mesma categoria de eventos, no entanto, as cores denotam estados bastante díspares, demonstrando uma disposição das lideranças em trabalhar tanto o campo da dor e do sofrimento, como da alegria e da celebração. Isto também se estende aos outros cartazes, numa demonstração de que o Grupo explora diversas dimensões do imaginário da juventude.

Através de observação das atividades do Grupo e de fontes documentais, como o Caderno do JOTEC, foi possível descrever as práticas religiosas do mesmo, verificando a relação destas com as falas sobre as inquietações espirituais e existenciais dos participantes, além dos materiais impressos produzidos por eles.

Sobre a observação Laville e Dione (1999) afirmam que:

A observação como técnica de pesquisa não é contemplação beata e passiva; não é também um simples olhar atento. É essencialmente um olhar ativo sustentado por uma questão e por uma hipótese cujo papel essencial – é um *leitmotiv* desta obra (...). Não é, pois, surpreendente que a observação tenha também um papel importante na construção dos saberes, no sentido em que a expressão é entendida em ciências humanas. Mas para ser qualificada de científica, a observação deve respeitar certos critérios, satisfazer certas exigências: não deve ser uma busca ocasional, mas ser posta a serviço de um objeto de pesquisa, questão ou hipótese, claramente explicitado; esse serviço deve ser rigoroso em suas modalidades e submetido a críticas nos planos da confiabilidade e da validade. (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 176)

Realizamos também a análise de conteúdo a fim de possibilitar a descrição das práticas religiosas do Grupo, como também para verificar a relação das mesmas com as falas dos seus participantes sobre as inquietações espirituais e existenciais dos mesmos, a partir dos materiais impressos produzidos por eles.

Segundo Bardin (1997), a verdadeira finalidade da análise de conteúdo é a inferência, pois permite a passagem da descrição à interpretação, enquanto atribuição de sentido às características dos materiais que serão levantados, enumerados e organizados. Ainda de acordo com esse autor, o material submetido à análise de conteúdo é resultado de uma rede complexa de condições de produção, sendo tarefa do analista construir um modelo que permita fazer inferências sobre as mesmas.

Para Bardin (1977),

Mensagens obscuras que exigem uma interpretação, mensagens com um duplo sentido cuja significação profunda só pode surgir depois de uma observação cuidadosa ou de uma intuição carismática. Por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar. (BARDIN,1977)

Trata-se da desconstrução de um discurso e da produção de um novo, através de um processo de localização-atribuição de traços de significação que deve manter uma estreita vinculação com a teoria escolhida pelo pesquisador a fim de cumprir com os objetivos propostos na sua pesquisa (VALA, 1986). Esses são os contornos metodológicos que seguimos neste capítulo.

III. O JOTEC por eles mesmos

Neste capítulo vamos apresentar os resultados obtidos em nossa pesquisa de campo, que teve como foco as lideranças e alguns dos seus frequentadores mais assíduos. Além das entrevistas com os líderes, também colhemos dados sobre os participantes do subgrupo do JOTEC que funciona no turno da tarde, por ser este o turno em que desenvolvemos nossas atividades profissionais. Quanto ao levantamento quantitativo, foi feito, por conveniência, com uma amostra das lideranças do Grupo. Coletamos ainda, no decorrer dos rituais organizados por eles, dados nas falas expressas nas orações, leituras bíblicas e, até nas conversas informais com as lideranças e os seus participantes, que foram apresentados ao longo desse trabalho.

Bogdan e Biklen (1994) foram os autores que inspiraram a pesquisa qualitativa. Tais autores enfatizam que este enfoque tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados, sendo o pesquisador seu principal instrumento. Tendo em vista esta abordagem, foram feitas entrevistas semi-estruturadas. A respeito desta técnica os autores citados entendem que:

[...] a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.134)

Os autores esclarecem que:

Nas entrevistas semi-estruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão. Se bem que esse tipo de debate possa animar a comunidade de investigação, a nossa perspectiva é a de que não é preciso optar por um dos partidos. A escolha recai num tipo particular de entrevista, baseada no objectivo da investigação. Para além disso, podem-se utilizar diferentes tipos de entrevista, em diferentes fases do mesmo estudo. Por exemplo, no início do projecto pode parecer importante utilizar a entrevista mais livre e exploratória, pois nesse momento o objectivo é a compreensão geral das perspectivas sobre o tópico. Após o trabalho de investigação, pode surgir a necessidade de estruturar mais as entrevistas de modo a obter dados comparáveis num tipo de amostragem mais alargada. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 135-136)

Para especificar o contexto educacional em que estão inseridos os jovens estudantes do IFPB, em termos de disciplina e exigência de estudo, caracterização do perfil dos participantes em termos de sexo, faixa etária, escolha da área profissional e escolhas religiosas, utilizamos além de entrevistas semi-estruturadas, fontes documentais, observação e encontros com as lideranças do Grupo para coleta de dados sobre a rotina desses alunos.

Segundo Trivinos (1987), as características da entrevista semi-estruturada são os questionamentos básicos que se encontram apoiados em teorias e hipóteses relacionados ao tema da pesquisa. Tais questionamentos dariam frutos a novas hipóteses, que surgiriam a partir das respostas dos informantes. O investigador-entrevistador colocaria o foco principal. Para esse autor, a entrevista semi-estruturada,

[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...], mantendo ainda a presença atuante e consciente do pesquisador no processo da coleta das informações. (TRIVINOS, 1987, p.152)

Manzini (1990/1991) esclarece que a entrevista semi-estruturada tem seu foco em um assunto sobre o qual elaboramos um roteiro com as principais perguntas, complementadas por outras questões próprias às circunstâncias no instante da entrevista. Segundo o autor, nesse tipo de entrevista é possível fazer surgir informações de maneira mais livre, enquanto as respostas não se encontram condicionadas a uma padronização de alternativas (MANZINI, 1990/1991, p.154).

Com base nestes pressupostos teóricos elaboramos o questionário para nossas entrevistas semi-estruturadas, que se encontra em anexo ao fim desta dissertação.

Passamos agora a apresentação dos resultados da nossa pesquisa de campo, que foi realizada no segundo semestre de 2011, período em que foram entrevistadas, prioritariamente, as lideranças do Grupo, a saber: dois líderes dos cursos superiores, alunos dos cursos de Gestão Ambiental e Designer de Interiores; a líder dos líderes dos Cursos Técnicos Integrados ao Médio, aluna do Curso Técnico Integrado em Eletrotécnica; o líder do Grupo no turno da tarde, aluno do Curso Técnico Integrado em Mecânica; um ex-líder de Louvor, ex-aluno do Curso Técnico Integrado em Eletrotécnica, hoje, universitário, mas

que continua visitando o Grupo e participando eventualmente das suas atividades; e, o líder do turno da noite, aluno do Curso Técnico de Eventos na modalidade PROEJA¹⁵.

Entre os não líderes, entrevistamos três assíduos frequentadores, alunos dos seguintes cursos: dois alunos do Curso Técnico Integrado ao Médio, com habilitação em Mecânica e outro com habilitação em Eletrotécnica, além de um aluno do curso superior em Redes de Computadores, perfazendo um total de dez entrevistados. Registramos aqui, que um dos entrevistados é portador de necessidades especiais e foi trazido para a entrevista por um dos líderes, que considerou importante a sua contribuição em nosso trabalho.

O questionário de pesquisa foi elaborado com onze questões, sendo que as cinco primeiras são perguntas com objetivo de caracterizar o perfil dos participantes em termos de sexo, faixa etária, escolha da área profissional e escolhas religiosas, enquanto as seis questões seguintes tinham o objetivo de possibilitar a escuta das falas dos líderes e de alguns participantes que apresentassem dados sobre as inquietações espirituais e existenciais dos frequentadores do Grupo.

Entrevistamos em nossa pesquisa apenas os líderes e participantes com idade igual ou superior a dezoito anos. A seguir, apresentamos os gráficos que sintetizam o conhecimento do perfil dos líderes e de alguns frequentadores.

Perfil das lideranças e de alguns frequentadores:

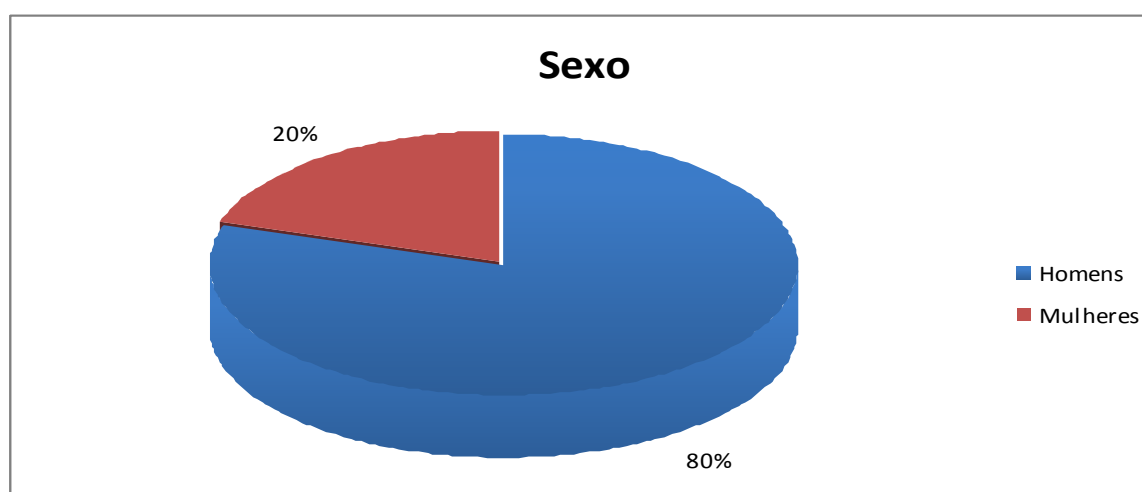


Gráfico 1: Sexo

¹⁵ Programa Nacional de Integração de Educação Profissional com a Educação básica na modalidade de Jovens e Adultos

Como em nossa pesquisa entrevistamos apenas os maiores de dezoito anos, algumas lideranças femininas deixaram de participar das entrevistas, como por exemplo, a líder geral do Grupo que, como já dissemos, anteriormente, tem apenas quinze anos.

Apesar da maioria dos líderes entrevistados serem homens, não encontramos qualquer tipo de preconceito entre seus membros em relação à líder geral, muito pelo contrário: durante as entrevistas e nos contatos realizados para consecução das mesmas, todos eles demonstraram confiança e respeito por ela. A líder, por sua vez, contribuiu em todas as etapas da construção desse trabalho, demonstrando ser possuidora de atributos normalmente atribuídos tanto ao gênero masculino como ao feminino, o que parece ser um forte aliado em sua liderança. Entre os atributos que geralmente são atribuídos ao gênero masculino podemos identificar a força, a autoridade e a coragem; entre os atributos femininos identificamos a emoção, a doçura e o afeto. É bastante sintomático também que a líder seja aluna do Curso Técnico Integrado com habilitação em Instrumento Musical, o que indica uma sensibilidade e engajamento na igreja evangélica que a mesma frequenta.

Como entrevistamos apenas os líderes maiores de dezoito anos, o resultado dos dados foi analisado em dois blocos: líderes com idade entre dezoito e dezenove anos e os líderes com idade entre vinte e vinte e três anos. Para assegurar o anonimato dos participantes na pesquisa, os seus nomes foram substituídos por nomes bíblicos, como forma de manter uma sintonia com a proposta evangélica do Grupo.

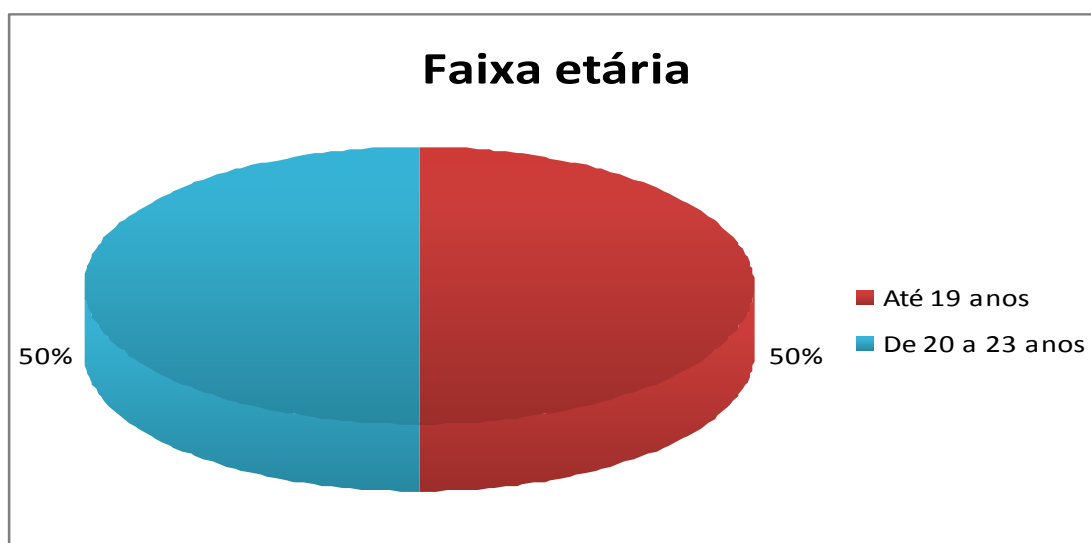


Gráfico 2: Faixa etária

O resultado obtido com relação à área profissional confirma a presença majoritária dos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Médio. O Curso de Mecânica lidera a participação com 34%, seguido do Curso de Eletrotécnica com 22%. Em igual participação encontramos os Cursos Superiores de Gestão Ambiental, de Redes de Computadores, de Designer de Interiores e a representação da liderança no Grupo do PROEJA, com o Curso Técnico em Eventos.

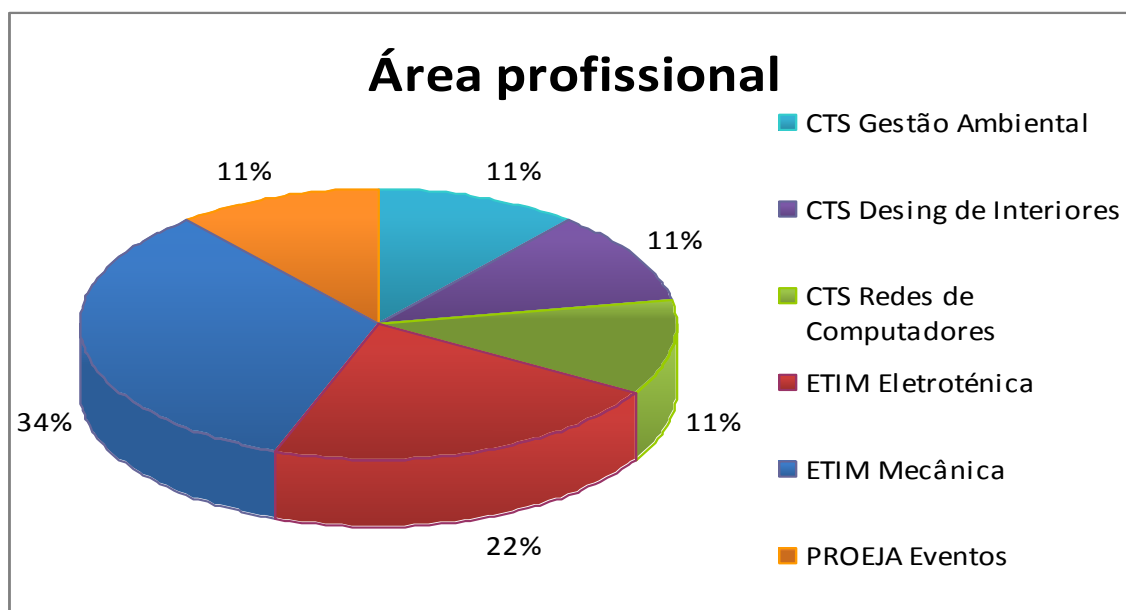


Gráfico 3: Área profissional

Quanto às escolhas religiosas, 90% é de denominação evangélica, de diferentes Igrejas, sendo a maioria da Batista (30%) e da Assembléia de Deus (30%). Mais 30% pertence às igrejas Internacional da Graça, Congregacional e Betel Brasileiro. Apenas 10% é de denominação católica e não faz parte da liderança, trata-se apenas de um dos frequentadores que participou das entrevistas.

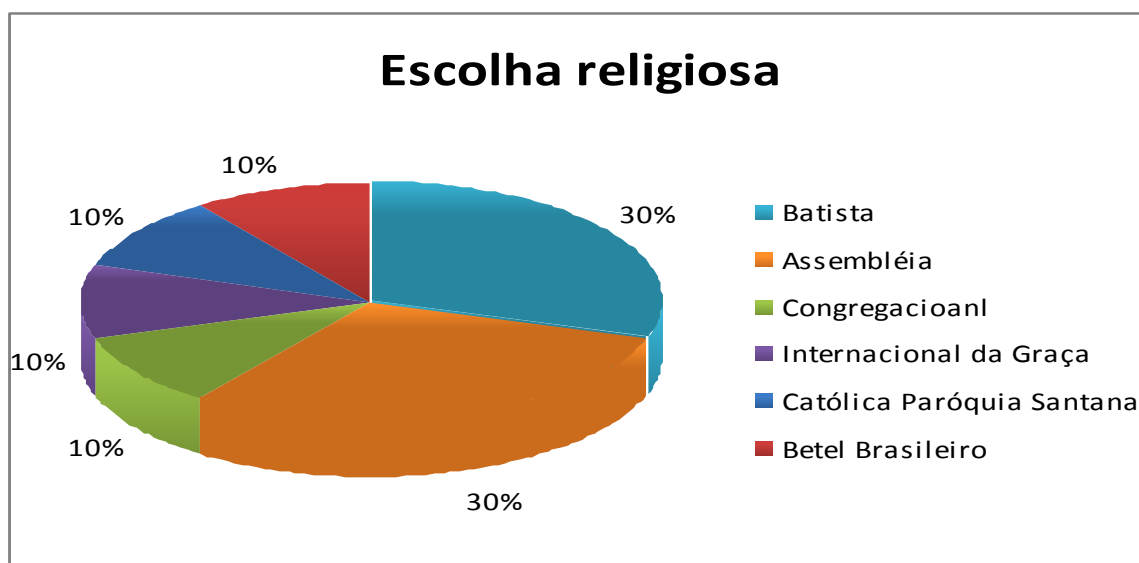


Gráfico 4: Escolha religiosa

Nesse momento, iniciaremos a análise das cinco últimas questões utilizadas nas entrevistas. Estas cinco últimas questões são aquelas que possibilitam respostas mais abertas e diversificadas por parte dos entrevistados, seguindo o modelo de questionário semi-estruturado, no qual é possível o entrevistado falar abertamente sobre temas oferecidos pelo pesquisador.

A sexta questão foi a seguinte: Qual sua motivação em participar do JOTEC? As respostas a essa questão foram, em sua maioria, a de estar junto a pessoas que tem a mesma crença em Deus, o compartilhar de experiências, a comunhão, a socialização, poder “debater sobre as coisas de Deus, orar junto, louvar junto. estudar a Bíblia junto” (Mateus, 18 anos – Nome fictício¹⁶). Já para um outro líder, esta é uma oportunidade de estar perto da transcendência, explicada assim: “Como o IFPB toma muito tempo da minha vida, o JOTEC é a oportunidade de poder fazer as coisas para Deus, oportunidade da alegria de ter Jesus e poder mostrar isso para as pessoas” (Maria, 21 anos – Nome fictício). Nessa resposta encontramos também referência quanto ao nível de exigência nos estudos.

Percebemos nessas falas a necessidade que tem o jovem de estar em um grupo que tenha as mesmas afinidades, e ainda a de dar visibilidade ao cristianismo e ao próprio Grupo.

¹⁶ Com o objetivo de preservar os nomes e as identidades dos jovens entrevistados, optamos por utilizar nomes fictícios. Nos questionários que serviram de base para a pesquisa, no entanto, temos o registro dos verdadeiros nomes dos participantes.

Um dos líderes em resposta a essa questão, ressaltou a importância de compartilhar a experiência religiosa com aqueles que possuem as mesmas escolhas religiosas. Sobre isso, ele diz: “Quando estamos com outras pessoas, com outras conversas, incomodamos e somos incomodados” (Marcos, 18 anos – Nome fictício). Falar a mesma língua na opinião desse líder parece ser uma situação confortável e proporciona segurança diante do outro.

As respostas também mostraram uma preocupação com a questão de levar a “Palavra de Deus” às pessoas, como também com a imagem pessoal que seus frequentadores atestam a todo o momento ser necessário preservar junto à comunidade estudantil.

Ainda nesta mesma questão, mas em outra entrevista, o líder ressalta o alcance que o Grupo tem para além dele mesmo. Diz um deles que a frequência ao Grupo:

[...] Dá um aprendizado, sai do grupo, de estar apenas nas atividades do grupo, a oportunidade de liderança, de aprendizado de trabalhar em equipe, em gestão de pessoas. O aprendizado aqui, levei para a igreja, para a coordenação de grupos. (José, 20 anos – Nome fictício)

O JOTEC também funciona como um laboratório, espécie de estágio para gestão de grupos e pessoas de forma em geral. Como podemos perceber, a função do Grupo vai além das questões religiosas quando é dito, nessa fala e em outras, que o aprendizado no JOTEC é levado para vida, para uma melhor convivência com os outros, seja na igreja ou com os amigos e familiares.

Com relação à sétima questão, “O que você poderia dizer sobre a influência do JOTEC na sua vida?”, todos os entrevistados afirmaram que o JOTEC exerce influência tanto na sua vida pessoal como acadêmica. No que tange à vida pessoal, algumas respostas dos entrevistados chamaram nossa atenção e transcrevemos agora uma delas. Esse líder, veio do interior do estado da Paraíba para estudar no Instituto, momento em que passou por algumas dificuldades socioeconômicas e religiosas. Diz ele:

Conheci o JOTEC quando estava com dificuldades de adaptação social e religiosa. Vim de outra cidade em que tinha outro ciclo e ritmo de amizade, social e religioso. Tinha atividade intensa na igreja: tocava, cantava, perdendo isso quando cheguei. (Tiago, 22 anos – Nome fictício)

Para este jovem, o JOTEC serviu como grupo de apoio, confirmando uma ação social do Grupo, que foi trazido a todo tempo nas entrevistas realizadas. Para um jovem aluno vindo do interior do estado da Paraíba, para estudar na capital, longe da família, dos amigos, da igreja, o acolhimento do Grupo parece ter proporcionado condições para superação de tantas perdas.

Outro entrevistado, aluno portador de necessidades especiais, respondeu que: “Quando cheguei em 2007, já era evangélico há muito tempo. Quebrou a barreira de falar em público, hoje, prego, dou palestras, foram eles que me deram oportunidade para começar” (Lucas, 23 anos – Nome fictício). O que chamou a atenção nessa resposta foi a superação do aluno na sua dificuldade de comunicação, por ter entre as suas limitações o comprometimento motor e da fala. Esta é uma condição que também interfere na autoestima do ser humano, ainda mais se este é jovem.

A questão número 8 pergunta: “Na sua opinião, as atividades religiosas do JOTEC estão relacionadas à melhoria da atuação do aluno em sala de aula?” Sete entrevistados responderam que sim, fazendo referência à importância de ser exemplo, ser espelho para os outros. Um deles usou as duas formas para explicar sua resposta:

Com certeza! Uma das coisas que sempre se fala no JOTEC é que você tem que ser um exemplo, tem que ser um espelho que reflete a imagem do Criador. É uma coisa que é difícil, mas que devemos buscar. Você tem que refletir a imagem do Criador para que as pessoas também queiram refleti-lo e assim repassar essa vontade para outras pessoas, criando uma rede, uma conexão. (Tiago, 22 anos – Nome fictício)

Outro entrevistado aprofundou a resposta afirmando que:

Com certeza! Assim, pelos textos utilizados como reflexão no JOTEC, retirados da Bíblia, que tratam de maneira bem clara a boa convivência, a disciplina, o respeito mútuo, boas práticas também. Como você pode proceder em situações extremas de desespero e muita alegria. Refletir sobre esses textos leva você a também refletir sobre suas atitudes, como é minha reação em determinadas situações, leva a avaliar se estou agindo de maneira coerente. (Gabriel, 18 anos – Nome fictício)

Essa preocupação com a coerência entre o pensar, o sentir, o falar e o agir aparece a todo o momento nas falas dos entrevistados. Temas como conduta moral, disciplina pessoal para a vida, apoio dos amigos, são compartilhados pelos integrantes de Grupo, que buscam

amparar seus participantes nas dificuldades vivenciadas, sejam elas de ordem pessoal ou educacional.

Uma das respostas à mesma questão foi não, e foi explicada da seguinte forma: “Diretamente diria que não, mas indiretamente a Palavra de Deus diz que a gente deve ser excelente em tudo e como a gente busca isso no JOTEC, essa excelência vem a refletir nos estudos também” (Mateus, 18 anos – Nome fictício).

É importante notar que embora o aluno tenha respondido não à questão, vemos na sua resposta algumas considerações que explicitam uma concordância com a questão proposta, mesmo que de forma indireta.

Outras duas respostas em que os entrevistados demonstraram certo conflito com essa questão estão descritas abaixo.

A primeira foi:

Posso dizer que sim e que não. Primeiro o sim, porque nós focamos muito a melhoria do desempenho acadêmico. A gente discute a relação do aluno com o professor; sobre o que o aluno vai passar a respeito dele mesmo para o professor. Temos reuniões que a gente fala o que o aluno sai falando da aula do professor, muitas vezes colocando a culpa no professor, sendo que muitas vezes o verdadeiro culpado é o aluno que não tem o desenvolvimento próprio de si mesmo. O não, não necessariamente disso. O verdadeiro foco de JOTEC é justamente alcançar as pessoas não cristãs, pessoas que muitas vezes não tem uma religião definida. (João Batista, 19 anos – Nome fictício)

A segunda:

Em certa parte sim, pois os trabalhos que nós desenvolvemos no Grupo, as palavras que nós trazemos para o Grupo trazem essa responsabilidade de estarmos num ambiente acadêmico e sermos nele responsáveis. Não, porque algumas pessoas podem estar no JOTEC procurando um alívio espiritual. O pensamento da pessoa ninguém sabe, depende do que ela está procurando ali. (José, 20 anos – Nome fictício)

Nessas duas falas percebemos que os dois alunos veem a mesma questão em aspectos múltiplos, não dizem de forma enfática que sim, nem tampouco que não, mas chamam a atenção aos objetivos de estar no JOTEC que para eles tem um caráter pessoal e muito subjetivo.

A questão número 9 pergunta: “Na sua opinião, qual a influência do JOTEC na disciplina escolar dos seus frequentadores?” Todos responderam que há influência nesse

aspecto, pois incentiva a serem pessoas melhores, podendo ser observado o antes e o depois de frequentar o Grupo. Escolhemos algumas respostas que complementaram a questão.

Influencia muito às pessoas serem corretas, serem justas, porque o que nós aprendemos no JOTEC é o que está na Bíblia, que Deus deixou pra gente. Por isso as pessoas do JOTEC adquirem responsabilidade. Tenho amigos que eram bem diferentes de hoje, dizem que não podem faltar aula. Quando chegava a sexta-feira iam embora. Contam como mudaram em casa e em outros lugares. (João Batista, 19 anos – Nome fictício)

Outra resposta complementa o sentimento do Grupo, afirmando que:

Você percebe a mudança. O modo como agiam antes de entrar e após estar participando das reuniões. As brincadeiras de mau-gosto, por exemplo: o que se conversa nos corredores, conversas inadequadas também, passam a ir mudando de atitude. Você percebe que as pessoas passam a pensar antes de agir e antes de falar qualquer coisa, se preocupando não só com o que se vai dizer, mas principalmente qual vai ser a reação da outra pessoa que está escutando. (Gabriel, 18 anos – Nome fictício)

Analisando respostas como estas, podemos notar que os próprios jovens percebem alterações positivas em seu comportamento. De um modo geral, as respostas fazem referência a um sentimento de alteridade e percepção do outro que não é comum na juventude – uma fase geralmente caracterizada pelo indivíduo autocentrado.

Também foi dito por um deles: “Nós pregamos ser diferentes do que acontece no mundo hoje. Nós pregamos respeito aos mais velhos, amor; comunhão com o próximo, e tudo ajuda na parte disciplinar do aluno” (Lucas, 23 anos – Nome fictício).

A questão 10 fez a seguinte indagação: “Na sua opinião, os frequentadores do JOTEC melhoram seu rendimento escolar?” Oito entrevistados responderam que sim, e atribuíram essa melhora à influência recebida do Grupo. Diz um deles: “Acredito que sim, por a gente fazer essas reuniões (sic): não vou filar, vou realmente fazer os trabalhos, ter compromisso de entregar os trabalhos. No Ensino Superior, não se ajuda muito [...]” (Maria, 21 anos – Nome fictício).

Outra resposta confirma a anterior:

Sim. Consequentemente com as mudanças já citadas de comportamento, de pensamento, como também as orientações dadas nas reuniões: como

ser um bom aluno, ou como se é muito usado, não adianta você pedir, se você não fizer a sua parte, Deus não irá lhe ajudar. Tudo isso faz com que o aluno melhore seu rendimento nas disciplinas. (Gabriel, 18 anos – Nome fictício)

Uma das respostas a essa questão foi não, e explicada da seguinte forma: “Não, porque na verdade, a dificuldade que você tem numa disciplina, não vai estudar naquele momento. Vai estudar uma coisa completamente diferente.” (Pedro, 20 anos – Nome fictício). Entendemos que nessa resposta, o líder entendeu a pergunta ao pé da letra, como dizemos no cotidiano, sem fazer relação com as mudanças comportamentais feitas pelos demais colegas.

Outro líder respondeu assim: “Não tenho como falar isso, porque nem sempre aquele que escuta coloca em prática. A religião ensina” (Tiago, 22 anos – Nome fictício). Nessa resposta, percebemos que é falado do imprevisível, das escolhas que o ser humano faz, e que cabe a ele decidir seu destino.

A décima primeira e última questão é a seguinte: “Na sua opinião, a religiosidade ajuda no enfrentamento de situações difíceis na sua vida?” Todos responderam sim a essa questão e deram explicações que se complementam. “Com certeza. Não a religiosidade em si, mas as experiências com Deus que o JOTEC proporciona é o que nos dá ânimo e também a comunhão que o JOTEC tem entre si” (Mateus, 18 anos – Nome fictício).

Outra resposta traz uma dimensão do sentimento do participante na influência da religiosidade na vida familiar. Diz ele:

Com certeza! Pessoas que estão aflitas, angustiadas, até mesmo estão com desgosto dos pais, elas precisam de uma ajuda ao seu redor. Sempre vai ter pessoas para julgar, e a Palavra de Deus em si ajuda a você lidar com a situação. (Pedro, 20 anos – Nome fictício)

Na resposta a seguir, podemos perceber a força do grupo, a dimensão social do mesmo e o auxílio que afirmam receber da Bíblia:

Sim. De certa forma, religião é como se você dividisse com outras pessoas o peso, a carga, os conflitos. Na questão transcendental, religiosa, social, fazer amigos. Religiosa, você vai ter sempre amigo cujo nome é Jesus Cristo, Deus. A Bíblia fala e a gente costuma dizer que você não é simplesmente servo, não é só servo, você é amigo de Deus. (Tiago, 22 anos – Nome fictício)

Após a análise das respostas das entrevistas, percebemos que há uma coerência entre o comportamento e as falas das lideranças e dos frequentadores do Grupo, chamando, alguns deles, a atenção para o sentido de pertencimento a um grupo; o sentimento de grupo; o acolhimento entre os participantes; a preocupação com as dificuldades apresentadas pelos outros, inclusive para os que não participam, mas estão precisando de ajuda; a “comunhão” entre eles; e a crença em Deus e em Jesus, que dão sentido a todo esse investimento emocional e religioso dos jovens do Instituto.

Como dissemos no início do nosso estudo, o JOTEC possui um movimento e uma dinâmica flutuante em termos de dias, horários e número de participantes. Apesar disso, há um percentual de participantes que mantêm uma frequência regular às atividades sistemáticas do Grupo. Frente a essa situação, nossa pesquisa teve como foco o subgrupo que funciona no turno da tarde, por ser este o turno em que desenvolvemos nossas atividades profissionais e o levantamento quantitativo foi feito com uma amostragem de 100% desse subgrupo, de um universo de 23 alunos, todos eles matriculados nos Cursos Técnicos Integrados ao Médio.

Esses dados foram levantados com a colaboração dos líderes do Grupo, que mantêm um contato muito estreito com seus frequentadores. Assim, foi possível obter essas informações, que ajudaram a construir o perfil dos integrantes que frequentam regularmente as atividades do JOTEC.

Apesar de estarmos lidando com um universo tecnológico, tradicionalmente constituído por homens, a presença feminina apresenta-se muito expressiva. O perfil desses participantes indica que, em sua maioria, esse subgrupo é constituído por mulheres, perfazendo um total de 52%, enquanto a presença dos homens é representada por 48% dos participantes.

Perfil dos participantes do turno da tarde:

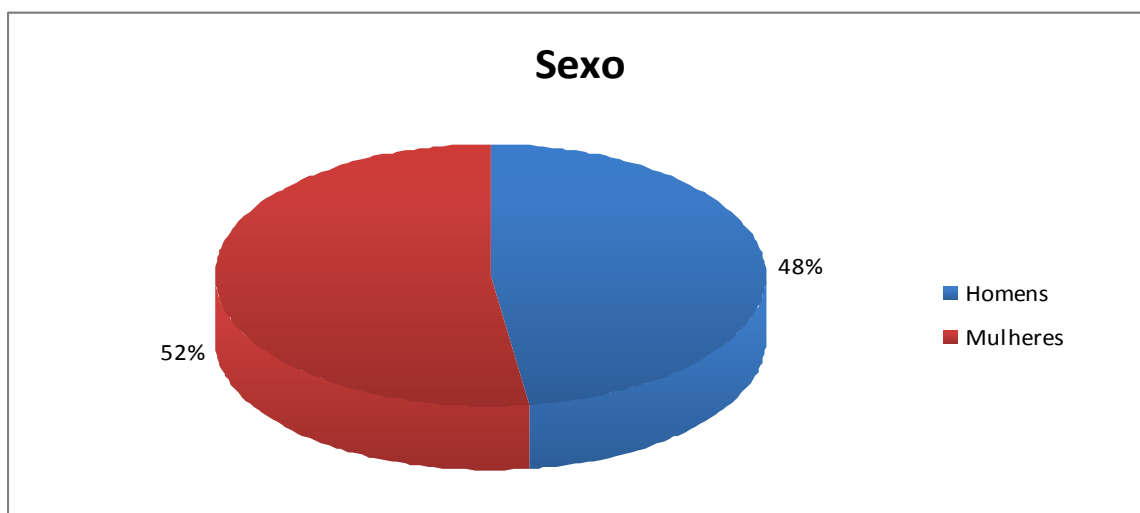


Gráfico 5: Sexo

Com relação à faixa etária, 78% desses alunos têm idade entre dezessete e vinte anos, enquanto 22% tem idade entre quinze e dezesseis anos. Esses números demonstram que, a maioria, encontra-se numa faixa etária correspondente ao ponto alto do período da juventude, em que já começa o estabelecimento de novos vínculos com seus pais, a enfrentar situações de iniciação profissional; no caso do Instituto, o aluno já pode concorrer a uma bolsa de iniciação ao trabalho ou, caso já esteja no quarto ano, poder realizar o estágio do seu curso. Esse é também o momento em que já tem a aceitação do novo corpo e já possui processos psíquicos de um adulto.

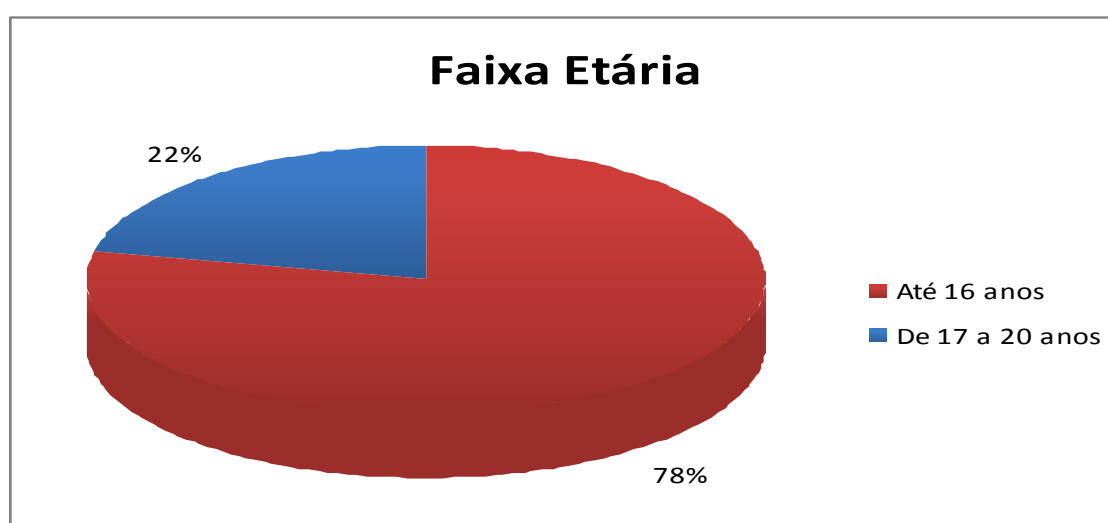


Gráfico 6: Faixa etária.

A área profissional dos frequentadores está distribuída da seguinte forma: 39%, a maioria, são alunos do Curso Técnico Integrado em Mecânica; 35% são alunos do Curso Técnico Integrado em Eletrotécnica, e 26% são alunos do Curso Técnico Integrado em Edificações.

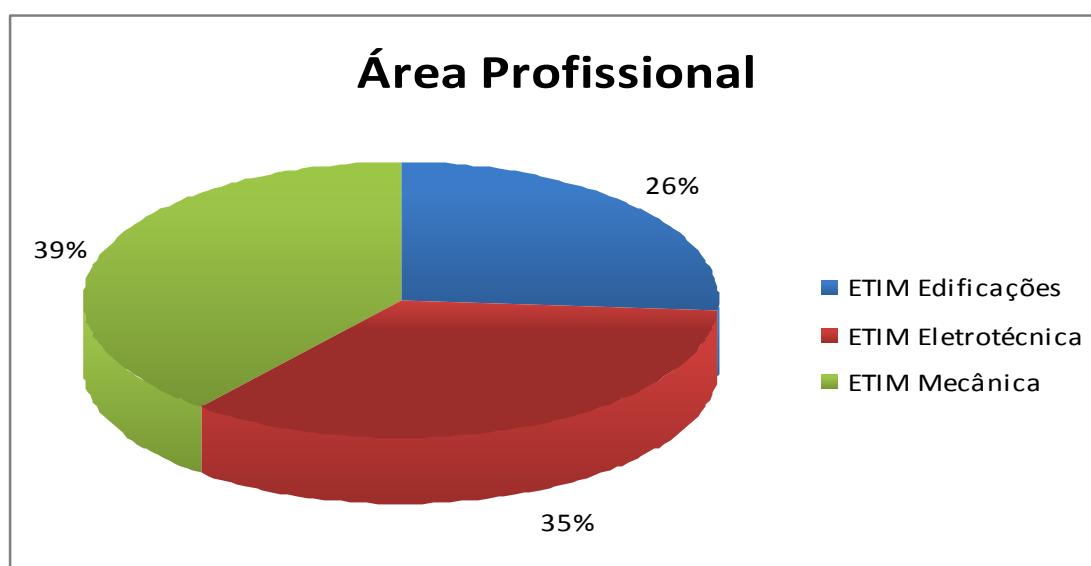


Gráfico 7: Área profissional

Com relação às escolhas religiosas, os resultados obtidos com os frequentadores do JOTEC, no turno da tarde, coincide com os resultados obtidos com os seus líderes, ou seja, a maioria desses participantes diz pertencer à religião evangélica de denominação Batista, o que representa 31% dos frequentadores desse subgrupo. Em seguida, com 18%, vêm os adeptos da Igreja Assembleia de Deus. Na terceira posição estão os católicos com 14%, e em quarta posição com 9% os pertencentes ao Betel Brasileiro. As demais denominações são evangélicas e ficaram distribuídas de forma igualitária, em 4% entre as seguintes denominações: Igreja Universal do Reino de Deus; Sara Nossa terra; Igreja Internacional da Graça; Verbo da Vida; Ministério da Vida; e, Evangélica, sem especificação. Este, portanto, é o perfil religioso desses participantes.

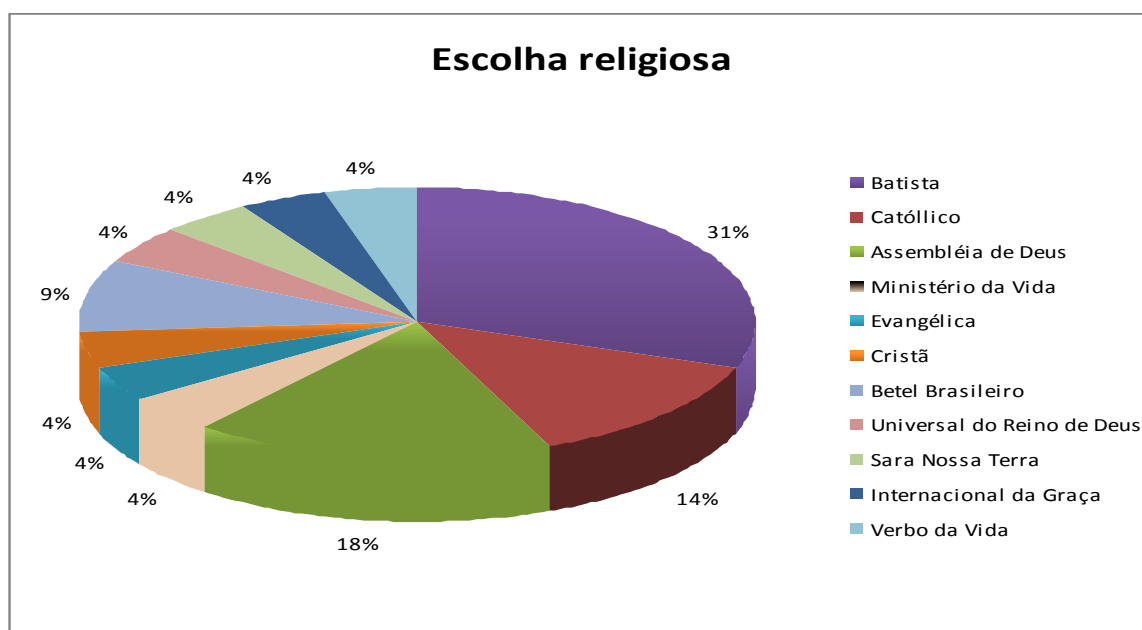


Gráfico 8: Escolha religiosa

Após essas análises, podemos concluir que, apesar dos avanços científicos e tecnológicos, os jovens alunos do IFPB – Campus João Pessoa, participantes do JOTEC: 1. parecem continuar interessados pela religião, fazendo, contudo, opção por uma prática fora dos templos religiosos; 2. continuam a frequentar suas igrejas, grupos religiosos específicos de juventude; e 3. buscam novas formas de contato com o transcendente, o sagrado, o numinoso.

A busca e o estabelecimento de contato com um grupo religioso cristão informal pode ser a indicação de um caminho diferente para a vivência religiosa do jovem, como também a expressão de um novo tipo de contato com a transcendência, em que a religião também se encontra presente.

CONCLUSÃO

No momento em que caminhamos para a conclusão desse trabalho, recorro o início de tudo, quando elaborava um artigo para apresentar no “I Congresso Regional de Ciências da Religião”, promovido pela Universidade Federal de Sergipe e realizado na cidade de Aracajú. O artigo foi escrito em parceria, acompanhado e estimulado pela amiga e mestra Marileuza Fernandes, sob o título: “A presença da religião no ambiente educacional tecnológico”. Começar a escrever sobre o JOTEC, foi o início de um grande desafio, constituindo-se num projeto profissional, com repercussões na minha vida pessoal, pois tornou possível conviver e aprender muito sobre o universo juvenil na atualidade: suas crenças, seus conflitos, seus relacionamentos, seus estudos, sua religiosidade.

Após a apresentação do trabalho, fui abordada pela professora Dra. Maria Otilia, da Universidade Federal da Paraíba, que fez parte dessa banca e, ofereceu-me apoio e confiança para seguir os passos da seleção para o Mestrado. De lá para cá, já se passaram dois anos, que foram percorridos muito mais com prazer que com sofrimento, o que não é comum observarmos entre aqueles que enveredam pelos caminhos da academia.

Iniciei o mestrado com o texto já contendo retalhos que foram, pouco a pouco, tomando forma e unindo conhecimentos antigos e novos. A cada disciplina cursada, o sentimento era o de que os estudos realizados em sala de aula contribuiriam de forma decisiva e consistente em nosso trabalho.

Em meio aos trabalhos exigidos nas disciplinas cursadas, iniciei a escrita da dissertação, que por um longo período constituiu-se numa atividade solitária, face às dificuldades de orientação. Surgiu, então, a possibilidade de ser orientada pela professora Dra. Lúcia Abaurre, que foi amiga, companheira e orientadora, contribuindo passo a passo, sugerindo, ampliando meu olhar diante daquilo que desconhecia. A partir da sua chegada, nesse percurso o trabalho ganhou forma, força e fôlego.

Foram muitos desafios, um deles era realizar a pesquisa no próprio ambiente de trabalho e, manter a distância que o rigor científico exige. Mas, a presença de profissionais competentes que me acompanharam nesse trabalho e, a habilidade dos líderes do JOTEC, tornou possível concluir todas as etapas exigidas e apresentar aqui o resultado dessa viagem inesquecível pelo mundo do conhecimento de diferentes ciências que embasam essa dissertação.

Outro grande desafio esperava-me: conhecer, aprofundar e mergulhar no universo do JOTEC, um grupo que aprendi a conhecer, respeitar e amar. A cada conversa, a cada informação, a cada momento, o grupo demonstrava possuir coerência, valores humanos, e um sentimento profundo de amor uns pelos outros e por todos que precisam de um conforto material e, principalmente, espiritual. Conhecer os participantes do JOTEC foi, para mim, uma experiência inesquecível, enriquecedora e extremamente gratificante, não só do ponto de vista acadêmico, mas também do ponto de vista profissional e pessoal.

Os grupos de jovens são muito coesos e nem sempre permitem a presença ou participação de estranhos em seu redor. Mas, particularmente nessa experiência, em nenhum momento senti ou percebi qualquer mal-estar do grupo em dialogar, esclarecer, ou informar sobre qualquer situação ou assunto em que precisei desse contato com o mesmo. Estranha, era isso que eu era para o grupo e não só estranha, era uma profissional da própria instituição em que eles estudam, precisando conviver com o universo por eles construído para vivenciarem sua religiosidade, tema que por si só já é bastante delicado.

Depois de estudarmos e pesquisarmos sobre o JOTEC, chegamos a algumas conclusões: percebemos a forma de o jovem vivenciar sua religiosidade em um ambiente educacional tecnológico, portanto, profano; e que o Grupo guarda aspectos doutrinários evangélicos bastante consistentes, mas também inova na forma de vivenciar sua prática transcendente. Este aspecto está expresso no rigor quanto à utilização da referência bíblica, tanto nas atividades realizadas por eles, quanto na orientação pessoal daqueles que seguem os postulados cristãos defendidos pelo Grupo.

Aos conflitos próprios da juventude, acrescentam-se os problemas educacionais, sociopolíticos e econômicos da atualidade como: a violência, a gravidez na juventude, as drogas, a falta de perspectivas que vem gerando medo e insegurança diante da vida. O Grupo estuda, discute, dialoga, esclarece com base em suas crenças esses temas bastante delicados, mas que são entendidos como necessários à melhoria das condições psicossociais, emocionais e espirituais dos jovens frequentadores do JOTEC.

As cerimônias ocupam um papel importante em todas as religiões, constituindo-se no momento em que os fiéis invocam, louvam ou manifestam sua gratidão a Deus ou a vários deuses. O conjunto dessas cerimônias religiosas de uma religião denomina-se culto ou liturgia, em que há uma promoção do contato com o sagrado.

As atividades dos jovens do JOTEC podem, assim, ser consideradas cerimônias, embora guardem algumas particularidades quanto à forma e conteúdo das mesmas. Suas

atividades, sistemáticas ou assistemáticas, também seguem o caminho das tradições religiosas, ou seja, encontramos nelas a realização de cerimônias, ou cultos, que apesar de apresentarem características do universo juvenil, guardam no seu cerne as bases doutrinárias das religiões dos seus frequentadores.

Percebemos também que, embora o jovem continue frequentando atividades religiosas em suas igrejas, a atividade não formal parece colocá-lo numa outra posição diante dos seus colegas e do meio social educacional em que exerce liderança, assumindo contato público com o transcendente, enquanto a participação em um o grupo religioso pode ser a indicação de um caminho diferente para a expansão de uma outra forma de vivenciar a religiosidade.

Sabemos que ao longo da história, os homens têm ocupado posição de liderança em suas igrejas, enquanto a mulher tradicionalmente fica com outras tarefas, como por exemplo, a de evangelizar as crianças e os jovens, cuidar das tarefas de limpeza dos templos e igrejas, entre outros, situação esta bastante comum nas igrejas de tradição cristã, como as evangélicas e católicas. Nessa perspectiva, podemos afirmar também que o JOTEC toma posições inovadoras, depositando poder, autoridade, força, atributos masculinos, às lideranças femininas, hoje, presentes de forma expressiva no Grupo.

No modelo de prática religiosa estabelecida pelo Grupo, há uma permissão da participação direta de leigos na liderança do grupo, inexistindo a figura do pastor, do padre ou de outros líderes das religiões constituídas. Aqui, o líder compartilha com outros líderes o caminho e a direção dos seus liderados, que também são convidados a serem multiplicadores do pensamento cristão dentro e fora do Grupo.

Esta experiência possibilitou compreendermos que diante dos avanços científicos e tecnológicos, a religião continua presente na vida dos jovens, nessa perspectiva inovadora, e existindo como reserva de sentido para a vida do ser humano, frente a tantas demandas impostas pela modernidade.

Existe ainda uma forma de identificação afetiva, em que seus membros conseguem construir, manter e até estimular relacionamentos afetivos saudáveis, depositando confiança uns nos outros, investindo num contato mais estreito entre seus membros, o que vem a favorecer os relacionamentos, tornando-os consistentes. No aspecto religioso, o Grupo serve também como instrumento de construção de uma identidade religiosa juvenil, acabando por formar, assim, uma comunidade religiosa com

características e buscas transcendentais próprias dessa fase da vida, inserida em um instituição pública federal de ensino técnico e tecnológico.

Sabemos que a religião manifesta-se em um universo cultural, e que ela influencia e é influenciada pela cultura, portanto, é impossível querer entender a religião sem olhar a cultura em que ela se encontra inserida. A presença de um grupo religioso no IFPB encontra um terreno adverso às manifestações religiosas, face à proposta educacional em que está inserida e por ser uma instituição pública que não contempla em seu currículo disciplina contendo teorias dessa ordem, tornando-se difícil imaginar a presença da religiosidade em seu ambiente.

O homem religioso pode olhar o mundo pelas lentes oferecidas por sua cultura e pela tradição religiosa, que vão orientar seu comportamento, e, como consequência, a sua visão de mundo. A religião também possui a capacidade de interligar o mundo profano ao mundo sagrado, como também vai unir o ser humano ao sagrado, concebendo a religião como um elo entre ele e o transcendente, impedindo dessa forma que se sinta perdido ou só, diante da grandeza do universo.

A religião atua também como instrumento de humanização frente à violência e à ignorância, pois representa uma primitiva forma de conhecimento que foi elaborado pelo ser humano, em que as organizações sociais se estruturaram. A preocupação do Grupo com as grandes questões sociais, como o sexo, a violência e a gravidez, vem confirmar essa colaboração religiosa frente aos problemas contemporâneos.

As mudanças ocorridas na modernidade podem até indicar que a religião é assunto do passado, supostamente superado cientificamente, estando restrito às agremiações confessionais, que seu estudo é rechaçado no campo das ciências, e que sua tradição é reproduzida e produzida pelas instituições, segundo suas regras pedagógicas e metodológicas. Não obstante, vemos, a todo o momento, multiplicarem-se as igrejas em nosso país e novos movimentos religiosos surgirem, em meio às dificuldades vivenciadas em diferentes aspectos.

Em grande parte da história humana, os estabelecimentos religiosos atuaram na sociedade como monopólios, exercendo o controle do pensamento e da ação, situação modificada na modernidade com a afirmação da secularização e do pluralismo religioso. Essa nova situação constitui-se como um marco da perda da segurança que se tinha nas estruturas religiosas e que garantiam a submissão do povo. No caso do JOTEC, a adesão

à religiosidade possui ritmo voluntário, sem imposição de autoridade e sem a presença de líderes religiosos formais, estabelecendo um novo modo de lidar com o transcendente.

As previsões modernas que apontam para o fim da religião parecem não confirmar-se, e o exemplo do JOTEC, como de outros grupos religiosos constituídos por jovens, tanto no nosso estado como em outros do território nacional, é um indicativo de que ainda estamos longe desse acontecimento.

A religião tem se mostrado de diferentes formas no contexto da crise trazida pela modernidade, e apresentado características de resistência a essa situação. Em suas múltiplas faces, a religião parece continuar apresentando-se como instrumento para o enfrentamento das dificuldades encontradas pelo ser humano em diferentes dimensões da sua existência, mantendo-se presente em sua vida a despeito da sua condição socioeconômica, política, cultural, afetiva e transcendental.

Ficou bastante evidente que nas atividades do JOTEC há uma constante exploração de temas juvenis, transmitidos de forma bastante peculiar a essa fase do desenvolvimento humano, caracterizado pela alegria contida nas músicas, pelas cores usadas, pela expressão corporal, presente em suas manifestações de louvor, entre outras. Esses elementos, esquecidos nas grandes religiões constituídas, são muito valorizados e utilizados pelo Grupo nos eventos que realiza, sejam eles sistemáticos ou assistemáticos.

Percebemos que além da vivência religiosa sistemática, o Grupo também busca dar visibilidade às suas práticas, realizando eventos que chamam a atenção pública, e que buscam propagar as ideias cristãs a partir dos modelos vivenciados pelos seus participantes em suas religiões de igrejas, principalmente as de denominações evangélicas.

Também ficou claro que os líderes do JOTEC estimulam seus membros a vivenciarem sua religiosidade não apenas nos encontros realizados por eles, mas principalmente no cotidiano escolar, quando se sentem chamados a serem modelos, espelhos para os colegas de sala e da comunidade educacional, no que tange ao bom comportamento que seria a observância das “Normas Disciplinares”, um código de ética estabelecido pelo Instituto.

Com este estudo concluímos também que, o JOTEC, em suas atividades sistemáticas ou assistemáticas, contribui para o fortalecimento dos laços afetivos dos seus frequentadores, que estabelecem vínculos de amizade para além do grupo, mantendo,

porém, abertura para auxiliar a qualquer outro colega, ou pessoas que necessitem do seu apoio. Nesse sentido, é bastante comum enviarem torpedos, mensagens pela internet, para pedirem orações de intercessão por alguém que esteja com dificuldades, mesmo que se tratem de pessoas desconhecidas pelo Grupo. Assim, a religiosidade, dirigida e praticada pelo JOTEC, parece oferecer segurança, alento e esperança frente às dificuldades escolares ou de cunho pessoal, estabelecendo uma rede de comunicação e ajuda.

Ao término desse estudo, o sentimento experimentado é de imensa alegria e satisfação de ter conhecido este Grupo, com o qual aprendemos muito, além de ter tido a oportunidade de deixar esses registros, antes conhecidos apenas como simples encontros de jovens vivenciando sua religiosidade. Hoje, passa a ser uma história das expressões de religiosidade de um grupo de jovens, contada a partir das informações do próprio Grupo. Essa riqueza de informações fica disponível para possíveis pesquisadores desse universo juvenil e como esperança para aqueles que desconfiam dos poderes da nossa juventude, quanto ao seu presente e ao seu futuro.

REFERÊNCIAS

ALDAZÁBAL, José, **Gestos e símbolos**. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

ALVES, Rubem, **O que é religião**. 9 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

_____, **Concerto para corpo e alma**. 14 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Ed. 70, 1977.

BEZERRA, Anna Thereza P. B. **Pai e mãe ausentes: a outra face do abandono**. FACISA, João Pessoa, 2006.

BETTELHEIM, B. **Uma vida para seu filho**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

BOFF, Leonardo, **Tempo de transcendência: o ser humano como projeto infinito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOGDAN, R. L; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação. Porto, 1994. In: **Conteúdo Escolar**, (2004). **Gestão escolar: introdução**. Disponível em <http://www.conteudoescola.com.br/site/content/view/42/45/>. Acesso em 03/02/2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CONTINS, Márcia, GOMES, Edlaine de C. **Os percursos da fé: uma análise comparativa sobre as apropriações religiosas do espaço urbano entre carismáticos e neopentecostais**. Ano 1, julho, 2007.

CHEVALIER Jean, GHEERBRANT Alain. **Dicionário dos símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Trad. Vera da Costa e Silva et al, 23 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2009.

DA MATTA, Roberto. **A Casa e a rua**. Rio de Janeiro: Roço, 1997.

DURAND, Gilbert, **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad. Hélder Godinho, 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Coleção biblioteca universal)

ELIADE, Mircea.. **Imagens e símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

EL FAR, Alessandra. Ritos de passagem. **Revista: Mente e Cérebro** N°4. (S/D).

(Coleção O Olhar Adolescente)

ESTEVES, Luiz C.G., ABRAMOVAY, Miriam, ANDRADE, Eliane R., **Juventudes:** outros olhares sobre a diversidade. Brasília, 2007.

_____, **Juventude, Juventudes:** pelos outros e por elas mesmas. Brasília, 2007.

FERREIRA SANTOS, Marcos. Cultura Imaterial e processos simbólicos. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia.** São Paulo, 2004.

FONSECA, Alexandre B. e NOVAES, Regina. **Juventudes:** outros olhares sobre a diversidade, Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade: uma primeira aproximação. Brasília, 2007.

FIZZOTTI, Eugênio. Abraham Maslow e Viktor E. Frankl. Os ritos de cura como auto-realização e como busca de sentido In: **LITURGIA E TERAPIA:** A sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade, São Paulo: Paulinas, 1998 (Coleção: Liturgia e participação)

FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus.** Rio Grande do Sul: Sinodal, Co-editora Vozes, Rio de Janeiro, 1985 (Coleção LOGOTERAPIA)

_____. Em busca de sentido: **Um psicólogo no campo de concentração.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FILORAMO, Giovanni, PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões.** São Paulo: Paulinas, 1999

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 20 ed., São Paulo: Edições Loyola, 2010.

GAARDER, Jostein, HELLERN, Victor, NOTAKER, Henry. **O Livro das religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GEERTZ, Clifford. O Beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. In **Nova luz sobre a antropologia:** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GOMES, Eunice Simões Lins. **A catástrofe e o Imaginário dos Sobreviventes:** quando imaginação molda o social. 2 ed, João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

GUERREIRO, Silas, **Novos movimentos religiosos:** O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006 (Coleção temas do ensino religioso).

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas, 2005.

GROPPO, Luis Antônio. **Juventude.** Ensaios sobre sociologia e História das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da religião**. Trad. Monika Ottermann, São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed/Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEGROS, Patrik et al. **Sociologia do imaginário**. Trad. Eduardo Portanova Barros, Porto Alegre: Sulina, 2007 (Coleção Imaginário Cotidiano)

LELO, Antonio Francisco. **A iniciação cristã**: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005, (Coleção água e espírito).

LE MOS, Fernanda. **Religião e masculinidade**, identidades plurais na modernidade. Santo André: Fortune, 2009.

LIMA, Marileuza F. C. de. et al. **Da Escola de Aprendizes da Parahyba à Escola Técnica Federal da Paraíba**: memórias do ensino técnico. ETEFPB/Gráfica, João Pessoa, 1995.

MAGNANI, José G. C., SOUZA, Bruna M., (Orgs.). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

_____. **De Perto e de Dentro**: Notas para uma Etnografia Urbana. NAU: Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Disponível em <http://www.n-a-u.org.depertoededentro..html>. Capturado em 13/11/2009.

_____. **Quando o campo é a cidade**: fazendo antropologia na metrópole. São Paulo: EDUSP, 1996.

MANZINI, E. J., **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, 1990/1991

MARTELLI, S. **A religião na sociedade pós-moderna**: Os jovens e a religião. SP: Paulinas, 1995.

MAHONEY, Abigail Alvarenga et al. O papel da afetividade. **Revista Viver Mente e Cérebro**. São Paulo: 2006. (Coleção Memória da Pedagogia Nº 6)

MUUSS, Rolf E. **Teorias da adolescência**. 5 ed., Minas Gerais: Interlivros, 1966.

NASSER, Maria C. C. **O uso de símbolos**: sugestões para sala de aula. São Paulo: Paulinas, 2006 (Coleção Temas do ensino religioso).

NUNES, Maria José R. A sociologia da Religião In: **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. USARSKI, Frank (Org.). São Paulo: Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, et al, **Ensino religioso**: no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, LÍlian Blank et al. **Religiosidade e fenômeno religioso**. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEN, Ruben G. Por uma antropologia em cidades brasileiras. In: VELHO, Gilberto (Org.). **O Desafio da Cidade: Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 16, Nº 47, 2001.

PASSOS, João Décio. **Como a religião se organiza: Tipos e processos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

PASSOS, João Décio, SOARES, Afonso M^a L. e (Orgs.). **A fé na metrópole: desafios e olhares múltiplos**. São Paulo: Paulinas: EDUC, 2009. (Coleção religião e universidade)

PÊCHEUX, Michel, **O discurso: Estrutura ou acontecimento?** Trad. Eni Pulcinelle Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PERALVA, Angelina, **O Jovem como modelo cultural: Da cristalização histórica das idades da vida, in Juventude e contemporaneidade**, UNESCO, MEC, ANPED. Brasília, 2007. (Coleção Educação para Todos).

PITTA, Danielle P. R. **Iniciação à Teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005. (Coleção filosofia)

RIBEIRO, Cláudio R. **Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários**. São Paulo: Loyola: Olho d'Água, 2009.

SCHMIDT, Bettina E. A antropologia da religião. In: **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo**. Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Ática, 1998. (Série Educação em Ação).

TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da religião**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2003.

TRIVINOS, A. N. S., **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987

VALA, Jorge A. "Análise de conteúdo". In: SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (Orgs.). **Metodologia das ciências sociais**. Lisboa: Afrontamento, 1986.

VALLE, Edênio. A psicologia da religião, In: **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

VELHO, Otávio G. **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

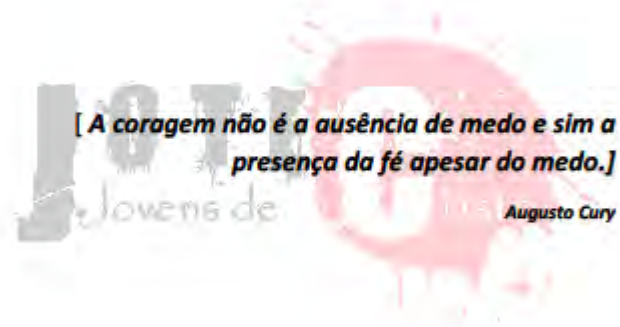
ANEXO I



JOVENS DE CRISTO



UM COMPROMISSO COM DEUS E POR AMOR ÀS
VIDAS



*[A coragem não é a ausência de medo e sim a
presença da fé apesar do medo.]*

Augusto Cury

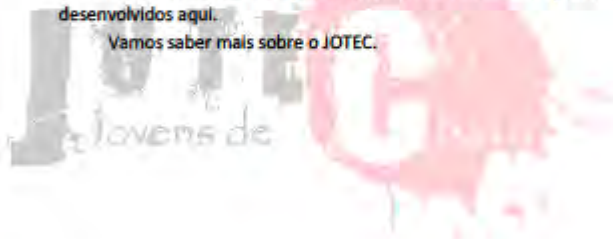
I. INTRODUÇÃO

Esse caderno foi preparado para nortear a liderança do JOTEC em detalhes considerados pilares do grupo. Nele, estão contidos os projetos desenvolvidos pelo grupo, os eventos mais importantes, modelos de solicitação [ofícios no formato próprio do JOTEC] e inúmeras informações que visam contribuir para o crescimento de todos.

É necessário lembrar que cada líder do JOTEC tem liberdade para executar aquilo que DEUS ordenar, mesmo que seja algo nunca realizado pelo grupo e explicado ou sugerido neste livro.

Ao fim de cada ciclo de liderança, o atual líder repassará este caderno ao seu sucessor, explicando com mais detalhes os pontos desenvolvidos aqui.

Vamos saber mais sobre o JOTEC.



II. QUEM PODE PARTICIPAR

Por ser um grupo que se reúne abertamente no pátio da instituição, o convite de participação é feito a todos os alunos, professores e funcionários que ali se encontram. Independentemente da crença, religião ou denominação, todos podem participar. Lembrando, apenas, que o JOTEC é um grupo de **cristãos**. Não é um grupo de católicos "marianos", nem de evangélicos da Igreja "A" ou de espíritas do centro kardecista "B". E como um grupo de cristãos, O NOSSO ALVO É JESUS CRISTO. O nosso guia é o ESPÍRITO SANTO. O NOSSO PAI É JAVE. E O NOSSO MANUAL – a PALAVRA DE DEUS [a Bíblia].

Não deve ser omitido pelo líder quem é Jesus, o que Ele quer que façamos e qual o verdadeiro sentido de viver. Também não pode ser escondido dos participantes do JOTEC que o nosso **único manual** de regra, fé e prática é a Bíblia.

Um líder direcionado por Deus se preocupa com o estado dos seus liderados. É como um pastor que cuida das suas ovelhas. O líder do JOTEC deve estar preparado para ser boca de Deus neste grupo e preocupado com aqueles que Deus está colocando em suas mãos.

Saiba que muitos chegarão no JOTEC aflitos, atormentados, atribulados, fracos, frios... Necessitando de ouvir a PALAVRA DE DEUS. É somente essa PALAVRA que muda o estado do pior homem desta terra.

Chegarão "super-católicos", "super-espíritas", "filósofos", "evangélicos", ateus, crentes, enfim. Esteja preparado para recebê-los com amor e dê a maior atenção a todos. Com o tempo você verá que a semente plantada a cada reunião naqueles corações trará um resultado inenarrável.

Talvez apareçam homossexuais, lésbicas, drogados, coxos – seja instrumento de DEUS para abençoar e pregar a PALAVRA de DEUS a estas vidas.

Em tudo saiba que o Senhor é contigo e sempre será.

III. REUNIÕES

Sugerimos que as reuniões do JOTEC sigam um padrão nos horários da manhã, tarde e noite. Que estas reuniões sejam dinâmicas e conte com o envolvimento de todo o grupo.

Muitas vezes o dirigente de uma reunião toma a oportunidade para si – às vezes sem perceber – e esquece que o grupo está ali para opinar, debater, testemunhar e receber o que está sendo dito. É importante que o líder – responsável direto por convidar pessoas do próprio grupo para dirigir uma reunião – dê instruções ao dirigente, tais como: falar alto, cronometrar o tempo, levantar questionamentos, pedir para que alguém ore iniciando e/ou encerrando, preparar uma dinâmica, cantar uma música. Dessa forma, a reunião será atrativa e haverá oportunidade para pregar a Palavra de DEUS a todos quantos precisam.

Sugerimos também, momentos de comunhão entre o grupo. O líder pode solicitar um dos auditórios da instituição e ali realizar o **MC (MOMENTO DE COMPARTILHAR)**, onde todos terão oportunidade e tempo para expressar o que estão sentindo, as dificuldades, as alegrias. Pode também marcar um momento de **confraternização** na casa de um dos membros do grupo e ali assistir um filme, fazer um lanche, piquenique.

É importante lembrar que em momentos como esse todo o grupo deve participar – manhã, tarde, noite, ensino médio, técnico, subsequente, superior – e ninguém deve ficar de fora.

Para as reuniões abertas, no pátio, ainda sugerimos o **BÍBLIA E ATUALIDADES** – reunião de aprofundamento em temas polêmicos (depois, é claro, de ser muito estudado pelo dirigente).

Essas são apenas sugestões que deram certo no JOTEC e que ainda podem ser desenvolvidas pela liderança.

Na próxima folha, segue em anexo o **GUIA DE PREPARAÇÃO DE ESTUDO – BÍBLIA E ATUALIDADES**.

JOTEC

GUIA PARA PREPARAÇÃO DE ESTUDO – BÍBLIA E ATUALIDADES

1. **TEMA**
Preocupação que vai ser tratada ou demonstrada.
2. **INTRODUÇÃO**
É a apresentação do assunto que vai ser tratado no estudo. Breve e de cotejo.
3. **QUESTIONAMENTOS DO PÚBLICO**
Momento de perguntas que o ministrante de assuntos terá ao grupo. É também momento em que o grupo apresenta seus questionamentos ao ministrante.
4. **ARGUMENTOS CIENTÍFICOS**
Desse ponto de vista, se o assunto a ser tratado, o ministrante deverá apresentar ao grupo provas concretas, provadas pela ciência com estudos físicos, químicos, biológicos, históricos, geográficos etc.
"Tais argumentos devem ser um ponto para aquilo que já está comprovado na Bíblia, e minimizar na verdade absoluta que queremos pregar."
5. **ARGUMENTOS SOCIAIS**
São argumentos que mostram as pessoas em relação à sociedade e a sociedade em relação às pessoas. Arg. ligados com a realidade da realidade de indivíduos. Também dependem muito do assunto a ser tratado.
"Esses argumentos deverão ser um ponto para aquilo que já está comprovado na Bíblia, e minimizar na verdade absoluta que queremos pregar."
6. **ARGUMENTOS PSICOLÓGICOS**
São argumentos que se referem ao comportamento das pessoas, seus estados e emoções físicas e mentais, ao comportamento de algo dentro do estudo.
São aqueles fatos que mostram a atitude das pessoas em relação a alguma situação humana.
"Tais argumentos deverão ser um ponto principal que já está comprovado na Bíblia, e minimizar na verdade absoluta que queremos pregar."
7. **ARGUMENTOS BÍBLICOS**
São argumentos baseados na Bíblia e no ensino de Jesus. Devem ser os mais evidentes, entendidos e bem elaborados.
Nesses argumentos devemos mostrar todos os textos e versículos bíblicos que respaldam o nosso estudo.
8. **CONCLUSÃO**
É a VERDADE ABSOLUTA, ao longo do tempo, que durante todo o estudo bíblico, passando pelo entendimento e aprofundamento do assunto.
É uma das partes mais importantes do estudo. Aqui ressaltamos, de acordo com a Bíblia, a vontade de Deus sobre os nossos vidas.



- **Secreto**

- **Secreto**

- Indiscreto

- **Proposital**

- Pedir uma oportunidade a algum professor e trazer uma mensagem bíblica para todos da sala. [reflexão rápida de 5min.]
- Evangelismo 5/1 – com cada amigo de sala
- Obs. O evangelismo 5/1 é um pré-discipulado de uma semana. Segue em anexo sua estrutura.

V. EVENTOS

O JOTEC é movido pelo Espírito de Deus, portanto cabe ao líder ser sensível a voz do Senhor e executar aquilo que está sendo ordenado por DEUS.

O líder do JOTEC deve entender que a nossa missão é levar a Palavra de DEUS à comunidade institucional. Para isso, nos valem os eventos direcionados por DEUS que visam contribuir com ministração do evangelho.

Atualmente o grupo mantém o evento denominado **SEMANA DE ENCONTRO COM DEUS (SED)**, que conta com o apoio da Instituição na liberação do espaço, transporte e equipamentos necessários para realização do evento; conta também com a participação de grupos de teatro, dança, arte circense, bandas, pregadores.

"Esse é o evento principal do JOTEC e deve ser mantido conforme a Vontade de Deus."

A liderança do grupo pode fazer outros eventos na instituição, desde que estes estejam de acordo com o nosso principal objetivo: **pregar a Palavra de Deus de todas as formas afim de alcançar a muitos.**

A seguir, mostramos em anexo alguns pontos a serem observados na preparação da SED.

SEMANA DE ENCONTRO COM DEUS

DATA: 18 a 24 de Setembro/2010
LUGAR: Mosteiro São Bento, JH, Cuiabá
LÍDER: [nome]

Objetivos (Gerais e Específicos)
- levar a Palavra de Deus a todos
- atingir uma comunidade [nome]

1. Liderança (Liderança e Equipe)
- [nome]
- [nome]

2. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

3. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

4. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

5. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

6. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

7. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

8. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

9. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

10. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

11. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

12. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

13. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

14. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

15. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

16. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

17. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

18. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

19. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

20. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

21. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

22. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

23. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

24. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

25. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

26. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

27. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

28. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

29. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

30. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

31. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

32. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

33. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

34. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

35. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

36. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

37. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

38. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

39. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

40. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

41. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

42. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

43. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

44. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

45. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

46. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

47. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

48. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

49. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

50. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

51. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

52. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

53. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

54. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

55. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

56. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

57. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

58. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

59. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

60. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

61. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

62. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

63. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

64. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

65. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

66. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

67. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

68. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

69. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

70. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

71. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

72. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

73. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

74. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

75. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

76. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

77. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

78. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

79. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

80. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

81. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

82. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

83. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

84. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

85. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

86. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

87. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

88. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

89. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

90. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

91. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

92. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

93. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

94. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

95. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

96. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

97. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

98. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

99. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

100. Equipe (Equipe)
- [nome]
- [nome]
- [nome]
- [nome]

VI. OFÍCIOS (MODELOS)

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA**

JOTEC

SOLICITAÇÃO

A COORDENAÇÃO DE MULTIMÍDIAS

Solicito o AUDITÓRIO 2 para realizarmos a conferência de JOTEC que está no dia 16/12, às 17h às 21h.

Atenciosamente,

**ROMULO DE BRITO GUIMARÃES
LÍDER JOTEC
(83) 8837-5357**

João Pessoa, 06 de novembro de 2010

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA**

JOTEC

SOLICITAÇÃO

À DIRETORIA GERAL

No dia 13 deste mês (sábado), o JOTEC promoverá reunir-se no campus João Pessoa para culminar e decidir os detalhes finais da Semana de Encontro com Deus. Pedimos uma autorização da direção para a entrada na instituição dos alunos responsáveis por esse trabalho.

Com Sessão 1611, teremos 16 alunos, que já estão sendo alocados em alojando do JOTEC.
Lider do grupo: Romulo Guimarães

Atenciosamente,

**ROMULO DE BRITO GUIMARÃES
LÍDER JOTEC
(83) 8837-5357**

João Pessoa, 06 de novembro de 2010

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA**

JOTEC

SOLICITAÇÃO

À COORDENAÇÃO DE MULTIMEIOS

Solicitando a MESA DE SOM na disposição da rede de áudio para realizarmos a 3ª Semana de Encontro com DEUS. O equipamento já fornecido será solicitado ao diretor do campus que dispõe do mesmo, a saber: João Pessoa, para que possa ser utilizado em todas as atividades pertinentes às atividades de formação e ensino.

- A mesa de som para os dias 16, 17, 18 e 19 de novembro. Nos horários 9h, 15h e 17h.
- E a televisão para um eventual vídeo que possamos passar caso haja algum cupom.

Atenciosamente,

**ROMULO DE BRITO CUMARÃES
LÍDER-JOTEC
(83) 9837-5357**

João Pessoa, 03 de novembro de 2010

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA**

JOTEC

SOLICITAÇÃO

À DIRETORIA GERAL

Solicitando, por os dias 16 e 17 de novembro, um transporte que esteja a nossa disposição para fazer o traslado dos equipamentos de som e dos instrumentos das bandas que se apresentarão na Semana de Encontro com Deus. Pedimos a criação de um cronograma para as atividades de ensino, de 16h, para não sobrar as apresentações.

- 16h (Trazer os instrumentos e a banda)
- 17h (Levar os instrumentos e a banda)

Atenciosamente,

**ROMULO DE BRITO CUMARÃES
LÍDER-JOTEC
(83) 9837-5357**

João Pessoa, 03 de novembro de 2010

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA

JOTEC

À DIRETORIA DO CAMPUS

O JOTEC apresenta abaixo o programa de eventos propostos pelo grupo para o decorrer deste ano letivo. Esperamos que sejam aproveitados e que possam proporcionar todo o seu conhecimento e despertar.

DATA	EVENTO	PARTICIPAÇÃO DO INSTITUTO (SOLICITAÇÃO)
SEG - 2 QUIN	REUNIÕES NO PÁTIO 15h30min às 15h40 min	LIBERAÇÃO DO PÁTIO
24 MARÇO	EVANGELISMO COM ARTES 15h30min às 15h40 min 1 - 2 Professores de Artes	
25 ABRIL	ALUNOS DO IFPB - LOLVORÇÃO 15h30min às 15h40min	
17 MAIO	ALUNOS DO IFPB - LOLVORÇÃO 15h30min às 15h40min	PARTECIPANTES, SOBRE TAMBÉM: • PÁTIO • MENSAL (COM) • DE LA SHELW
02 JUNHO	PIT STOP 17h20min às 18h30min	
10 AGOSTO	ALUNOS DO IFPB - LOLVORÇÃO 15h30min às 15h40min	
12 SETEMBRO	ALUNOS DO IFPB - LOLVORÇÃO 15h30min às 15h40min	
10 e 20 OUTUBRO	EXHIBIÇÃO DE FILMES COM ALUNOS Todos os interessados da escola	
10 e 17 DEZEMBRO	EXIBIÇÃO NO AUDITÓRIO 17h20min às 18h30min	AUDITÓRIO

Convidamos com a solicitação do Instituto no sentido de serem liberadas salas e pedimos que não haja nenhuma penalidade, seja financeira, que possa impedir que nossos eventos aconteçam.

Desde já, obrigada pela consideração!

ROMULO DE BRITO GUIMARÃES
LÍDER - JOTEC
RBR1-0957
João Pessoa, 09 de Março de 2010

VII. LIDERANÇA

A liderança é composta por:

- Líder geral (deve ser um dos líderes da manhã ou da tarde)
- Líder da manhã
- Co-líder da manhã
- Líder da tarde
- Co-líder da tarde
- Tesoureiro geral e líder administrativo (deve ser um dos tesoureiros da manhã ou da tarde com função de fazer rifas, arrecadar dinheiro para eventos e preparar ofícios)
- Tesoureiro manhã
- Tesoureiro tarde
- Secretário manhã [responsável pela atualização da lista de integrantes do JOTEC; de lembrar-se dos aniversariantes; de mandar mensagens por celular para todos com avisos e mensagens bíblicas; de ligar para os novos membros]
- Secretário tarde [responsável pela atualização da lista de integrantes do JOTEC; de lembrar dos aniversariantes; de mandar mensagens por celular para todos com avisos e mensagens bíblicas; de ligar para os novos membros]
- Representantes [segue em anexo mais detalhes sobre os representantes]
- Obs. As demais funções como: líder de louvor, intercessão, evangelismo e outros, cabem ao líder decidir se há necessidade ou não de existir em determinado período.

VIII. VOZ DA EXPERIÊNCIA

LUCAS

Aos próximos líderes deixo minha palavra de apoio

Tomar de conta de um grupo, por mais simples ou menor que seja, não é uma tarefa fácil. É preciso renunciar muitas coisas, mas tenha certeza que quando Deus nos chama pra fazer algo ele tem um propósito.

Um líder não pode levar um grupo nas costas sozinho. É preciso saber com quem podemos contar de verdade para fazer algo, não tenha medo de tomar atitudes necessárias. Deus sempre colocará ao nosso lado pessoas dispostas a fazer a obra dele, e precisamos saber nos unir num único propósito. O nosso principal objetivo como cristãos é ganhar vidas para Cristo e que esse seja sempre o foco do Jotec. Não devemos ser falsos e querer que pessoas mudem de religião; **ame as vidas e você sentirá vontade de mudá-las verdadeiramente.**

Não se sinta incapaz ou amedrontado por talvez não ter experiência em liderar, e lembre-se sempre que a obra é de Deus e Ele é contigo e estará sempre bem perto de ti.

ROMULO

Aos próximos líderes deixo minha palavra de apoio

Estar no centro da vontade de DEUS gera insatisfação por parte do inferno. O diabo não se alegra ao ver uma "arma" ativada. Esta arma, líder, **é você e todo esse grupo.**

Não olhe para os problemas – porque virão muitos – nem para sua falta de capacidade de realizar algo, mas apenas **execute** aquilo que DEUS está mandando você fazer. A obra é Dele, portanto Ele mesmo, O Senhor dos Exércitos, se responsabilizará por tudo.

No mais, saiba que um dia a história do JOTEC começou e agora está em suas mãos. **Não deixe esta obra parar. SIGA EM FRENTE! DEUS É CONTIGO!**



ANEXO II



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Este questionário de pesquisa faz parte do trabalho final de dissertação do Mestrado do Curso em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, cujo objetivo é analisar as expressões de religiosidade dos participantes do Grupo Jovens Cristãos, **JOTEC**. A pesquisa busca ainda: 1- Especificar o contexto educacional em que estão inseridos os jovens estudantes do IFPB em termos de disciplina e exigência de estudo; 2- Caracterizar o perfil dos participantes em termos de sexo, faixa etária, escolha da área profissional e escolhas religiosas. Assim, estamos solicitando a sua colaboração no sentido de responder as questões abaixo, o que será de grande valor para o resultado do nosso trabalho.

1. Sexo: Masculino (☐) Feminino (☐) **2. Idade:** _____

3. Qual é o seu curso no IFPB? _____

4. Você tem alguma religião? Sim (☐) Não (☐)

5. Se você respondeu sim a questão anterior, informe qual é a sua religião:_____

6. Qual sua motivação em participar do JOTEC? _____

7. O que você poderia dizer sobre a influência do JOTEC na sua vida?_____

8. Na sua opinião, as atividades religiosas do JOTEC estão relacionadas à melhoria da atuação do aluno em sala de aula? Sim(☐) Não (☐). Explique.

9. Na sua opinião, qual a influência do JOTEC na disciplina escolar dos seus frequentadores?_____

10. Na sua opinião, os frequentadores do JOTEC, melhoram seu rendimento escolar? Explique._____

11. Na sua opinião, a religiosidade, ajuda os alunos no enfrentamento de situações difíceis na sua vida? Explique. _____

Obrigada pelas informações.

